

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA**

**ARQUIVO MNEMÔNICO DO LUGAR
MEMÓRIA E HISTÓRIAS DA CIDADE**

PAULA UGLIONE

Rio de Janeiro

2008



ARQUIVO MNEMÔNICO DO LUGAR **MEMÓRIA E HISTÓRIAS DA CIDADE**

PAULA UGLIONE

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências em Arquitetura.

Orientadora: Cristiane Rose de Siqueira Duarte

Rio de Janeiro
Agosto 2008

ARQUIVO MNEMÔNICO DO LUGAR
MEMÓRIA E HISTÓRIAS DA CIDADE

PAULA UGLIONE

Orientadora: Cristiane Rose de Siqueira Duarte

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências em Arquitetura.

Aprovada por:

Profa. Cristiane Rose de Siqueira Duarte (orientadora)
(PROARQ/FAU/UFRJ)

Profa. Cristiane Rose de Siqueira Duarte (orientadora)
(PROARQ/FAU/UFRJ)

Profa. Beatriz Santos de Oliveira
(PROARQ/FAU/UFRJ)

Profa. Gleice Azambuja Elali
(UFRN)

Prof. Luiz Felipe Baêta Neves Flores
(UERJ)

Profa. Naomi Vasconcellos
(EICOS/UFRJ)

ARQUIVO MNEMÔNICO DO LUGAR

MEMÓRIA E HISTÓRIAS DA CIDADE

PAULA UGLIONE

Orientadora: Cristiane Rose de Siqueira Duarte

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura.

Resumo

A presente tese reflete sobre o estatuto da memória no pensamento da arquitetura contemporânea, buscando contribuir para uma (re)colocação da noção de arquivo como elemento conceitual importante para as reflexões atuais da sociedade em relação às formas de conceber, de projetar e de habitar as cidades. Em sua fundamentação teórica apresenta uma história (ou uma memória) das concepções filosóficas, arquitetônicas e psicológicas subjacentes aos diferentes pensamentos acerca da memória, que “habitam” as cidades desde o início do séc. XX até os dias de hoje. Em sua proposta metodológica, desenvolve uma abordagem de escrita de histórias da cidade, na qual o conceito de Arquivo Mnemônico é o seu eixo fundamental.

Lugares de Memória na cidade são aqueles dotados da capacidade de provocar rupturas na cidade, e com elas a urgência de memória nessa cidade. A noção de arquivo pode ser um dispositivo de escrita de histórias da cidade através do qual uma memória inventiva e ficcional “monta” significações para a vida. Neste sentido, parece que o pensamento arquitetônico contemporâneo tem muito a ganhar olhando a cidade através de seus “arquivos mnemônicos”, inventando maneiras/abordagens de escrever contínuas histórias nela/dela.

Palavras-chave: Memória, Cidade, Lugares de Memória, Arquivo Mnemônico do Lugar

Rio de Janeiro
Agosto 2008

ARQUIVO MNEMÔNICO DO LUGAR

MEMÓRIA E HISTÓRIAS DA CIDADE

PAULA UGLIONE

Orientadora: Cristiane Rose de Siqueira Duarte

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura.

Abstract

This thesis reflects on the memory statute in thinking the contemporary architecture, seeking to contribute to a (re)collocation of the notion of archive as an important conceptual element for the present considerations of the society in relation to the ways of conceiving, projecting and inhabiting the cities. In its theoretical foundation it presents a story (or memory) of the philosophical, architectonic and psychological conception underlying the different thoughts regarding memory that “inhabit” the cities from the early century XX to this day. In its methodological proposal, it develops an approach to the writing of stories of the city, in which the concept of Mnemonic Archive is its fundamental axis.

Places of Memory in the city are those capable of provoking ruptures in the city, and with them the urgency for memory in the city. The notion of archive can be a device for writing stories of the city through which an inventive and fictional memory “assembles” meanings for life. In that sense, it seems that the contemporaneous architectonic thought has a lot to gain when looking at the city through its “mnemonic archives”, inventing manners/approaches to writing continuous stories in it / about it.

Keywords: memory, city, places of memory, place mnemonic archive

Rio de Janeiro
Agosto 2008

U26

Uglione, Paula,

Arquivo mnemônico do lugar: memória e histórias da cidade./ Paula Uglione. – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2008.

168 f.: 30 cm.

Orientadora: Cristiane Rose de Siqueira Duarte.

Tese (Doutorado) – UFRJ/PROARQ/Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, 2008.

Referências bibliográficas: p.159-168.

1. Arquitetura. 2. Memória. 3. Cidade. I. Duarte, Cristiane Rose de Siqueira. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. III. Título.

CDD 720

Agradeço a todos que deixaram suas marcas neste pedaço

da história da minha vida.

À minha família, especialmente aos meus pais, que sempre apoiaram e viabilizaram todas as minhas invenções. Devo tudo a vocês.

À Cristiane, que acreditou e confiou no meu trabalho, mesmo nos momentos mais difíceis e críticos.

Aos professores, colegas e funcionários do PROARQ.

Aos membros da Banca Examinadora, Professores Beatriz Santos de Oliveira, Gleice Elali, Naomi Vasconcellos e Luiz Felipe Neves.

Aos membros da Banca de Qualificação, Professores Laís Bronstein e Paulo Afonso Rheingantz.

Às companheiras e amigas do Grupo de Pesquisa Arquitetura, Subjetividade e Cultura: Alice, Ethel, Kátia, Regina e Victoria.

Ao Pedro, sempre ao meu lado.

Ao Rio de Janeiro.

Introdução	8
Memória e Cidade	13
Memória e Escrita	13
O “Super-Homem” na Cidade	16
Pedaços de/na Cidade	19
Cidade e Existencialismo	20
Cidade, Lugar e Memória	23
Memória-Identidade e o Outro na Cidade	24
Cidade Visível	27
Olhares sobre a Cidade: a Fenomenologia e seus críticos	29
(Otros) Pedaços de/na Cidade – tempos, biografia, memória e lócus	34
Arquivo e Memória: Uma outra História (e outros pedaços de/na cidade)	36
Lugar de Memória – Arquivo, Luto e a (não) Vontade de Lembrar	42
Positivismo e a Memória Resvalada	50
Modernidade e Desenraizamento (ou Um Novo Homem na Cidade?)	53
O Pós-Humanismo, o Nômade e o Parasita na Cidade	56
Memória e Esquecimento	58
Arquivo Mnemônico do Lugar: uma Maneira/abordagem de Escrever (duas)	
Histórias da Cidade	62
Percurso Errante	62
Arquivo Mnemônico do Lugar: recordação, memória e metáfora	63
(duas) Histórias da cidade: as Narrativas do Lugar e um (outro) Arquivo Mnemônico do Lugar	64
Narrativas do Lugar	67
Narrativa do Cassino da Urca e Narrativa do Engenhão	72
Narrativas Metafóricas do Lugar	74
Um (outro) Arquivo Mnemônico do lugar	79
Lugares em Suspensão: sobre a escolha dos estudos de caso	82
Uma (terceira) História da Cidade - O Antigo Cassino da Urca e o Engenhão	85
Um (Outro) Arquivo Mnemônico do Lugar: Suas Etapas e Mecanismos	88

Narrativa Metafórica do Cassino da Urca.....	88
Momento 1) Leitura da Narrativa do Cassino da Urca	88
Momento 2) Inscrição dos Traços	92
Momento 3) Organização dos Traços	100
3.1 – Agrupamento dos Traços por Continuidade e Semelhança.....	100
3.2- Medição da Intensidade (força)dos Traço.....	102
Momento 4) Representação dos Traços	103
Momento 5) Narrativa Metafórica do Cassino da Urca	103
Narrativa Metafórica do Engenhão.....	106
Momento 1) Leitura da Narrativa do Engenhão	106
Momento 2) Inscrição dos Traços	109
Momento 3) Organização dos Traços	115
3.1 – Organização dos Traços por Continuidade e Semelhança.....	115
3.2 – Medição da Intensidade (da força) do Traço.....	118
Momento 4) Representação dos Traços	119
Momento 5) Narrativa Metafórica do Engenhão.....	119
Histórias da Cidade	122
Narrativa do Cassino da Urca	122
Narrativa do Engenhão	128
Narrativa Metafórica do Cassino da Urca.....	133
Narrativa Metafórica do Engenhão.....	137
...E o Elefante Branco se Inscreveu na Cidade	141
Arquivos da Cidade	147
Recomeçando Arquivos.....	158
Bibliografia	159

Na Roma antiga, os lugares físicos eram o suporte para a “organização” das informações a serem evocadas numa prática oratória: era a técnica mnemônica na qual o orador criava uma espécie de mapa mental onde os lugares e as coisas representavam os pontos que deveriam ser destacados em seu discurso. Tal técnica consistia, para aquele que discursaria, imaginar de antemão um lugar, por exemplo, um quarto, e associar cada objeto deste cômodo com as idéias que pretendia “reter” na memória e, assim, no momento do discurso, “passeava” mentalmente pelo quarto e ia recordando-se dos pontos previamente selecionados.

Forma curiosa e remota de aproximar memória e lugar.

Os gregos, por sua vez, fizeram da memória uma deusa, *Mnemósine*. O poeta, na Grécia arcaica, uma vez que era aquele que recebia desta deusa, da memória, os segredos do passado, estava entre os “mestres da verdade”; qualidade para iniciados, a memória distinguia-se da *anamnese*, da recordação, esta uma técnica a ser exercitada. Distinção, esta, que repercutirá em Platão e Aristóteles, para quem a memória, já não mais no plano mítico, mas no mundo da alma, seria uma faculdade sensível de conservar o passado, enquanto a reminiscência seria a faculdade intelectual de evocar voluntariamente esse passado. Memória-dádiva, seja de *Mnemósine*, seja da alma (VERNANT, 1973).

Continuidades e descontinuidades; esta é a trajetória de todo pensamento e, portanto, também das diferentes racionalidades que as épocas tiveram e têm acerca da relação entre a memória e os lugares, a memória e a cidade, a memória e a história.

Assim como a racionalidade medieval acreditou na escritura como chave para “congelar a memória”, a modernidade foi aquela que começou a desconfiar disto,

e muitas águas tiveram que rolar até que esta desconfiança se transformasse no reconhecimento de que o efeito do arquivamento pode não ser, necessariamente o de “conservação” da memória, mas pode ser, pelo contrário, o de sua (da memória) substituição (ARANTES, 1999, 2001; HUYSSSEN, 1994, 2000; JEUDY, 1990, 2005; NORA, 1997 et alli.). E, com esta desconfiança, um “desafeto”, por parte da racionalidade contemporânea, incluindo-se a racionalidade arquitetônica e urbanística, surge com relação ao arquivo como dispositivo da memória: a idéia de arquivo passa a ser, de maneira ampla, vinculada, não de modo homogêneo, evidentemente, a uma *não-vontade de memória* na sociedade.

A presente tese situa-se neste contexto: refletir sobre o estatuto da memória nas racionalidades (nas teorizações, nas concepções e nas conceituações) da arquitetura contemporânea, buscando contribuir para uma (re)colocação do arquivo como elemento conceitual importante para as reflexões atuais da sociedade em relação às formas de conceber, de projetar e de habitar as cidades.

A inserção da Psicanálise no pensamento ocidental é inegável, mesmo que através de “portas de entrada” e com relevâncias bastante diferenciadas. Este legado psicanalítico à cultura deve-se, basicamente, aos textos freudianos, lidos e interpretados nos mais diversos campos do pensamento contemporâneo, mesmo que com muitas oscilações dadas por realidades históricas, religiosas, políticas etc. Na arquitetura, segundo NESBITT (2007), são nítidos os seus (da Psicanálise) rebatimentos, especialmente no campo da teoria e da crítica, através de conceitos específicos como o de *inconsciente*, o de *estranho* entre outros que chegam à arquitetura principalmente a partir da segunda metade do século passado.

Como toda obra complexa, extensa, não-linear, “recortada”, como é a obra freudiana, alguns textos adquirem uma saliência maior enquanto outros “caem no esquecimento” ou se mostram menos atrativos.

Em 1895, Sigmund Freud escreve um texto chamado Projeto de uma Psicologia Científica. Neste texto, num momento ainda iniciante de sua teorização, Freud propõe um modelo de psiquismo pensado como uma “máquina de escrever”. Máquina, ou *aparelho psíquico*, como Freud acabou denominando, que iria, em passos sucessivos e complementares, capturando, organizando e disponibilizando elementos para ser o repertório a partir do qual as experiências perceptivas, comportamentais, cognitivas e afetivas de cada pessoa encontrariam um suporte. Máquina de escritura que dotaria a memória humana de uma extraordinária capacidade de “montar”, movida por mecanismos psicológicos extremamente complexos, “verdades” a partir das quais a vida adquire significado e realidade. O psiquismo seria um arquivo de memória e é deste arquivo e de sua maneira de arquivamento que o homem relaciona-se consigo mesmo e com o mundo que o cerca.

Modelo “engenhosamente” interessante, segundo DERRIDA (2005a), do ponto de vista de uma revolução no estatuto da memória e de uma provocação nos paradigmas filosóficos da verdade, do tempo e da história, que ele estaria colocando em cena.

Este texto, curiosamente, é um dos menos lidos e menos conhecidos dentre os textos freudianos, na cultura de modo geral (BIRMAN, 2008). Por algum motivo – coincidência? – ele é pouco atrativo para o pensamento contemporâneo e, ao que tudo indica, “esquecido” pela arquitetura e pelo urbanismo em suas reflexões sobre o arquivo e sobre a memória na cidade moderna.

Segundo FREUD (1900), todo esquecimento insistente é sinal de encobrimento e, portanto, é um convite a interrogações. O que este modelo de psiquismo, de memória, de sujeito, de história e de verdade poderiam estar dizendo ao pensamento contemporâneo para que ele tenha “conquistado” a importante (e necessária) posição do “negligenciado” e do “esquecido” na cultura?

A presente tese é uma trajetória (sem pretensões à novidades e, talvez errante) que se iniciou como um ponto de interrogação: que contribuições uma concepção de memória como arquivo e de arquivo como máquina de escritura de memória trariam às reflexões e inquietações da arquitetura na atualidade?

“Diante de tantas incertezas, os métodos que calculariam as múltiplas e complexas forças atuantes no espaço construído e forneceria aos arquitetos as ferramentas para intervirem criticamente nesse espaço também se mostram imprecisos, instalando uma crise conceitual e operacional, que instiga a invenção de novos critérios para estetizar a cidade do século XXI” (SCHULTZ, 2007: 236).

Pode uma concepção de memória na/da cidade enquanto arquivo, ser um caminho para a “invenção de novos critérios” para pensar, para conceber, para construir e para habitar esta cidade, ainda tão incipiente, que é a cidade do séc. XXI?

Esta é a interrogação que animou e que guiou o percurso e a história desta tese.

Percurso, este, que teve como balizadores os objetivos, principalmente, de:

- refletir acerca do estatuto da memória nas atuais racionalidades (concepções, teorias, pressupostos) do pensamento arquitetônico;
- desenvolver e utilizar uma abordagem para a escrita de histórias da cidade, a partir de uma concepção de arquivo como escritura de memória na/da cidade.

De modo mais amplo, seu percurso insere-se no conjunto de estudos interdisciplinares que têm buscado contribuir às interrogações que a arquitetura, que o urbanismo, mas também que a psicologia e, de modo mais específico, que a Psicologia Ambiental têm se deparado frente ao desafio de construir uma fundamentação cada vez mais consistente para as intervenções (sejam de análise, de planejamento ou de construção) no âmbito das cidades e dos contextos urbanos atuais da nossa sociedade.

Assim, no Capítulo Cidade e Memória apresenta-se uma história (ou uma memória) das concepções filosóficas, arquitetônicas e psicológicas subjacentes aos diferentes pensamentos acerca da memória, que “habitam” as cidades desde o início do séc. XX até os dias de hoje.

Por sua vez, o capítulo Arquivo Mnemônico do Lugar: uma Maneira/abordagem de Escrever (duas) Histórias da Cidade traz a trajetória do desenvolvimento de uma abordagem/maneira de escrita de histórias da cidade, na qual a noção de arquivo é fundamental. A partir de uma fundamentação e de uma descrição dos momentos e dos procedimentos constituintes da abordagem, o capítulo Um (outro) Arquivo Mnemônico do Lugar apresenta a utilização da abordagem, através da apresentação dos passos através dos quais um “arquivo” dos lugares vai sendo montado e histórias da cidade vão sendo escritas. Histórias, estas, apresentadas/contadas no capítulo Histórias da Cidade.

De forma conclusiva, nos capítulos ...E o Elefante Branco se Inscreveu na Cidade e Arquivos da Cidade apresenta uma análise da abordagem desenvolvida e utilizada, a partir dos objetivos balizadores da tese.

Se o arquivo é um dispositivo de escrita de histórias da cidade através do qual uma memória inventiva, ficcional e desejante “monta” significações para a vida, parece, então, que as racionalidades contemporâneas teriam bastante a ganhar olhando seus esquecimentos e, quem sabe, inventando maneiras/abordagens de escrever arquivos mnemônicos na/da cidade.

Se o mundo pode ser pensado sem expectativas de um início-meio-fim, sem que necessariamente os *fatos estejam enfileirados na ordem contínua de uma história* (PELBART, 2007:94), então, sem nenhuma ambição totalizante, pode-se refletir e escrever sobre ele a partir de um ponto qualquer escolhido.

“Os fatos podem ser ordenados no tempo, dispostos em sua seqüência como numa fila. Ali eles têm seus antecedentes e suas conseqüências que se agrupam apertados, pisam os calcanhares uns dos outros, sem parar, e sem qualquer lacuna. Isto tem a sua importância para qualquer narrativa cuja alma seja continuidade e sucessão” (SCHULZ apud PELBART, 2007: 93).

O presente capítulo é uma escrita fragmentada de coisas e/ou de fragmentos de coisas; ele percorre, a partir de um ponto de inspiração, e sem uma direção muito linear, conceitos, idéias, reflexões que montam uma história (ou uma memória?) da memória na cidade. Como a memória se inscreve (ou não) nas diferentes racionalidades que habitaram e habitam (com seus “personagens” e suas filosofias) real ou virtualmente, concreta ou imaginariamente as cidades ou os modelos de cidades existentes a partir do início do século XX até os dias de hoje? Este foi o ponto aqui escolhido para uma escrita sobre *memória e cidade*, e que teve como inspiração o “percurso” feito por Iñaki Ábalos pela arquitetura moderna.

Memória e Escrita

A memória acompanha, atravessa, entrecruza as diferentes racionalidades culturais da humanidade (FENTRESS & WICKHAM,1994). Para LE GOFF (1982), a trajetória da escrita na comunicação humana é um dos mais importantes analisadores do estatuto da memória nessas diferentes racionalidades, estabelecendo-se entre elas, entre escrita e memória, uma

relação na qual a escrita se insere na mesma proporção em que a memória se tornaria menos livre e menos criativa.

Neste mesmo caminho, situam-se algumas análises contemporâneas sobre a influência das novas tecnologias de comunicação e de informatização no estatuto da memória. Tais análises centram-se na inquestionável capacidade dessas tecnologias de compor, via arquivos digitalizados, um “*vasto corpo de registros*”: aumento quantitativo de registro, diminuição da memória. Diminuição da memória, esta, diretamente relacionada a uma “vontade de não-lembrar” da cultura moderna que atribuiria à tecnologia a tarefa de “armazenar” aquilo do qual teme esquecer, pela sua própria falta de “necessidade” de memória (HUYSEN, 2005).

Para NORA (1997), é na medida em que uma memória escrita, que precisa se inscrever sob forma de registro, que precisa se materializar – sendo esta a função dos *lugares de memória* na cultura - substitui uma memória viva, espontânea, diretamente ligada às experiências vividas das pessoas, é que ela (a memória) sofrerá uma mudança radical na racionalidade e na sensibilidade da humanidade. E a sociedade atual, sob o princípio de um *produtivismo arquivista*, de um *culto documentário*, de uma *memória registradora*, ao delegar ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela e de multiplicar os signos onde ela se deposita, seria o ápice desta metamorfose. Diz ele:

“Nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivo como a nossa, não somente pelo volume que segrega espontaneamente a sociedade moderna, não somente pelos meios técnicos de reprodução e de conservação que ela dispõe, mas pela superstição e o respeito pelo vestígio...Na medida em que desaparece a memória tradicional, nos sentimos impelidos a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, signos visíveis daquilo que foi, como se este dossiê cada vez mais proliferante devesse ter não sei que prova para não sei qual tribunal da história” (p. 31).

Na opinião deste autor supracitado, esta *materialização da memória* ainda será prodigiosamente dilatada, multiplicada, descentralizada. Considera ele que na época clássica os grandes fabricantes de arquivos restringiam-se à Igreja, às grandes famílias e ao Estado. Atualmente todos se sentiriam impelidos a guardar, a conservar todo signo indicativo de memória, mesmo que não se saiba exatamente de qual memória eles são indicativos. “*Produzir arquivo é o imperativo da época*” (p. 32).

Para BOURDIEU (1965) o álbum de família, com o aparecimento da fotografia no séc. XIX, será um dos importantes sistemas de inscrição da memória, no qual o “tempo perdido” é buscado em imagens do passado dispostas em ordem cronológica, enquanto guardiões dos acontecimentos que merecem ser conservados. A fotografia digital sendo, nesta ótica, o desdobramento de uma tecnologia voltada à montagem de uma *memória-prótese*, nas palavras de NORA (1997), que todos individualmente sentir-se-iam convocados.

Para DERRIDA (1973), nas culturas de tradição greco-romana, a voz, enquanto sensorialidade da “presença” teria uma superioridade sobre a escrita; a voz, a fala, o visível, garantiriam, para esta tradição, a “presença da coisa” e, portanto, a sua (da coisa) verdade; a voz seria a linguagem primitiva das experiências humanas, e a escrita, apenas uma ferramenta. Se há um elogio à obra freudiana – diz o autor – é o de ter provocado uma guinada fundamental no estatuto da memória em sua relação com a escrita. Para a racionalidade psicanalítica, psiquismo é memória; as inscrições psíquicas são arquivos feitos de traços que se inscrevem no psiquismo. O psiquismo é aquilo que nele se inscreve, e memória é inscrever “aquilo que aconteceu” no psiquismo. Assim, a relação da escrita com a memória não é de substituição. Memória é escrit(ur)a.

O “Super-Homem” na Cidade

O ‘super-homem’ nietzschiano está centrado sobre si mesmo, desligado do mundo. Em sua posição contemplativa, afasta-se do mundo da moral e de suas obrigações; é um homem que se auto-constrói através do afastamento do mundo determinado pelas normas sociais, e pelo seu encontro com a intensidade de cada instante das coisas. O tempo, para *Zaratustra*, é o do instante, o do eterno retorno daquilo que é vivido como único, numa vida que, assim, mostra-se *reversível como uma ampulheta* (NIETZSCHE, 2007b).

Na fugacidade do instante, Zaratustra recupera o presente da tirania de um futuro divino ou de um passado tradicional.

“Chegará um dia – quiçá muito breve – em que se reconhecerá o que falta às nossas grandes cidades: lugares silenciosos, vastos e espaçosos, para a meditação. Lugares com largas galerias cobertas para os dias de chuva e de sol, aos quais não atingirá o ruído dos carros nem o pregão dos mercadores, e onde uma etiqueta sutil proibirá ao sacerdote de orar em voz alta: edifícios e construções que, em seu conjunto, expressarão o que há de mais sublime na meditação e no isolamento do mundo. Terão passado os tempos me que o monopólio da reflexão pertencia à igreja, em que a vida contemplativa era unicamente religiosa. Tudo o que a igreja tem edificado expressa este pensamento, e eu considero que suas construções nos bastem, ainda que se subtraia delas sua finalidade religiosa. Essas construções falam uma linguagem demasiado patética e demasiado rígida para que nós, ímpios, possamos meditar ali. Queremos traduzir a nós mesmo em pedras e plantas, queremos passear por nós mesmos enquanto circulamos por essas galerias e esses jardins”.

O “super-homem” afasta-se do mundo das obrigações morais, mas jamais deixa de ser um sujeito inserido na polis. Pelo contrário, é um sujeito-efeito da polis, de uma certa polis, que é a cidade moderna. Zaratustra anda lado a lado com o *flâneur* e o *blasé* numa cidade de estímulos intensos, num espaço, o urbano, onde por excelência a vida do homem moderno vai acontecer, homem este que, frente a “morte” de deus, de sua verdade e de sua mitologia, está livre para se mover no mundo (HOLDERLIN & DASTUR, 1994).

DELGADO (1999) cunha o termo “urbanidade” para frisar que, ainda que a cidade moderna produza experiências de afastamento do outro, na sua *natureza embriagadora* (LEACH, 2001), heterogênea e difusa, ela (a cidade) tem uma vitalidade que potencializa em seu habitante, experiências intensas com o mundo.

“O oposto do urbano não é o rural – mas sim uma forma de vida na qual se registra uma estrita conjunção entre a morfologia espacial e a estruturação das funções sociais, associadas a formas de vida baseadas em obrigações rotineiras, em uma distribuição clara dos papéis e em acontecimentos previsíveis. Em sentido análogo, pode-se estabelecer o urbano associado com o distanciamento e a frieza nas relações humanas...Visto por outro lado, o urbano propiciaria um relaxamento dos controles sociais e uma renúncia a formas de vigilância e fiscalização próprias de coletividades pequenas em que se supõe uma cosmovisão compartilhada entre seus membros” (DELGADO, 1999: 7).

Zaratustra não está adormecido pela cidade, diferentemente, em sua posição contemplativa, em seu estado psíquico blasé, em seu andar “flanador” – possibilitados pela liberdade, pela mobilidade, pela embriaguês que a cidade provoca – ele pode vivenciar as experiências mundanas ou cidadinas com a intensidade e a euforia das *forças dionisíacas* de criação. Forças, estas, diferentes das *máquinas-de-produzir* (DELEUZE; GUATARRI, 1997) que caracterizam a cidade na qual ele habita; seu habitante está sereno, flutua sobre a cidade do trabalho, do transporte, da família, do lazer institucionalizado. “*Em uma drástica inversão do que supostamente é a principal característica da cidade (o negócio), a sensação dominante da Cidade Genérica é uma calma misteriosa* (KOOLHAAS, 2007).

Zaratustra não está sem identidade nesta cidade, seu desenraizamento, sua *desterritorialização* é a condição mesma de seu caminhar em direção a territórios sempre “...*fora de alcance, não por serem imaginários, mas ao contrário, porque estão sempre sendo traçados*” (GUATARRI, 1997: 72).

Para ÁBALOS (2003), a obra de Mies Van der Rohe, especialmente entre os anos de 1931 e 1938, é uma expressão clara da influência do pensamento nietzschiano na arquitetura. As casas projetadas neste período, especialmente o conjunto de Casas-Pátio, eram concebidas para um sujeito contemplativo, que foge da publicidade (do controle da moral social) e que deseja o isolamento desta cidade. Postura, esta, de isolamento, que não se confunde com nenhum tipo de defesa à vida natural, de distanciamento da cidade.

“A casa (do conjunto das casas-pátio), e seus muros, não são apenas uma representação cosmológica, mas uma situação precisa: uma casa urbana. Mais ainda, a casa de um mundano, de um cosmopolita. Esses muros denunciam não só o homem urbano que habita em seu interior, mas também a cidade buliçosa, azafamada, a metrópole que está detrás deles. Esta casa, não seria nunca uma casa no campo, fora da cidade. Basta aferir quão ridículo seria imaginá-la por alguém calçado com sapatos rústicos. Sem dúvida, o sujeito miesiano usa magníficos sapatos de couro primorosamente feitos à mão, os sapatos de alguém acostumado a andar por calçadas bem pavimentadas, a passear, a deixar a sua casa para se relacionar nos cafés, nos teatros, nos mercados e bulevares da cidade” (p.28).

Quem habita esta casa necessita estar próximo aos espaços públicos da cidade burguesa onde acontecem as discontinuidades provocadas pelos encontros com o outro, com o diferente, com o estranho, com tudo o que rápida e intensamente também se movimenta e se transmuta neste espaço.

“Talvez seja a amplitude de possibilidades o que constitui a essência de uma cidade: saber que, ao virar a esquina, pode suceder algo inesperado, desconhecido” (KOLLHOFF, 1994: 83).

Quem habita esta casa e esta cidade – extensões uma da outra - se move numa circularidade do eterno retorno daquilo que recomeça a todo instante, a todo acontecimento (DELEUZE, 2006). É a dimensão trágica da vida que o sujeito experiencia na densidade do instante que marca a temporalidade desta cidade.

Zaratustra não passeia por esta cidade em busca de alguma monumentalidade ou de qualquer outra referência identitária na cidade; se há um exercício de

memória em seu andar pela cidade está em reconstruir, em remanejar, a cada instante, os pedaços do que, a cada acontecimento, se (des)faz.

“As múltiplas e freqüentes intervenções (nas cidades), inevitavelmente desfiguradoras dos contextos existentes, constroem novos cenários urbanos, tornando os referentes instáveis e transitórios. As paisagens urbanas, paradoxais e difusas, desintegram os suportes da memória e desativam os mecanismos de reconhecimento. Além de espaço em que emergem movimento, a cidade constitui, sobretudo, um espaço em movimento” (SHULTZ, 2008: 206).

Pedaços de/na Cidade

Esta cidade habitada por Zarathustra também ela se movimenta em eternos retornos, numa temporalidade descontínua na qual cada instante é o signo de um possível acontecimento crucial, um acontecimento que poderá mudar tudo. É uma cidade sempre outra de si mesma (SCHULTZ, 2008); uma cidade caótica, desorganizada, atingida pelas forças que estão sempre a provocar diferença e não identidade, conhecimento e não reconhecimento, enfim, de provocar *repetições diferenciais* (DELEUZE, 2006). Cidade configurada por “restos do mundo”, pela sobreposição de distintos arquivos temporais; *Cidade-colagem* (ROWE & KOETTER, 1975).

Para VIDLER (1990) esta dimensão fragmentária, “aos pedaços” da cidade moderna traduz-se no sentimento de *estranhamente familiar*¹ que caracteriza a relação das pessoas com o espaço urbano contemporâneo. As incursões

¹ Anthony Vidler toma como ponto de apoio para seu conceito um ensaio de Freud, escrito em 1919, chamado *Das Unheimlich (O Estranho)*. Trata-se de um estudo sobre estética no qual Freud apresenta e discute sobre uma curiosa lista de significados para a palavra *unheimlich*, que pode significar o não-familiar, o assustador, o misterioso, o inquietante, mas também “sem casa”, uma vez que heim em alemão significa casa. Neste texto, Freud propõe que « *nos exercícios do sentir* » (p.237) aquilo que se mostra estranho (*unheimlich*) está, muitas vezes, intimamente ligado a algo familiar (*heimlich*). Para Freud, trataria-se de uma variação do fenômeno psíquico de defesa do ego, através do qual aquilo que outrora foi sentido como desagradável ou ameaçador para o sujeito quando retomado no presente (pela memória) é sentido como novo, desconhecido. Uma espécie de duplicidade do eu que possibilita ao psiquismo expulsar de si algo que lhe diz respeito ou que lhe é próprio, tornando o familiar em estranho, o velho em novidade.

espaciais da modernidade, dentre elas *formas fragmentárias neoconstrutivistas que mimetizam corpos mutilados, monumentos históricos indistinguíveis de reproduções reluzentes, paredes que “vêm”, espaços vigiados por olhos em constante movimento* (p. 619) entre outras, transformam o que era íntimo para as pessoas na sua cidade, em algo “estranho” a elas. Para o autor, a arquitetura do estranhamente familiar, típica da arquitetura contemporânea, é aquela que descentra o sujeito, que o confronta com a condição de sem-moradia (ou fora-de-casa) que caracteriza o estar/habitar do homem moderno no mundo.

“É claro que em nenhum desses casos (incursões arquitetônicas) o “estranho” é uma propriedade do espaço em si, nem pode ser provocado por uma conformação espacial peculiar. Em sua dimensão estética, o estranhamente familiar é uma representação de um estado mental de projeção que justamente elimina as fronteiras do real e do irreal a fim de provocar uma ambigüidade perturbadora, um deslizamento entre a vigília e o sonho...interpretamos edifícios e espaços reais por essa ótica não porque sejam portadores de características estranhamente familiares, mas porque funcionam, histórica ou culturalmente, como representações da alienação. Se é possível apontar uma premissa derivada do estudo do estranhamente familiar na cultura moderna, é precisamente a de que não há uma tal arquitetura do estranhamente familiar, mas tão somente aquela que, de tempos em tempos e para diferentes propósitos é investida de atributos associados a esse conceito.” (p. 621).

Para SOUZA (2001), através do texto “O Estranho”, Freud desvela o avesso pela busca do belo e da harmonia quando (em seu texto) menciona ter tido uma atração por algo que ele chama uma *estética negativa* em oposição a uma *estética do agradável*; “...a verdade do desejo – premissa freudiana - não reconhece as fronteiras do feio e do bonito, do horror e do sublime” (p. 128).

Cidade e Existencialismo

Para a filosofia heideggeriana o estranho, o estar sem-casa, fora-de-casa é a metáfora da angústia do ser frente a um mundo que nem sempre ele compreende mas que precisa fazer (compreendê-lo) para nele se projetar. O sujeito existencial está junto às coisas, aquilo que lhe é familiar, os seus pertences, a sua casa fazem parte essencial da vida, que se dá num tempo que

é experienciado a partir da própria subjetividade. *Construir-habitar-pensar*² entrelaçam-se na medida em que a busca pelo sentido das ações e de si confunde-se com o cuidado/cultivo que implica o ato de construir e com a necessidade de um habitar no qual o ser se desenvolva (HEIDEGGER, 2002).

A permanência das coisas no tempo e a “demora “ dos homens junto às coisas são, nesta perspectiva filosófica, essenciais aos modos do ser construir/cultivar/habitar no mundo. Na cultura ocidental da segunda metade do século XX, assombrada com os destroços das grandes guerras, esta filosofia terá uma importante inserção. A memória, por sua vez, se transformará em elemento-chave na reflexão sobre as formas de (re)construir e habitar as cidades, e isto no que tange diretamente ao pensamento e às práticas da arquitetura e do urbanismo.

O cenário de fragmentação, de “despedaçamento” da modernidade será olhado, então, sob uma ótica menos romântica, no sentido de menos encantada, e com este olhar o que se visualizará será um sujeito desenraizado, “fora-de-casa/longe-de-si” e, portanto, angustiado pela destruição e pelo abandono de suas origens - da terra e das coisas em si do mundo, mas também de seus antepassados - e alienado às promessas tecnológicas de progresso próprias do espírito moderno em seu grande projeto de construção do futuro. “*É evidente que Heidegger deseja nos fazer lembrar que nosso mundo-da-vida cotidiana consiste em coisas concretas e não em abstrações da ciência*” (NORBERG-SHULTZ, 1983).

Desde à sensibilidade às questões ambientais, aos modelos de construção e de moradia sustentáveis até às políticas e às intervenções de preservação patrimonial, os principais movimentos, todos impulsionados a partir dos anos sessenta e que se sustentam até os dias atuais, de valorização da herança

² Título de uma conferência proferida por Heidegger em 1951, publicada em HEIDEGGER, Martin. *Ensaios e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002.

cultural e de formas de vida mais naturais e simples, tiveram e tem alguma influência desta filosofia existencialista.

VENTURI et alli (2003), por sua vez, em seu mais conhecido estudo sobre cidade, que é uma crítica à arquitetura moderna feita a partir da análise das formas arquitetônicas de Las Vegas, traz, embora não explicitamente na exposição de seus pensamentos, uma influência ou no mínimo respingos desta visada existencialista sobre os modos de construir e habitar. Comparando elementos arquitetônicos constitutivos da paisagem daquela cidade, o estudo acaba por fazer um elogio a uma arquitetura simples, convencional a qual se aplicam símbolos com vistas a uma *comunicação evidente na cidade*. Uma valorização, sem dúvida, embora sutil e não nostálgica, das permanências que formam o glossário de uma cultura, e que devem ser buscadas, enquanto fontes para a aprendizagem da arquitetura, naquilo que é o familiar, o local, o *nativo*, enfim, o *autêntico* desta cultura.

“Há algo de paradoxal no processo de aprendizagem: olhamos para a história e a tradição para seguir em frente; também podemos olhar para baixo a fim de ir para cima. E a suspensão do juízo pode ser usada como uma ferramenta para tornar o julgamento posterior mais sensível. Essa é uma maneira de aprender com tudo” (p. 27).

Uma inserção da memória na cidade que, sem ter um olhar pessimista sobre o aspecto caótico das configurações urbanas modernas, acena para a riqueza de lugares, de espaços que se voltam ao passado não como espelho (JEUDY, 2005), como reflexo para alguma identidade perdida, mas como inscrições tipológicas “tradicionais” a serem trazidas para a (re)construção atualizada de mundos onde a vida real do homem com suas necessidades cotidianas de expressão e comunicação estejam presentes.

“Alusão e comentário sobre o passado e o presente, ou sobre nossos grandes lugares-comuns ou velhos clichês, e inclusão do cotidiano no ambiente, sagrado e profano – é isto que está faltando na arquitetura moderna de hoje” (VENTURI et alli: 69).

Cidade, Lugar e Memória

Para NESBITT (2006), a memória será um importante elemento de projeto e de crítica na arquitetura a partir dos novos paradigmas teóricos e dos novos temas definidos pelo pós-modernismo. Dentre estes paradigmas e temas, a teoria do *lugar* será um dos principais imãs da memória para as disciplinas arquitetônicas e urbanísticas, na medida em que enfatiza a dimensão da experiência humana (perceptiva, rememorativa, representativa) com o espaço e a idéia do *genius loci* ou “espírito do lugar”.

“O lugar surge no plano simbólico com a significação consciente de um sentido social, e no plano concreto, com o estabelecimento de uma região claramente definida em que o homem ou os homens podem passar a existir. A receptividade e a sensível ressonância de uma lugar – a saber, a percepção sensorial de sua validade como “lugar” – dependem, primeiro de sua estabilidade cotidiana para os sentidos e, segundo, da adequação e riqueza da experiências socioculturais que ele proporciona” (FRAMPTON, 1974: 479).

O *lugar* nasce - e esta seria a função da arquitetura: construir lugares – quando consegue favorecer experiências humanas significativas através de sua materialidade, o que requer uma relação do homem com a natureza (em última instância, com o *genius loci do lugar*) e com as suas origens, ou seja, com sua memória. Tendo, então, como horizonte o enriquecimento da experiência humana, a construção do *lugar* está atrelada tanto aos materiais concretos que o materializam - e aqui está implícita uma crítica à “parafernália” sintética da cultura moderna - como à memória, no sentido daquilo que se preserva do passado original, de uma linhagem das pessoas que nele habitam. Premissas, todas, nitidamente heideggeriana de construção da “habitação autêntica”.

Para NORBERG-SHULTZ (1976) as maneiras de habitar referem-se às diferentes relações que as pessoas estabelecem com os lugares. No ato de habitar estão implicados as funções de orientar-se e de identificar-se com o ambiente, com o lugar. “Sentir-se-em-casa” para ele, e de modo geral para as

abordagens do *lugar* na arquitetura, é o sentimento essencial para um habitar satisfatório e isto significa que uma pessoa em relação a um lugar sente-se orientada nesse lugar, ela sabe onde está e/ou identifica-se com ele, ela gosta, ela sente-se bem nesse lugar.

Identificar-se com um lugar é sentir-se que pertence a este lugar. Para este autor, a despreocupação da sociedade moderna com este elemento de pertencimento, de estar-em-casa, tem provocado formas alienadas de habitar os ambientes e de estar existencialmente no mundo.

“Por isto, é importante não só que nossa ambiência possua uma estrutura espacial que facilite a orientação, mas também que esta seja constituída de objetos concretos de identificação. A identidade humana pressupõe a identidade do lugar... os objetos de identificação são propriedades concretas do ambiente e que as pessoas geralmente desenvolvem relações com elas durante a infância. A criança cresce em espaços verdes, marrons ou brancos, passeia ou brinca na areia, na terra, na pedra ou no musgo, sob um céu nublado ou sereno; agarra e levanta coisas duras e macias; ouve ruídos, como o som do vento balançando as folhas de uma certa espécie de árvore; tem experiências do calor e do frio. É assim que a criança toma conhecimento do ambiente e elabora esquemas perceptuais que determinam todas as suas futuras experiências” (457).

Memória-Identidade e o Outro na Cidade

Memória, juntamente com a percepção surge, assim, no centro da relação homem-lugar enquanto função subjacente à identificação. Nas experiências vividas no passado com as coisas da realidade física e material do mundo, os esquemas perceptivos se desenvolvem e passam a ser a fonte na qual as experiências atuais buscam um apoio, um ativador do sentimento de “familiaridade” inerente ao sentimento de pertencer. Memória-lugar, lugar-identidade, memória-identidade: laços fundamentais de toda uma racionalidade projetual e analítica que terá forte influência nas formas de pensar e de construir a cidade pós-modernismo.

“Do senso comum às políticas públicas existe concordância sobre a necessidade de preservação do passado. Mesmo os cultores do ‘novo’, os fiéis da religião do ‘moderno’, os militantes da mudança permanente não ousariam pronunciar-se a favor da destruição dos traços... Uma necessidade identitária parece estar compondo a experiência coletiva dos homens e a identidade tem no passado o seu lugar de construção” (D’ALÉSSIO, 1993: 97).

Para HALBWACHS (1952, 1997) as *pedras sobre pedras* que moldaram ao longo da história da humanidade seus ambientes construídos são as molduras da memória; na materialidade dos lugares – e justamente por ela - que a memória encontra seu ponto de apoio. Os *aspectos materiais da cidade* oferecem ao sujeito aperceber-se de que *uma parte dele mesmo se mantém permanente, indiferente às paixões, às esperanças, aos medos*. Debruçar-se sobre a “imobilidade das coisas” – ofício da memória - permite que o homem encontre a certeza de sua própria estabilidade e permanência. A memória, então, reforça os sentimentos de pertencimento dos indivíduos a um grupo; reforça a coesão social, cria uma “comunidade afetiva” ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros.

As percepções acerca do passado são constituídas de experiências vivenciadas, de sentidos dados às coisas a partir de contatos sensoriais com fatos, informações, materialidades. É uma memória fenomênica a que HALBWACHS (1952) contrapõe à história e que para ele é a que une o sujeito às coisas, que ajuda na criação de laços de pertencimento aos lugares e que enraíza cada um no grupo social.

Para NORA (1997), os *lugares de memória* são aqueles nos quais a memória “trabalha” (p. 18), oferecendo ao sujeito diferentes pontos de referência a partir dos quais o Outro, o coletivo conecta-se com o individual; pontos de referência que, vindos de outras épocas, de outras realidades e experiências *“freqüentemente integram-se em nossos próprios sentimentos de filiação e de origem”* (p. 21).

FREUD (1913) acredita que a humanidade caminhou ao longo de sua história em direção a formações sociais cada vez mais heterogêneas na medida em que desenvolve formas através das quais a identidade individual pode atrelar-se à coletividade. Para que seja possível a coexistência “civilizada” de grupos diferentes e muitas vezes antagônicos em espaços compartilhados, cada grupo cria seus *tabus* e seus *totens*. E o totem será então erguido ou inscrito no tecido espacial para que a história da fundação desse grupo e seus fundamentos (seus costumes, valores, normas) não sejam esquecidos. O totem provoca uma lembrança que possibilita aos indivíduos um sentimento de pertencimento ao coletivo.

A memória, diz JODELET (2002), é uma questão fundamental para entender como os indivíduos e os grupos se situam nos seus espaços de vida e como se ligam a eles na cidade contemporânea. A memória, considera a autora, uma vez que une de forma dialética o passado, o presente e o futuro, pode favorecer formas de vida sem “rupturas brutais”. Na opinião da autora, se uma “aceleração da vida” causada pela multiplicação dos transportes e pela planetarização das informações ao se encontrar com o fechamento dos espaços e a individualização no interior dos mesmos favorece o individualismo e a abstração simbólicas na sociedade atual, a memória tem um papel fundamental na criação de laços sociais e no estabelecimento de relações simbólicas nos espaços urbanos.

“As principais abordagens através das quais a Psicologia Ambiental contribui em estudos sobre o homem e o ambiente estão vinculadas às representações sócio-espaciais e à memória dos lugares, que envolve a identidade dos indivíduos e dos grupos” (JODELET, 2002:34).

GIEDION (1955) ao definir monumentalidade na arquitetura, inicia dizendo: “...os monumentos são a expressão das mais altas necessidades culturais do Homem; os monumentos são marcos pelos quais os homens criam símbolos para os seus ideais, finalidades e atos” (p.42).

BAVCAR (2003), fotógrafo esloveno cego desde os 10 anos de idade, ao manifestar seu sentimento de “estar-em-casa” quando visita a cidade do Rio de Janeiro diz: “...pareceu-me natural que o Cristo esperasse às portas da cidade numa colina, observando o panorama das comédias e tragédias”. Não é enquanto imagem real que este monumento (Cristo Redentor) se oferece na cidade. Este estrangeiro que se reconheceu e se filiou à cidade não viu a imagem do Cristo, mas foi visto por ela, sentiu-se convocado/convidado por este Outro que estaria lá, no alto, firme, de olhos e braços abertos a todos.

Cidade Visível

No que concerne à orientação no espaço ou às representações sócio-espaciais, Kevin Lynch é uma das principais influências nas correntes de pensamento da arquitetura e do urbanismo no qual a relação homem-lugar passa a ser pensada, essencialmente, através dos aspectos perceptivos que estão em jogo nessa relação. Correntes, estas, que têm, nos princípios da Psicologia da Forma ou Gestalt, sua maior inspiração. Para LYNCH (1997; 2007), a sensação de segurança emocional que as pessoas sentem num ambiente está diretamente ligada a uma *boa imagem ambiental*, que é dada pela organização (através das formas, das cores, dos arranjos) geral desse ambiente. Um espaço com *qualidade ambiental* é justamente aquele cuja organização facilita para quem está neste ambiente a construção de imagens mentais bem estruturadas, de fácil identificação e compreensão. A imagem ambiental (imagens construídas mentalmente sobre o meio físico), assim, seria fundamental (antecede, é base) na relação das pessoas com o espaço urbano, uma vez que a imagem mental é correspondente às características físicas do meio. Mapear a presença de diversos elementos da cidade, sua visibilidade, a força ou a fragilidade de suas imagens, suas conexões, desconexões e outras inter-relações, torna-se uma

intervenção arquitetônica recomendada, através da qual se busca identificar vantagens ou dificuldades da estrutura imagística potencial de uma cidade.

A percepção, desta forma, emerge como o foco de atenção de teorias e de intervenções no campo da arquitetura e do urbanismo, enquanto a função psíquica mais atuante na construção do *lugar* e, conseqüentemente, emerge também uma tendência a valorizar as experiências e os julgamentos subjetivos baseados na aparência imediata dos elementos constitutivos de um espaço.

De maneira ampla pode-se dizer que a boa cidade é aquela cuja organização espacial facilita um reconhecimento de coisas, ou seja, um encontro com o familiar. Afinal, a economia do psiquismo, sua dinâmica de funcionamento o impele a buscar o máximo de estabilidade, a evitar dúvidas, ambivalências, de ficar “perdido” (GOMES FILHO, 2003). Trata-se de uma atração natural do sujeito por estímulos, no caso, por disposições espaciais que favoreçam a sua (do sujeito) estabilidade psíquica. Uma boa cidade é aquela fácil de reconhecer as coisas, de encontrar com rapidez caminhos procurados.

É pela presença dos objetos e na relação direta com eles que percebemos a cidade e, conseqüentemente, interagimos e somos afetados por ela. A riqueza das experiências humanas na cidade advém das suas condições de visibilidade.

A memória, nesta racionalidade, não participaria da constituição da boa cidade, mas inversamente, uma cidade com uma boa forma facilita uma memorização eficiente de elementos (nome de ruas, trajetos etc.) dessa cidade que servem como *caminhos fixados pela memória* (LYNCH, 2007) que serão usados (ativados pela memória) no processo de reconhecimento da cidade. Concepção, esta, bastante próxima das idéias de Henri Bergson, que tiveram, por sua vez, uma grande influência na arquitetura pós-modernismo, principalmente naquelas teorizações alinhadas ao pensamento fenomenológico.

A abordagem de “leitura” da cidade, desenvolvida por Kevin Lynch, insere-se numa perspectiva mais ampla no campo da arquitetura e do urbanismo que é a da busca por uma “nitidez” no urbano; expectativas de mapeamentos da cidade que, em última instância, vislumbram um conhecimento da cidade através de seu “descortinamento”. Crenças e promessas, enfim, de uma boa-visibilidade da cidade.

“A maneira de decifrar o que ocorre no comportamento aparentemente misterioso e indomável das cidades é, em minha opinião, observar mais de perto, com o mínimo de expectativa possível, as cenas e os acontecimentos mais comuns” (JACOBS, 2007:13).

Para ARGAN (2005), a operação de sobrepor imagens individuais do espaço urbano resulta (surpreendentemente) numa imagem “simples e legível” desse espaço.

“Como se passa da interpretação individual, e em grande parte inconsciente, à interpretação coletiva, consciente, com claras perspectivas sobre o passado e sobre o futuro, do significado e do valor urbano? Dissemos que, imaginando representar graficamente a configuração mental do espaço urbano de um indivíduo qualquer, teríamos um emaranhado de sinais no qual, porém, conseguimos decifrar certos ritmos repetidos, certos traçados, certos pontos de convergência que corresponderiam com certeza a atribuições de valor. Esses traçados e esses pontos são os elementos de referência do espaço urbano em nível individual. Imaginemos, sempre por absurdo, que tenhamos levantado a configuração do espaço urbano não de um só habitante, mas de muitos, de todos, e que sobreponemos essas configurações por transparência. Muito provavelmente, não obteríamos uma imagem muito complicada, ou até indecifrável, mas uma imagem mais simples e legível” (p. 233).

Olhares sobre a Cidade: o fenomenológico e seus críticos

Para BERGSON (1999) é através da percepção, que é uma apreensão direta e intuitiva da realidade, que o conhecimento do mundo se dá; idéia esta contrária, em última instância, à representação como mediadora entre o sujeito e o objeto. O conhecimento da matéria está mais nos objetos do que em nós. A percepção

não nasce no sujeito, ela está fora dele, está na matéria. A matéria é um conjunto de imagens que são partes virtuais do universo material; a seleção das percepções entre o conjunto de imagens (uma imagem pode existir sem ser percebida) é um processo seletivo baseado nas experiências passadas, ou seja, aquilo que é percebido é o efeito de um discernimento próprio do espírito, ou seja, da memória. A função da memória é evocar todas as percepções que têm analogia com uma percepção presente, sugerindo, assim, qual imagem será selecionada. A memória é a principal fonte da consciência individual na percepção, é a face subjetiva do conhecimento das coisas.

Perceber, para BERGSON (1999) requer eliminar do conjunto das imagens aquelas que não são interessantes para o nosso corpo (para as necessidades vitais dele), e a base para esta seleção é a memória. A percepção não “cria” nem representa nada, ela seleciona; o espírito que percebe, a partir das necessidades práticas da vida, divide o todo em partes, conforme o que mais interessa.

Percepção e memória se interpenetram de tal forma que a *percepção concreta* não deixa de ser uma *ocasião para lembrar* (BERGSON, 1999). Quanto mais próxima a memória está da percepção, mais a vida psíquica adquire uma finalidade prática. O ideal, sugere o autor, é o maior equilíbrio possível para que a vida não seja nem um “puro agir”, feita de reações imediatas, nem um “puro sonhar”, feita de recordações sem ligação com o momento atual.

Segundo DERRIDA (1973), a obra de Freud, através da idéia de inconsciente que ela traz, é uma das principais e mais contundentes críticas à tradição greco-romana da *presença*, crítica a uma tradição que atrela a verdade à visibilidade. É, acima de tudo, dirá o autor, uma crítica à idéia de percepção como fundamento da verdade no sujeito, tão cara à fenomenologia, e às teorias do *lugar* de modo geral, como mostrado acima.

FREUD (1940), num percurso já de longa caminhada, definitivamente ratifica sua idéia, presente em diferentes momentos de sua obra, de que o real é

desconhecido em sua natureza, ele é incognoscível; “..a equiparação percepção e realidade objetiva (mundo exterior) tornou-se questionável”. Desde seu texto Projeto de uma Psicologia (1895), Freud já postulava que a percepção, longe de ser uma condução de impressões até a consciência, é um processo, o que elimina qualquer possibilidade de uma apreensão imediata, intuitiva da realidade. Ao reconhecer o papel fundamental do desejo e da fantasia na economia psíquica, FREUD (1900) automaticamente já estava postulado que a percepção é moldada, também, pelo desejo, motor da psique. A partir disto, qualquer equivalência que se queira fazer entre percepção e consciência mostra-se problemática, permitindo inclusive que se admita a possibilidade de o objeto ser investido (pelo desejo, pelo inconsciente) antes mesmo de ser percebido (BIRMAN, 2008).

Para MERLEAU-PONTY (2006) - que é uma referência fundamental nas teorias do lugar, e cujas idéias, por sua vez, possuem uma forte influência bergsoniana – é nas vivências diretas com as coisas do mundo, através da percepção, que a verdade delas (das coisas) e do próprio sujeito emerge. A verdade do mundo e de si mesmo estabelece-se nestas e somente nestas experiências de contato ingênuo do sujeito com o objeto, do eu com o mundo: quando estão suspensos os pensamentos, as racionalizações, os conceitos (que assim vistos são sempre preconceitos). Uma vivência intensificada com o mundo implica em uma certa suspensão do tempo, do passado e do futuro, para abrir caminho para o ato mesmo (presente) de experimentar.

O sujeito vincula-se às coisas do mundo, aos lugares, à cidade, por um contato físico, sensorial com a presença (no presente, portanto) das coisas que neles (nos lugares, nas cidades) tem em si, em sua natureza, uma intenção significadora. É um corpo sensível (intuitivo) e uma materialidade intencional (do mundo e das coisas) que constituem uma genuína experiência fenomenológica.

A percepção, entendida nesta perspectiva, é motivada pela simples necessidade vital, ela é intuitiva – o que, aliás, é uma das idéias-pilares de Bergson.

Lembrando que, diferentemente, na ótica das teorias freudianas, entre as urgências vitais e o desejo existe uma complexa dinâmica, sendo que a função perceptiva está ativada tanto por aquelas (urgências vitais) quanto pelas zonas erógenas investidas de libido (de desejo) que põem em funcionamento pulsões parciais, como por exemplo, a pulsão de ver; e o jogo entre voyeurismo e exibicionismo seria uma prova desta desvinculação entre percepção e necessidade (FREUD, 1915).

Para BACHELARD (1974), as vivências eu-mundo são intensificadas, acima de tudo, pela rememoração e pela imaginação. Uma percepção fenomenológica, então, tomando estes duas importantes referências teóricas (Merleau-Ponty e Bachelard) seria atravessada tanto pelas experiências sensoriais com o presente quanto pelas lembranças e rememorações do passado.

A cidade vista por uma ótica fenomenológica é uma cidade-atmosfera. Nela, o sujeito está apaziguado, pois vive o seu presente, sem a angústia nostálgica do passado nem a inquietação das expectativas com o futuro; ele está com sua sensibilidade ativada pelos efeitos rememorativos, oníricos desta cidade.

Assim como a casa bachelardiana, a cidade é um inventário, um espaço de sonhos, formado por unidades, microcosmos (assim como as peças de uma casa desenhada por uma criança) criadas pelas rememorações infantis: recantos, lugares secretos, passagens, contrastes – de cores, tamanhos, volumes. *“Lugares – ruas, vitrines, calçadas - nos quais em pequenos detalhes da arquitetura ou da sugestão de um tipo de vida, mais do que fazer transpor imensos espaços, convencem que imperceptivelmente recuamos no tempo »* (LÉVI-STRAUSS, 2004).

Há uma irracionalidade poética (BACHELARD, 1990) na organização desta cidade: ela é arrumada pela informalidade e pela desfuncionalidade – no sentido

de não-funcionalista – própria dos sonhos e devaneios. Desarrumação própria de uma cidade que se configura tanto, e indistintamente, pelos elementos construtivos quanto pela ocupação de seus espaços. Há uma desordem e uma fragmentação nesta cidade; mas não a desordem e a fragmentação que desaloja, que desenraiza, pelo contrário, aquela que é o efeito do *apropriar-se* ao/do espaço feito pelo seu habitante.

“A essência das cidades não está enraizada somente em fatores funcionais, produtivos ou tecnocráticos. Elas são feitas de diversos materiais, entre eles: a representação, os símbolos, a memória, os desejos e os sonhos” (MONTANER, 1997:157).

Uma espécie de bricolagem de elementos rememorativos e autobiográficos montam esta cidade não tão *nostálgica*, nem tão *profética*, mas um pouco de tudo isto (ROWE; KOETTER, 1975).

“Não podemos realizar atividades interdependentes sem o exercício de ambas, e nenhuma tentativa de suprimir uma no interesse da outra poderá dar certo por muito tempo. Podemos receber a energia da novidade da profecia, mas o nível dessa energia deve ser estritamente referido ao contexto conhecido, quiçá banal e necessariamente carregado de memória do qual emerge.” (p.297).

A memória nesta cidade (fenomenológica) está banalmente encarnada no seu contexto, está impregnada nos elementos todos que narram a história dos seus habitantes, não uma história transcendental, referente à linhagem, mas uma história individual contada por praças, casas com jardins, ponto de ônibus, portas ornamentadas, capelas, bicicletário, janelas entre-abertas, sorveteria. Cidade memorável; mas não memória monumental. Ainda que os efeitos de monumentalidade, dados pela intensificação gestáltica de seus contrastes (suas formas, volumes, tamanhos) sejam fundamentais na composição lúdica da cidade, é uma memória doméstica, individual, referente aos gostos, aos costumes, aos hábitos, aos afetos de seus habitantes/sonhadores que se encarna no contexto da cidade.

A cidade porta a memória, mas ela também é suporte para rememoração: ela é sempre uma cidade imaginada e criada por lembranças (infantis, especialmente) do passado, mas também ela provoca, através de seus elementos constitutivos, recordações. “*Afinal de contas, ao rememorar, não há pessoa que não se encontre consigo mesmo*” (BORGES, 1975) – este poderia ser o sentimento daquele que de forma íntima e intensa se deixa surpreender com a atmosfera fenomenológica da cidade. Nesta cidade, os lugares (de memória?) fazem lembrar.

(Outros) Pedacos de/na Cidade – tempos, biografia, memória e *lócus*

Cidade-analógica (ROSSI, 2006), montagem de elementos-tipos, de objetos, de artefatos familiares, arcaicos, permanentes.

“...Organizei um álbum de meus projetos que se compunha unicamente de coisas já vistas em outros lugares: galerias, silos, casas velhas, fábricas, casas de fazenda na região campestre da Lombardia ou perto de Berlim, e muitas mais, algo entre memória e inventário... objetos familiares, cuja forma e posição já são fixos, mas cujos significados podem ser modificados. Celeiros, estábulos, abrigos, oficinas etc, objetos arquetípicos cujo apelo emocional comum desvenda preocupações eternas..” (p. 380 -381).

Em seus relatos autobiográficos, Aldo Rossi menciona as muitas horas que ficava com amigos na cozinha da casa em que se hospedava em curtas estadas próximo ao Lago Como, no norte da Itália, observando objetos, utensílios, ferramentas, e dentre eles, o bule de café era um de seus favoritos (ROSSI, 1981). Nas pequenas cenas de cidade desenhadas e pintadas por Aldo Rossi – estratégia sempre presente no processo criativo dele - o bule de café comumente está presente, por exemplo, na forma em cone do farol que ilumina a cidade: elementos cotidianos da vida estão sobrepostos, justapostos (em colagens, em formas geométricas, em contextos e em tonalidades), fazendo a composição de imagens que servem como “cenários” para os seus projetos arquitetônicos (ADJMI & BERTOLOTTI, 1993).

“Rossi percebe a cidade como um trabalho de arte, como uma memória coletiva e como um aglomerado de artefatos que informam a sua arquitetura. Através de seus desenhos e pinturas ele está hábil para realizar suas visões, tanto reais quanto fantasiosas e imbuir seus projetos de (um espírito) de eternidade” (p. 51).

Para ARANTES (1999), a arquitetura de Aldo Rossi, feita de combinações, de recombinações e de superposições é, em essência, uma *reinterpretação original e atual dos dados pacientemente recolhidos da memória*” (p.268); recolhidos de um olhar investigativo (do arquiteto) que procura por estes *objetos que são algo entre inventário e memória* (ROSSI, 2006:381). Aldo Rossi está de frente para uma cidade que, através de sua tipologia, da materialidade das coisas, faz, por analogia, (ele) lembrar.

A cidade é *condensação simultânea de tempos* (ROSSI apud ARANTES, 1999), e os sentidos históricos que impregnam os lugares desta cidade são da ordem do *destino* como força e não como somatório de fatos; as forças do destino atravessam, deixam marcas, mas ultrapassam seus personagens, permanecendo ainda como força. Na concepção de cidade de Aldo Rossi, alguns lugares específicos (*lócus*) são permanências impulsoras, elementos primários que, *ao levarem o passado ao presente* (ROSSI apud EISENMAN, 1992) impulsionam o processo de crescimento e revitalização urbana. Permanência e ausência, assim, caracterizam a força de *continuidade* do *lócus*; *“...o lócus persiste através de muitas trocas”* (p.156).

Quando os arquitetos considerados neo-racionalistas, incluindo-se inclui Aldo Rossi, tomam como estratégia a identificação das formas invariantes para proporem intervenções urbanas de “salvamento das cidades” estão, mesmo que não explicitamente, ratificando o sentido histórico da arquitetura: se é verdade que as condições históricas não se repetem como fatos, é preciso, contudo, reconhecer que o presente está marcado pelo passado. E aqui parece estar todo o peso da aceção de *continuidade* tão cara a este grupo de arquitetos, ou seja,

que entre o presente e o passado há sempre uma herança que se transmite e que estabelece “...a *relação contínua que tem as coisas com o tempo*” (ROSSI, 1967).

Arquivo e Memória: Uma outra História (e outros pedaços de/na cidade)

FREUD (1913), ao citar Goethe (“Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”), destaca a noção de herança e de transmissão na história, rompendo, da mesma forma que estes arquitetos (neo-racionalistas), com qualquer perspectiva revivalista: não há resgate do passado a ser feito, mas transformação do presente a partir das forças que vem do passado e das promessas que vem do futuro. Só existe herança se houver promessa; os traços que vem do passado, os arquivos, nas palavras de DERRIDA (2005a), são sempre classificados, interpretados por alguém, não há arquivo sem futuro, ele (o arquivo, os traços) não é uma peça morta do passado. Só há arquivo (seleção, classificação dos traços) se houver um projeto de futuro (alguém que selecionou, classificou). O arquivo é sempre construído por alguém (o historiador, o pesquisador em história, o restaurador, o arquiteto etc.). O arquivo é um instrumento de poder, há uma dimensão ética e política sempre implicada na classificação e seleção dos traços.

É a dimensão desejante no movimento da história. É por existir uma promessa (um desejo de algo, portanto, de um futuro) que o passado *relampeja* no presente. A história é espectral, dirá DERRIDA (2005a), pois é marcada (invariavelmente) pela fantasia, pelo desejo; a história é uma ficção. A noção de uma *documentação ficcional* é, ao contrapor-se a uma documentação positivada, a grande contribuição das teorias freudianas ao discurso da história (DERRIDA, 2005b). Se as inscrições psíquicas da memória (os traços) são atravessadas por *fantasmas*, os fatos que compõe uma história, individual ou coletiva,

aconteceram ou são uma ficção do seu intérprete? Não tem como saber, ensina a teoria freudiana; a história aproxima-se a um imaginário literário.

Para DELEUZE (2006), a teoria freudiana provoca uma guinada no discurso da história, acima de tudo, ao inserir a dimensão do inconsciente, o que contribuiu para o remanejamento de uma posição positivista do tempo (o tempo como cronologia), mas também por inserir a idéia de *trauma* como um acontecimento (comum na vida psíquica do sujeito que é caracterizada por forças oponentes: consciente-inconsciente, id-supergo, pulsão de vida-pulsão de morte) que provoca descontinuidades, *diferenças no campo do mesmo*.

Neste sentido, a relação entre memória e identidade parece modificar-se - ao menos em relação às perspectivas que atrelam de forma direta uma a outra - pois a memória, assim colocada, no campo da diferença, naquilo que se produz a partir de um rompimento com a linha contínua das coisas, não traria identidade, mas pelo contrário, traria o rompimento da identidade. A memória enquanto *repetição diferencial*, é *simulacro*, é o duplo, o estranho, o irreconhecível, ou seja, ela é a dissolução da identidade, ela provoca uma certa implosão do eu. O simulacro é uma *máquina dionisíaca* (DELEUZE, 2006), ele produz *disfarces sucessivos*, funda mundos diferenciais – e, portanto, artísticos, ficcionais.

A dimensão ficcional do psiquismo e da memória é um elemento chave na teorização freudiana.

Em sua primeira teorização sobre o sintoma, FREUD (1983) é categórico: “...os *históricos sofrem principalmente de reminiscências*” (p.43); a causa da histeria seria a vivência real, concreta de uma situação traumática a qual o sujeito não quer recordar, sofrendo, por isto, de lembranças (reminiscências) que não quer ter³. Já numa segunda teorização, na qual revê sua “teoria da sedução”,

³ Para FREUD (1901), o esquecimento é a expressão da *recusa da lembrança a funcionar*. No esquecimento aconteceria uma “seleção”; na base de todo o esquecimento é possível encontrar um *motivo de desprazer*, ou seja, aquilo que é “selecionado” para não chegar à consciência parece sempre estar ligado de forma direta ou indireta a pensamentos ou a sentimentos que

(FREUD, 1896) propõe que o psiquismo está marcado por lembranças das quais o sujeito sofre, contudo, estas lembranças não são de algo que realmente aconteceu, mas de algo fantasiado; a “cena de sedução” que provoca os sintomas na histérica não aconteceram, mas foram fantasiadas., mantendo, entretanto, a capacidade de provocar um trauma.

O psiquismo é marcado por desejos e fantasmas; são as fantasias que inscrevem os traços de memória. As inscrições psíquicas, a memória, é produto das fantasias e não da realidade⁴.

Neste modelo freudiano de funcionamento do aparelho psíquico, a percepção possuiria a função de atualização, de contato e de “captação” da realidade (primeiro momento, e que é uma função da consciência), enquanto a memória possuiria a função de registro dos traços no psiquismo, (segundo momento que,

causam desprazer para a pessoa. Uma “*resistência se oporia à lembrança de impressões ou experiências aflitivas, à representação de pensamentos aflitivos*” (p. 152). Resistência, esta que funciona como um empenho defensivo comparável ao reflexo de fuga na presença de estímulos dolorosos. “*Quando analiso os casos de esquecimento de nomes que observo em mim mesmo, quase sempre descubro que o nome retido relaciona-se com um tema que me é de grande importância pessoal e que é capaz de evocar em mim afetos intensos e quase sempre penosos*” (p. 39).

⁴ Esta (complexa) relação entre percepção, memória, consciência e inconsciente é apresentada na teoria freudiana através do modelo de funcionamento psíquico descrito no texto “Projeto de uma Psicologia”. Neste texto, FREUD (1985) elabora uma teoria considerando que o psiquismo é como um “aparelho” capaz de transmitir e de transformar energia: os neurônios, em movimentos alternados de atividade e de repouso fariam a transmissão e a transformação da energia (Q) que existe no aparelho psíquico; energia essa que foi gerada no psiquismo tanto por estímulos externos (provenientes dos sentidos da audição, da visão, do tato, do paladar) quanto por estímulos internos (provenientes da fome, da respiração, da sexualidade etc) ao organismo humano. Por um princípio de inércia, os neurônios tenderiam antes de tudo a buscar a descarga de toda a quantidade de energia (Q) que recebem, embora esses mesmos neurônios possuam uma estrutura que oferece resistência à descarga total e que Freud chamou as “barreiras de contato”. Em outras palavras, os neurônios estão investidos⁴ de uma quantidade de Q da qual tendem a se livrar e, para isto, além de “escoar” a energia acumulada também buscariam conservar vias de passagem que possibilitariam que o sistema nervoso ficasse afastado daquelas fontes que produzem Q. Assim, além da função de descarga, o movimento dos neurônios teria a função de “fuga do estímulo”. Por um lado uma tendência à descarga e por outro uma tendência a impedir a livre passagem dessa energia, e as “barreiras de contato” enquanto resistências localizadas nos pontos de contato entre os neurônios fariam este impedimento da passagem da energia. As barreiras de contato agem apenas sobre os neurônios impermeáveis, ou seja, sobre aqueles que depois de uma passagem de Q (provocada sempre por uma estimulação externa ou interna) podem se modificar, ficar diferentes do que eram anteriormente, enquanto que os neurônios permeáveis deixam Q passar como se não houvesse barreira de contato, retornando ao mesmo estado depois de cada passagem de Q, não sendo modificados por ela. Os neurônios permeáveis, então, ficariam disponíveis para receber novas estimulações e, por isto, garantem ao psiquismo a realização da função perceptiva. Os neurônios impermeáveis, por sua vez, estão ocupados pela energia que por eles vai passando, formando a base mnemônica do psiquismo.

por sua vez, é uma função do inconsciente) que serão organizados (terceiro momento, ainda pelo inconsciente) por continuidade e semelhança, representados psiquicamente (quarto momento, mas já realizado pelo pré-consciente) e finalmente levados à consciência (quinto momento). No primeiro momento, a captação é feita, mas nada é ainda inscrito no aparelho, para deixá-lo livre a novas recepções. É importante ressaltar, também, que a fantasia já participa da filtragem daquilo que passa do primeiro momento ao segundo momento, ou seja, o traço (mnemônico) já tem as marcas da fantasia, ponto importante de apoio à idéia da memória como ficção.

As idéias freudianas acerca do aparelho psíquico, e mais precisamente suas teorias sobre o sintoma, sempre tiveram alguma relação de inspiração com o modelo da história; em todas as suas teorias, o psiquismo foi pensado como um “arquivo”. As inscrições psíquicas são arquivos, para a teoria freudiana. O psiquismo é memória; e a história construída por este arquivo, o arranjo das marcas que se inscreveram (memória) no psiquismo, “monta” o sintoma. Contudo, especialmente a partir da idéias de *compulsão à repetição* (FREUD, 1920), este arquivo é sempre concebido como “esburacado” – e esta certamente é uma outra importante contribuição das idéias freudianas para o discurso da história, na medida em que esta concepção de arquivo esburacado é, em última instância, uma crítica ao modelo positivista de arquivo (BIRMAN, 2008).

O arquivo é esburacado porque: 1) nem tudo o que aparece (está aparente) está registrado “documentalmente”, pois a repressão pode ter impedido o registro de algumas percepções e sensações no psiquismo (e aquilo que insiste em retornar como algo “de fora” do sujeito, por exemplo, um sintoma que ele não “compreende” – um medo desproporcional e incontrolável frente a algumas situações etc. – é aquilo que, pelo trabalho da repressão, não foi inscrito no psiquismo); 2) algumas inscrições, para que a memória continue funcionando

(para que haja espaço para a inscrição de novos traços mnemônicos) são “apagadas” do psiquismo.

O arquivo não é um documento visível – perspectiva positivista de arquivo – pois nesta “máquina de escrita”, nesta “máquina arquivista” que é o psiquismo, há um mecanismo de apagamento (DERRIDA, 2005a). O esquecimento é a condição da memória - pode-se concluir da teoria freudiana - e o que foi apagado “documentalmente” retorna como repetição, como sintoma (ou como ato falho, sonho, lapso ou chiste). Mas isto que foi apagado poderá ser “decifrado”, assim como no mecanismo de deciframento do sonho (FREUD, 1900). A repetição é uma tentativa de transformar um trauma em símbolo, é uma tentativa de inscrever (e isto seria a memória) esta experiência (traumática) no psiquismo; criar um registro para aquilo que, até então, não tinha marcas.

“Estou certo de que os muros contra incêndios têm a maior poder de impacto em nossa memória que as fachadas principais... em certo sentido, uma cidade se define por seu impacto na memória das pessoas. Tudo que é um pouco mórbido causa, naturalmente, um impacto latente na memória” (WENDERS, 1994: 89).

Mais do que rememorar, transformar o que não tem marcas no psiquismo (o que está apagado) em símbolos será a proposta, por exemplo, de uma intervenção psicanalítica ou de qualquer outra proposta de intervenção “de cura”, de “salvamento”, de “recuperação” no campo da memória (FREUD, 1914). A memória não é um arquivo com registros a serem recuperados, ela é o exercício do registro, ela é a construção do arquivo. A memória, novamente, e sob outro ângulo teórico, é este duplo, que foi (re)criado no lugar do que não tinha ainda sido inscrito no psiquismo, do que não tinha se inserido na cadeia significante do sujeito (LACAN, 1966).

Sob esta ótica, o arquivo não é um dispositivo de restituição de um passado como ele aconteceu, até por que não há esta distância (esse “gap”) entre passado, presente e futuro; na temporalidade do desejo, da fantasia e do inconsciente, há um *passado presente*, um *presente atual* e um *futuro presente*.

Aquilo que repete (no presente atual) é um passado (presente) que foi lançado a um futuro (que já está presente) (BIRMAN, 2008).

Toda história, seja no nível individual ou no nível coletivo, é um eterno recomeço. Frente a um trauma (por exemplo, à destruição de uma edificação importante para a vida de um grupo de pessoas causada por demandas imobiliárias de novas construções) resta “juntar os pedaços”, fazer um remanejamento do que era; este é o movimento da história na vida: recomeçar. E o psiquismo nada mais é do que esta (re)escritura que se vai fazendo frente aos *acontecimentos* da vida. O psiquismo é uma *máquina escriturária* (DERRIDA, 2005a).

Memória é escritura, é *repetição diferencial* daquilo que foi “rachado” pela intensidade do acontecimento. A memória não é linear, não segue um tempo seqüencial, contínuo, cronológico, mas segue a *densidade do instante*, numa lógica temporal na qual um instante pode reverter o curso da vida. Na temporalidade lacaniana, o *instante do ver* é aquele no qual algo “mexe” com a tradição, com a identidade LACAN (1945).

BENJAMIN (1996) em sua concepção de história vê na mudança, do espaço urbano, por exemplo, não tanto o surgimento de algo que potencialmente já existia e que aguardava o momento propício para surgir, mas a essência da própria cultura humana enquanto um conjunto sempre incompleto. Ou seja, mesmo que toda mudança em direção a um novo desenho urbano seja retratada como um exemplo inteiro da vida das pessoas numa determinada época, o autor mostra que este olhar que viu a ‘inteireza’ do movimento passado só foi possível por estarmos situados num ponto exterior, futuro, de onde foi possível vislumbrar aquilo que apareceu como novidade no passado. Diz ele:

“A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só pode se deixar fixar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento em que é reconhecido” (p. 224).

O sujeito, para BENJAMIN (1996), não possui no passado, assim como não possui no presente, o elemento de amarração essencial para entender suas experiências de vida no espaço urbano como um conjunto coerente e inteiro, com causas bem definidas, condições conhecidas e conseqüências previsíveis. A experiência humana é atravessada por uma indeterminação radical que só não causa mais insegurança porque, paradoxalmente, parece conduzir a uma solução: aguardamos ansiosamente pelo futuro desconhecido, pois ele dará sentido às nossas experiências atuais, assim como nós demos sentido às experiências dos nossos antepassados e interpretamos as mudanças que eles passaram não como momentos de insegurança radical, mas como passos necessários de um processo histórico bem definido.

Lugar de Memória – Arquivo, Luto e a (não) Vontade de Lembrar

Diferentemente, NORA (1997) entenderá que qualquer interposição desejante na história é justamente o momento no qual, frente ao fim da tradição da memória, ao haver uma *subversão da história-memória em história-crítica* os arquivos (e todo um modelo de historiografia subjacente a eles) serão apenas os instrumentos de uma memória voluntária e deliberada que em nada se iguala a uma memória *viva, coletiva, englobante*. E os “Lugares de Memória” nada mais serão do que formas de memória substitutas, *memória-prótese* de uma memória vivida.

“A emergência do estudo dos Lugares de Memória se situam em dois movimentos: de um lado um movimento puramente historiográfico, o momento de um retorno reflexivo sobre si mesmo, e de outro, um movimento propriamente histórico, o fim da tradição de memória” (p. 28).

É com olhos na “aceleração” da história, provocada pela mundialização, massificação e midiaticização da sociedade, e o conseqüente “desaparecimento” da memória que NORA (1997) cunhará tal termo (Lugar de Memória). É na

crítica a uma percepção histórica “*dilatada pela película efêmera da atualidade*” que ele faz através de muitos estudos de caso, um elogio (ambivalente) aos Lugares de Memória. NORA (1997) chama de *metamorfose contemporânea*: uma memória “viva”, coletiva, “englobante” é engalfinhada por uma memória voluntária e deliberada, vivida como um dever e não de forma espontânea. Uma cultura (contemporânea) obcecada pela conservação integral de todo o presente e pela preservação integral de todo o passado, dominada pelo sentimento de um esvaziamento rápido e definitivo combinado com a inquietude por uma significação exata do presente e por uma incerteza do futuro. Frente a isto, o mais modesto dos vestígios, o mais humilde dos testemunhos adquire a dignidade virtual de memorável.

Frente ao fim das “sociedades-memória”, das “ideologias-memória”, que, aliás, encontram-se fragilizadas como toda a conservação e a transmissão de valores (a Igreja, a Escola, a Família e o Estado), que a sociedade elege lugares onde se *crystaliza e se refugia* a memória que se esvai. É no seio de uma desritualização do mundo que os *lugares de memória* aparecem.

“Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, monumentos, santuários, associações, são os testemunhos brutos de uma época, ilusões de eternidade. De onde o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais. São rituais de uma sociedade sem rituais...diferenciações de acontecimentos numa sociedade que nivela por princípio...signos de reconhecimento e pertencimento de grupo numa sociedade que tende a não reconhecer senão indivíduos iguais e idênticos” (p. 29).

Lugar de Memória é um resto de memória; nele um sentimento de continuidade está residual. “*Existem Lugares de Memória porque não há mais meios para a memória...se ainda habitássemos nossa memória, não haveria necessidade de consagrar os lugares*” (p. 23). Memória e história, enfatiza NORA (1997), longe de serem sinônimos, opõem-se.

“A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações

sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta daquilo que não é mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências de cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo” (NORA, 1997: 25).

A memória, para NORA (1997) é rechaçada e destruída pela história, entre elas há uma relação de suspeita; a história deslegitima o passado vivido da memória. Uma ambição histórica não é exaltação do que realmente aconteceu, mas sua neantização. Os museus, medalhas e monumentos são o “arsenal” do qual a história precisa para fazer seu trabalho e por isto tratará de conservá-los. Uma inibição a destruir como se fosse possível “*prejulgar aquilo do qual teremos vontade de lembrar*” (p. 31).

A produção indefinida de arquivos é o efeito de uma consciência nova, é a expressão mais clara do terrorismo da memória historicizada. A passagem da memória à história faz com que todos os grupos se sintam obrigados de redefinir sua identidade a partir da revitalização de sua própria história. A busca atualmente pelas genealogias familiares insere-se neste movimento. O fim da história-memória tem multiplicado as memórias particulares que reclamam sua própria história; é uma conversão definitiva à psicologia individual, e aqui NORA (1997), situa o final do séc. XIX como o início dessa metamorfose, que tem sua eclosão no final do séc. XX, quando a memória será colocada no centro das

identidades individuais. “*Deslocamento decisivo da memória: de histórica à psicológica, do social ao individual, do transmissível ao subjetivo, da repetição à rememoração*” (p.33), inaugura-se um novo regime de memória, um assunto agora acima de tudo privado.

“*Os Lugares de Memória vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é necessário criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, notariar atos, porque estas operações não são naturais*” (p. 29).

Para NORA (1997), o arquivo não é mais a relicário de uma memória vivida, mas a secreção voluntária e organizada de uma memória perdida; ele dobra o vivido, ela atualiza o vivido numa *memória-prótese*. Quanto menos a memória é vivida do interior, mais ela precisa de suportes exteriores, precisa de *lugares de memória*.

Esta memória (prótese) chega ao sujeito do exterior e é internalizada como um constrangimento individual visto que ela não é mais uma prática social. “*O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo*” (p. 32). Nesta nova “lei” do lembrar, cada um tem a obrigação de se recordar e de fazer da recuperação de um pertencimento o princípio e o segredo da identidade; este pertencimento o engaja de modo geral.

Se esta relação com o passado, dirá ela, se dá através das produções históricas mais significativas, isto nada tem a ver com o que se espera da memória. Não mais uma continuidade retrospectiva, mas a emergência da descontinuidade; é a *memória-distância*.

Para uma *história-memória*, a percepção do passado é que ele na verdade não passou, tanto que num esforço de rememoração ele poderá ressurgir. Mesmo o presente vem a ser, por sua vez, um passado reconduzido, atualizado. Sem dúvida há o sentimento de que uma ruptura interveio entre o passado e o presente, que faz surgir um antes e um depois; mas isto parecerá menos uma

separação vivida como uma diferença radical do que como um intervalo numa filiação a ser restabelecida.

Para NORA (1997), o que trataríamos de pagar com este compromisso de recordar é uma *dívida impossível de pagar*.

Para HALBWACHS (2004), a memória é uma percepção subjetiva constituída das diferentes participações coletivas dos sujeitos nos acontecimentos sociais; ela é sempre *imaginação pura e simples*, ela apóia-se sobre o passado vivido, ela é sempre uma narrativa viva e natural, “...é uma corrente de pensamento contínuo que nada tem de artificial, ela é um quadro de analogias” (p.84). Para ele, a memória, assim, não se confundiria com a história, esta, pelo contrário, é uma narrativa que estabelece marcos, que delimita, que cria rupturas entre períodos, acontecimentos, lugares. A história refere-se às sínteses dos grandes acontecimentos históricos (na vida de um país, um de grupo, de uma pessoa) e a memória é relativa aos “detalhes”.

“O que justifica ao historiador estas pesquisas de detalhes é que o detalhe somado ao detalhe resultará num conjunto, esse conjunto se somará a outros conjuntos, e que no quadro total que resultará de todas essas sucessivas somas, nada está subordinado a nada, qualquer fato é tão interessante quanto outro, e merece ser enfatizado e transcrito na mesma medida. Ora, tal gênero de apreciação resulta que não se considera o ponto de vista de nenhum dos grupos reais e vivos que existe, ou mesmo que existiram, para que, ao contrário, todos os acontecimentos, todos os lugares e todos os períodos estão longe de apresentar a mesma importância, uma vez que não foram por eles afetados da mesma maneira” (p. 89).

Para HUYSEN (1994), as desilusões da sociedade moderna criaram uma consciência de final do século que tomou para si a “*responsabilidade pelo passado*”, a partir da qual teria se fortalecido no pensamento e na cultura contemporâneos um modo “*nostálgico de busca das origens, como se o objetivo fosse conseguir puxar todos os vários passados para o presente*” (p. 15). Uma “memória arquivista” apareceria na cidade para dar suporte a uma cultura que, frente ao medo do esquecimento almeja uma recordação total do passado; memória que teria subjacente uma “*vontade de se precaver contra as ameaças*

de um desaparecimento” (JEUDY, 2005). Vinculação esta entre cidade e memória que não deixaria de ser a expressão de uma “...*incapacidade ou falta de vontade de “lembrar” das pessoas, de seu grupo e da sua comunidade*” (HUYSSSEN, 2000).

“Pesquisa, salvamento, exaltação da memória coletiva, não mais nos acontecimentos, mas no tempo longínquo; busca dessa memória, não tanto nos textos, mas, sobretudo nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos rituais e nas festas: é um convergir da atenção histórica. Mudança partilhada pelo grande público obcecado pelo medo de uma perda de memória, de uma amnésia coletiva que exprime desajeitadamente na moda retro, a moda do passado, explorada sem vergonha pelos mercadores de memória que desde que esta se tornou um dos objetos da sociedade de consumo que se vendem bem” (LE GOFF, 1982:54).

“Destruídos os velhos modelos e descartada qualquer ambição de criar obras duradouras, o que restou foi a dinâmica acelerada da mutação.” (MORAES, 2002: 56). Mundo *estilhaçado*, frente ao qual nenhum inventário estará a sua altura e o impulso a uma “frenética” atividade arquivista será uma das respostas desta sociedade que se vê *estilhaçada*; sociedade imersa numa *supermodernidade*, mundo prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero (AUGÉ, 1994).

“...o excesso está no fundamento do mal-estar contemporâneo. Assim, em face do excesso, o psiquismo procura dele se livrar pela ação, para correr o risco de ficar paralisado pela angústia” (BIRMAN, 2006: 183).

Mal-estar contemporâneo que se assemelha ao dilema do Sr. S, paciente de uma clínica psicológica nos anos 40 em Moscou, cujo caso foi estudado por LURIA (1999). Sr. S. tinha um problema: não conseguia esquecer. Os inúmeros detalhes de uma informação (qualquer) da realidade acumulavam-se em suas recordações gerando gradativamente mais e mais detalhes. Numa tentativa desesperada para resolver este problema que acabava por sobrecarregar sua mente, levando-o a um grande cansaço e a uma tendência à fuga de novas informações, desenvolveu uma técnica de esquecimento: transcrevia o que não desejava mais lembrar. Acreditava que, uma vez que tivesse anotado alguma

coisa, não mais precisaria lembrar-se dela. Mas a técnica não funcionou e, no seu desespero começou a jogar foras os papéis sobre os quais anotava, mas também não funcionou. Foi mais além: queimava os papéis nos quais havia anotado. Por fim, desistiu da técnica, pois “...descobriu que nem mesmo o fogo conseguia apagar os vestígios daquilo que desejava esquecer” (p. 60).

Para ATTALI (2001) uma nova experiência do sujeito na cidade contemporânea com o tempo e com o espaço, define uma nova relação dele com a história e a memória.

“A experiência de um vazio vivido no presente fazem o sujeito comunicar-se não somente com o passado da cidade (através de sua mitologia e de seu patrimônio) senão também com um futuro imaginário. Por que a indiferença aos determinantes da extensão, das distâncias e dos compartimentos, assim como a submissão da mobilidade a uma lógica dos intercâmbios centralizada e controlada, tem feito com que o espaço perca grande parte de seu sentido enquanto fundamento dos “assentamentos humanos”. Ao recorrer-se aos horizontes temporais que o ligam aos âmbitos da memória histórica, a imaginação coletiva está mais disposta ainda lançar-se até aos extremos da ficção” (p.277).

Para CHOAY (2007), uma face narcisista e compulsiva da subjetividade contemporânea, na busca de um reflexo de si uma saída – sempre fracassada - para o mal-estar da condição efêmera e transitória da vida.

“Representado por um labirinto dissimulado pela superfície cativante de um espelho, o patrimônio arquitetônico e urbano, com as atitudes conservatórias que o acompanham, pode ser decifrado como uma alegoria do homem na aurora do séc. XXI: incerto da direção que o orientam a ciência e a técnica, busca um caminho no qual elas possam libertá-lo do espaço e do tempo para, de forma diferente e melhor, deixar que os invista” (p. 66).

Para GAY (2005) a teoria freudiana foi, em grande parte, uma resposta às reflexões suscitadas no pensamento ocidental pós-guerra que buscavam compreender o medo do “desaparecimento” das culturas que pairava neste período. Mais especificamente, em seu texto “Luto e Melancolia”, FREUD (1917), apresenta uma teoria sobre formas diferenciadas através das quais uma pessoa,

um grupo ou uma sociedade reagem frente à inexorável passagem do tempo e às transformações que o processo histórico provoca na vida individual e coletiva das pessoas.

Na melancolia, uma das formas descritas por Freud, não haveria o reconhecimento de qualquer perda que possa ocorrer em decorrência das transformações. HUYSSSEN (1994), em sua análise das concepções de memória nas intervenções urbanas da atualidade, salienta: “(...)é inevitável a fissura (*split*) que existe entre experienciar um evento e recordá-lo através de uma representação. Mais do que lamentar ou ignorar esta fissura, entendê-la pode ser um grande estímulo para a criatividade cultural e artística” (p. 3). Na melancolia haveria um processo de negação desta “fissura” e o passado sendo vivenciado como presença imutável invade o presente e o futuro como “petrificação” do tempo.

No luto patológico, outra forma, existe o reconhecimento dos hiatos que marcam o processo histórico, porém o medo do desaparecimento daquilo que se perdeu com as fissuras acarretam uma busca da “*atualização instantânea do passado*” (ARANTES, 2001). A este respeito, MANGUEL (2003), em uma análise sobre a relação entre memória e monumentos chama a atenção para o fato de que a arquitetura cria verdadeiros “*vácuos semióticos*” quando propõe qualquer tipo de “*retrato autêntico do passado*”.

No luto patológico, o “vácuo” surgiria como efeito de uma intervenção que visaria à representação do objeto real (e que já não existe mais), o que é em si é uma operação fadada ao insucesso, como “...um corpo embalsamado, que só aparentemente está vivo” (EISENMAN, 1992: 155).

Diferente da melancolia e do luto patológico, para a teoria freudiana, há uma forma de situar-se frente às transformações da vida que é o processo do luto propriamente dito. Neste, o objeto perdido é re-significado no presente; o trabalho do luto é um processo de simbolização desse objeto perdido.

Para SOLÀ-MORALES (2003), uma *cultura conservadora da cidade* teria sido uma das respostas da sociedade a partir da segunda metade do século passado - e de forma especial da arquitetura - frente ao “desmonte” das promessas (de progresso e de futuro) da modernidade, “...uma cultura mimética do passado e comprometida sobretudo com qualquer idéia de recuperação, permanência, custódia e rememoração do gênio do lugar” (p. 109).

Positivismo e a Memória Resvalada

FOUCAULT (1996b), em sua complexa e clássica visão da sociedade, exaustivamente demonstrou serem as tecnologias da vida moderna (ou os mecanismos de aperfeiçoamento social) que possibilitariam a concomitância do progresso, da liberdade e do controle, sendo este conjunto o principal pilar da modernidade⁵. Cidade-moderna: uma tarefa para a ciência e para as tecnologias industriais de construção. A descrição científica da sociedade proposta pelo positivismo olha os fenômenos sociais, humanos, biológicos a luz das leis naturais invariáveis. É a aplicação da abstração científica das ciências exatas às demais racionalidades. Assim como o mundo natural e seus ciclos, a cidade também será recortada em fenômenos para ser entendida e planejada; ela também tem seus ciclos vitais: lazer, trabalho, transporte e moradia.

Cidade-futuro: projeto social utópico do positivismo, habitat de uma sociedade livre das amarras do passado e otimista com o futuro. Sociedade que marcha, projetando-se para frente, por etapas sucessivas de aperfeiçoamento (COMTE apud PERRONE-MOISES, 2004).

⁵ A crítica de Foucault ao modelo arquitetônico panóptico, como se sabe, é emblemático do seu posicionamento quanto às “*tecnologias da vida moderna*”. Com relação a este posicionamento crítico de Foucault às instituições modernas – tendo ele incluído nelas a arquitetura e o urbanismo – LEACH (2001) chama atenção para uma entrevista dada pelo filósofo, posterior ao texto em que apresenta suas idéias acerca do panoptismo, na qual Foucault afirmaria sua convicção de que a forma arquitetônica em si mesma não pode atuar como forma de liberdade nem de controle, pode sim oferecer espaços que, no máximo, podem convidar a certas práticas espaciais, sejam de controle ou de liberdade.

“Um tempo que se projeta para frente, amnésico, e que implica, sem dúvida, uma valoração bem distinta do passado e do futuro: o primeiro não será outra coisa, que não o recontar da dor acumulada; tudo o que dele provém terá um valor inferior ao que promete o futuro, e somente será valorizado por representar o esforço de estágios inferiores da sociedade em sua jornada linear até o progresso...o espaço positivista é um espaço sem densidade, sem memória, lançado ao futuro em direção contrária ao passado” (ÁBALOS, 2003: 73).

O tempo na cidade positivista desloca-se linearmente em direção a uma perfeição: no tempo presente o passado já é (por definição) “ultrapassado”, ele ficou para trás, e o futuro está (e sempre estará, enquanto circularidade utópica) distante, a frente.

Crescimento e desenvolvimento: esta é a lógica (natural) das coisas e, portanto, também da cidade; é a cidade funcionalista e organicista: cidade do plano, da planificação e das técnicas de controle e aperfeiçoamento deste crescimento e desenvolvimento. É uma cidade prática, higiênica, eficiente. Assim como as tarefas de trabalho nesta sociedade do crescimento e do desenvolvimento são objeto de divisões, de cálculos, de medição, o espaço o é visando a sua melhor compreensão e a sua maior eficácia.

Há uma visibilidade *panóptica* nesta cidade: não há nela espaço para esconderijos, desvios, isolamento, contemplação. E os monumentos históricos aleatoriamente distribuídos numa cidade é a homenagem (singela e restrita) à memória nesta cidade.

No que concerne à arquitetura modernista, ARGAN (2004) lembra que o combate à qualquer historicismo era um combate, antes de tudo à idéia de cidade como representante do poder autoritário do Estado, pelo contrário, para os modernistas, a cidade é o *local da vida*, ela é *“...uma cidade viva, ligada ao espírito de uma sociedade ativa e moderna...a arquitetura não pode continuar vinculada a uma repertório de formas despidas de significado, mas deve se adequar às novas formas por meio das quais a sociedade expressa seu*

sentimento do presente, às novas técnicas que refletem seu dinamismo interno”
(p. 189).

Nesta cidade positivista uma vida harmônica e feliz se projeta num habitat que, ao contemplar as necessidades vitais, naturais de seu habitante, integra o homem ao seu meio, através de uma engrenagem (científica, tecnológica) desenvolvida para garantir a tal ordem e progresso da sociedade. É uma cidade sem conflitos, onde o “corpo social”, o coletivo, sobressai-se ao indivíduo; este sendo algo abstrato. O sujeito desta cidade, portanto, não está sozinho, mas com seu grupo, e especialmente, com seu grupo biológico, a sua família. Há uma unidade harmoniosa neste ambiente: uma cidade de iguais, planejada para iguais.

Os jardins e terraços serão a expressão máxima desta cidade onde saúde, natureza, higiene e progresso são seus ditames edificantes. Espaços utilitários, higiênicos e organizados, sem restos incertos e “contagiosos” do passado.

Cidade-máquina (LE CORBUSIER, 2000). Tempo e espaço otimizados: lugares amplos, completos e fechados (“bem acabados”), deslocamentos rápidos; a linha de montagem está na cidade.

“...o “fragmentado” ou o “quebrado” finca suas raízes mais profundamente na memória que o “completo”. O “quebrado” tem uma superfície rugosa a qual nossa memória pode se agarrar. Na superfície lisa do “completo” a memória resvala...é importante para uma cidade permitir às pessoas aperceberem-se das marcas do tempo”
(WENDERS, 1994: 89).

Os materiais sintéticos e as superfícies lisas nos quais se erguem as paredes da cidade positivista não permitem as marcas (mnemônicas) da vida. Cidade sem recantos, onde o descanso, a intimidade e o prazer fazem parte do “plano”: tudo está programado (pelo relógio-ponto do trabalho, pelo horário-nobre da televisão).

“As mesas metálicas, plásticas (ou então, quando se quer sugerir monumentalidade, marmóreas, talvez de madeira esmaltada), recusam qualquer fissura, aranhão, ou manchas que, caso contrário, logo seriam

reparados pela reposição de idênticas placas de cobertura, sempre impedindo que se iniciassem nas marcas as insígnias do espaço humano, espaço habitado pelos sinais dos acasos e acidentes cotidianos” (GONÇALVES FILHO, 1999).

Modernidade e Desenraizamento (ou Um Novo Homem na Cidade?)

Para CALLIGARIS (1999), quando a humanidade escolhe, quando ela nomeia as Grandes Navegações como marco histórico da modernidade, está pondo em destaque esta condição de “sem-raízes” do homem moderno, pois o conquistador é aquele que abandona seu passado em busca do desconhecido. Afinal, diz o autor, ao construir um presente menos divino, abandonando tanto os destinos traçados (dados pela tradição) como as esperanças de futuros eternos (dados pela fé), a modernidade faz uma aposta no desenraizamento do ser. E as Grandes Navegações, em certa medida, foram verdadeiros atos de “deriva”.

Para FREUD (1930), o *desamparo* é o preço que o sujeito moderno teve e tem que pagar por esta aposta que fez no projeto da modernidade; o desamparo é uma das faces da modernidade, face “vergonhosa” – a qual se quer esconder - de um sujeito que acreditava que poderia desbravar e dominar o mundo de forma inquestionável e indolor.

Para SENNET (2003) o desenraizamento do sujeito é um aspecto indissociável ao surgimento da cidade moderna, uma vez que a intensa e abrupta movimentação de indivíduos e de famílias de diferentes origens e regiões foi a principal força da “revolução urbana”. Para ele, a mobilidade é um elemento constitutivo da cidade moderna, uma vez que o urbano passa a se caracterizar como um espaço por excelência do trânsito⁶; e na medida em que as pessoas

⁶ Os projetos de urbanização nos séculos XIX e XX que tiveram um papel fundamental na consolidação das cidades como cenário convergente da vida moderna, alinhavam-se muito aos propósitos de promover a livre circulação das pessoas e impedir ao mesmo tempo as “ameaças” das grandes aglomerações. Exemplos clássicos desse urbanismo são os projetos de John Nash para Londres e os de Haussmann para Paris. Para SENNETT (2003), o metrô londrino e os

umentam a velocidade com que transitam, aumentam também as suas desvinculações com os lugares por onde se movem, bem como com as pessoas por quem passam.

“*O conforto isola*”, diz BENJAMIN (2000), ao comentar as idéias de Paul Valéry sobre os grandes centros urbanos e o isolamento de seus habitantes que ao desfrutarem cada vez mais dos *mecanismos de aperfeiçoamento social*, têm a sensação de dependência em relação aos outros embotada.

SIMMEL (1987) ao considerar a fragmentação e a irregularidade da vida na cidade moderna, considera as marcas que esta cidade impõe à subjetividade do seu andante. Para ele, a condensação de imagens e a “*violência inesperada dos estímulos*” - típicos desta cidade - requerem um consumo muito grande de energia psíquica; o sujeito, assim, numa postura defensiva, teria uma atitude *blasé*: um indivíduo com sua capacidade para reagir aos estímulos excessivos diminuída, um sujeito que se “desliga” do mundo como uma forma de adaptação à realidade efêmera da cidade moderna.

« *Os cimentos psicológicos sobre os quais se constitui a vida do indivíduo metropolitano são a intensificação da vida emocional devido ao movimento rápido e contínuo de estímulos exteriores e interiores...Ao contrário daqueles que viviam em vilas ou no campo, onde a vida se caracteriza por um mais lento, rotineiro e suave fluir dos ritmos, o indivíduo metropolitano tem que acomodar e assimilar o bombardeio veloz de estímulos dentro da cidade*» (p.113).

Atitude blasé, essa, já descrita anteriormente por BENJAMIN (2000), para quem a cidade moderna possuiria um efeito “narcótico” no sujeito que, como um *flâneur*, está submerso no mundo luminoso e rápido da cidade – embora

grandes parques de Londres projetados por Nash conferiram à locomoção uma importante função de isolante: eram espaços para a livre e rápida movimentação das pessoas que acabavam por esvaziar e espalhar os espaços de encontros. “*Privilegiavam o corpo em movimento, evitando os tumultos*” (p.268). Mas foram os franceses, na opinião do autor, quem através de Haussmann, procuraram deliberadamente garantir ao mesmo tempo a liberdade individual e a repressão dos movimentos de massa.

diferente do “flanador” da Paris de Baudelaire que tranqüila e disfarçadamente se diluía na multidão das ruas ainda numa sociedade incipiente com relação aos processos de automação e industrialização – e tem seus sentidos amortecidos pelos permanentes estímulos vindos da velocidade, do imprevisto, dos « choques » contínuos da existência contemporânea.

« Paralelamente às experiências óticas (especialmente aquelas vindas do efeito de instantaneidade do click da fotografia), surgiram outras táticas, como as ocasionadas pela circulação na cidade grande : o mover-se através do tráfego implica numa série de choques e colisões para cada indivíduo » (p.124).

Contudo, salienta SIMMEL apud JODELET (2002) que se a cidade é o “palco da modernidade” é justamente porque nela desenvolvem-se processos tanto de enfraquecimento dos laços comunitários quanto de elaboração de diferenças e de independência individual. Talvez os *incontáveis mistérios da cidade* (VIDLER, 1990), seus enigmas, seus fragmentos, seus horrores nada mais sejam do que componentes do lócus mesmo de um (novo) habitante, um sujeito menos íntimo e mais estrangeiro nesta cidade, um sujeito, quem sabe, menos *demasiadamente humano* mas também não tão *demasiadamente desumano* (GUATARRI; ROLNIK, 1986).

A ausência precisa se fazer presente para que o sujeito comece a desejar (LACAN, 1966). Se existe um “estranhamento” ou “mal-estar” na cultura moderna (FREUD, 1930) e, portanto, na cidade enquanto obra humana, isto é o sinal de que nela há o trabalho (de memória) de um sujeito que se defronta com os furos que bordam a trama de sua história sem a ânsia de tapá-los pois já sabe que tapar os furos da teia é impedir que ela se refaça, para outros lados.

Talvez o desenraizamento não seja apenas ou exatamente o lado nocivo de uma sociedade sem memória e sem identidade, mas uma condição – talvez bem favorável – a uma outra forma de estar consigo mesmo e no mundo.

O Pós-Humanismo, o Nômade e o Parasita na Cidade

Para LACAN (1966), a verdadeira descoberta de Freud foi a excentricidade do eu, foi ter colocado no espelho do eu a imagem “estranha”, desconhecida que lhe vinha a partir do inconsciente e do desejo. Uma implosão do eu e uma dissolução da identidade, nas palavras de DELEUZE (2006), é o que fará o conjunto de teorias que descentra o sujeito da razão e da percepção, tirando-o do lugar de origem e limite interpretativo do sentido e da realidade (LYOTARD, 1989). “*A desumanização do sujeito enquanto animal racional*” (SHULTZ, 2008); é o sujeito pós-humanista. O sujeito da razão já tinha sido desbancado pelos humanistas, pela fenomenologia de maneira clara e radical; mas o sujeito da percepção, da sensibilidade, ainda não.

Um novo habitante, um novo olhar sobre a cidade e, conseqüentemente, um novo estatuto para a memória, assim, despontam nos horizontes da arquitetura e do urbanismo.

Um novo habitante, homem sabedor - e quem sabe até um pouco encantado - com os seus estranhos, um homem que distanciado da imagem divinizada de seu corpo e de sua existência, não teme mais as suas sombras nem os seus lados obscuros e que olha de frente seus equívocos e esquecimentos como riquezas valiosas – olhar este principal responsável por um novo posicionamento da memória na cultura e nas teorizações em geral. Uma arquitetura que aceitará os erros como uma parte da norma, e a impossibilidade mesma de se construir uma casa ou uma cidade convencional (ÁBALOS, 2003).

“Não estou falando de fazer casas (ou cidades) feias, o que estou dizendo é: suponhamos que façamos uma casa (ou uma cidade) que não é simplesmente um “lugar feliz”, que está por um fio de ser misteriosa, que contém o sublime, um elemento de incerteza. Algo talvez que esteja além da beleza.” (EISENMAN apud ÁBALOS, 2003: 141).

Nesta nova forma de habitar a cidade, com a mobilidade aumentada e a diminuição da importância de uma referência familiar e doméstica, seu habitante não está somente descentrado de si, mas também está descentrado, fora do centro, das relações interpessoais e sociais desta cidade, ele é um anônimo, e está sem um lugar específico, inclusive; este sujeito é um *nômade* (DELEUZE; GUATARRI, 1997). O *nômade* desloca-se pelos *espaços lisos* da cidade, em linhas abstratas e vetoriais.

“Em geometria um vetor é uma linha de longitude fixa e posição variada. Suas dimensões são definidas, mas potencialmente poderiam partir de qualquer ponto e conectar-se a qualquer ponto dentro do seu raio. Em epidemiologia, um vetor é um meio específico de transmissão de uma infecção, como a água, o ar ou os fluidos corporais, através dos quais qualquer corpo pode conectar-se a outro. Em tecnologia, um vetor pode ser a capacidade de conectar uma coisa a outra, uma relação particular sem coordenadas específicas. Em outras palavras, o vetorial é a técnica do aberto, da virtualidade” (WARK, 2001:32).

O nomadismo é um deslocamento pela cidade através de linhas que não se ligam por pontos, como nos *espaços estriados*, nem se orientam por marcos referenciais de um percurso. O *alisamento* do espaço, a transgressão dos contornos e limites marca um deslocamento deste habitante no qual as distâncias estão suprimidas; é a Cidade Genérica (KOOLHAAS, 2007).

“...O mesmo trajeto proporciona um grande número de experiências completamente distintas: pode durar cinco minutos ou quarenta; pode ser compartilhado com toda a população ou com quase ninguém, pode proporcionar o prazer absoluto da velocidade pura e verdadeira – quando a sensação da Cidade Genérica pode ficar intensa ou ao menos adquirir densidade – ou momentos de detenção completamente claustrofóbicos – quando a calma da Cidade Genérica será o mais apreciável” (p. 17).

Deslocamento, este, que ao ser percorrido, *estria*, por sua vez, o espaço que será novamente transgredido num outro percurso. Forças de estriamento e de alisamento combinam-se e alternam-se num movimento contínuo de *territorialização* e *desterritorialização*. O *nômade* constrói/habita/pensa a cidade como *territórios-pousada* (GUATARRI; ROLNIK, 1986).

“Diferentemente da sociedade moderna anterior, que também estava a desmontar a realidade herdada, a de agora não o faz com uma perspectiva de longa duração, com a intenção de torná-la melhor e novamente sólida. Tudo está agora sempre a ser permanentemente desmontado, mas sem perspectiva de nenhuma permanência” (BAUMAN, 2001).

Mas este habitante também é um *parasita* (DELEUZE, 1997): ele hospeda-se numa cidade anti-moderna; seus lugares preferidos não são os ambientes arejados, amplos e visíveis. Este habitante não está na cadeia produtiva da cidade, ele navega nas *redes digitais, através das infra-estruturas massivas de interconexões* (SASSEM, 2002) de uma cidade invisível, transnacional. Ele não produz, consome; não registra memória, deixa rastros.

Memória e Esquecimento

“Os lugares de memória não são aqueles dos quais nos lembramos, mas lá onde a memória trabalha” – salienta NORA (1997:18). Mas como ele “trabalha”? Para compreender este aspecto da sua conceituação, duas idéias complementares que ele aponta mostram-se pertinentes: 1) a memória não se opõe ao esquecimento, mas ela engloba o esquecimento; 2) a memória não se identifica (não é sinônimo) com a lembrança, embora ela suponha lembrança.

Para ARANTES (2001), *“...qualquer exercício (voluntário ou involuntário) de rememoração sem esquecimentos é como se fosse uma memória sem memória”* (p.44).

Para a teoria freudiana os esquecimentos justificam-se pelo papel de conservação e de resistência que a memória possui no psiquismo e explicam-se através do mecanismo de repressão que o próprio psiquismo faria como forma de busca do equilíbrio mental.

No que concerne às formas através das quais o esquecimento acontece no psiquismo, FREUD (1912) elabora uma abordagem “topológica” do psiquismo. Nesta abordagem, o psiquismo é tomado como uma edificação constituída por

três andares: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. As idéias, pensamentos e afetos deslocar-se-iam por estas edificações, cada uma posicionada diferentemente em relação à consciência. A atividade da memória, na medida em que vai deslocando-se nestes compartimentos vai aproximando-se mais ou menos da consciência: vai lembrando ou esquecendo. As idéias, pensamentos e afetos esquecidos são aqueles que estão latentes na consciência. Nas palavras de FREUD (1912):

“Uma concepção – ou qualquer outro elemento psíquico - que se ache agora presente em minha consciência pode tornar-se ausente, após um intervalo de tempo, imutada, e, como dizemos, de memória, não como resultado de uma nova percepção por nossos sentidos. É este fato que estamos acostumados a explicar pela suposição de que, durante o intervalo, a concepção esteve presente em nossa mente, embora latente na consciência” (p.279).

As idéias latentes podem pertencer ao pré-consciente e penetrarem na consciência assim que um certo grau de investimento (um esforço de atenção) torne-as fortes o suficiente, mas também podem pertencer ao inconsciente e assim não penetram na consciência por mais fortes que possam ter se tornado (ou seja, por maior que tenha sido o investimento nelas). Uma divisão mental, então, entre representações conscientes e representações inadmissíveis à consciência, caracteriza o psiquismo, sendo as representações conscientes aquelas que constatamos como ativas ou que poderiam estar ativas se prestássemos atenção a elas e as demais sendo as representações inconscientes (FREUD, 1895).

O esforço de atenção, então, não é capaz de trazer à tona lembranças encobertas inconscientes. Pelo contrário, através da associação livre daquele que recorda, que é uma postura psíquica de relaxamento da atenção, que os esquecimentos e lapsos (equivocos) de memória podem encontrar um caminho de chegada à consciência. A associação livre será, assim, o principal meio através do qual - desde que a psicanálise abandonou a hipnose como forma de

conhecimento sobre o passado velado das pessoas – “*descobre-se o que as pessoas deixam de recordar*” (FREUD, 1914: 163).

Os lugares dos quais nos lembramos, os mais “emblemáticos” - eleitos muitas vezes como representantes históricos da cidade – talvez sejam aqueles que, numa tentativa de “tapar os furos da teia” sirvam apenas para referendar uma auto-imagem. Mas Narciso, ensina a tragédia grega, na superfície especular de sua auto-imagem encontra uma imagem tão perfeita e completa, que lhe é mortífera. Talvez os lugares mais lembrados numa cidade “escondam”, no seu brilho museológico, a memória daqueles esquecidos, não lembrados.

“Durante anos eu obedecera a uma regra de ouro: sempre que me deparava com um fato publicado, uma nova observação ou pensamento que se opusessem aos meus resultados, anotava imediatamente e sem falta; é que, por experiência própria, eu havia descoberto que esses fatos e pensamentos tendiam muito mais a escapar da memória do que os favoráveis” (FREUD, 1901).

Para OLIVENSTEIN (1988), a psicanálise é a expressão do desafio de criar um método de conhecimento sobre a vida humana e a cultura moderna ocidental numa sociedade que se interroga sobre os “discursos silenciosos”. Se o indizível e o inconfessável serão os alvos do método criado por Freud, outros pensadores de seu tempo já prenunciavam que, se há uma tipologia do silêncio feita de alusões e metáforas, é porque a palavra dita de certa forma não encontrou uma escuta. Nas palavras de RILKE (1929), poeta contemporâneo de Freud, “...*muitas coisas não são fáceis de apreender e de dizer como normalmente nos querem levar a acreditar*”.

POLLAK (1989) chama de memórias subterrâneas aquelas camadas da memória formadas por ressentimentos acumulados no tempo, por sofrimentos que jamais puderam se exprimir ou que se abrigaram na transmissão de lembranças em redes familiares e de amizade, lembranças que resistem, palavras indizíveis que se transformam em zonas de sombra, de silêncios, de não-ditos. Se a memória é

um articulador do individual e do coletivo, do presente e do passado, não é “sem disputa” que esta articulação acontecerá.

“Apoderar-se da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos e dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1982: 12).

Se a memória rompe os silêncios da cidade (DUARTE; UGLIONE, 2004), talvez seja porque de suas paredes e das suas paisagens pode-se ouvir um eco que ressoa como *um ponto de partida para uma pergunta* (MANGUEL, 2003: 276). Nos *distúrbios* da memória, provocados pela cidade, nos sentimentos de estranheza e de não-reconhecimento que a cidade provoca, o sujeito é convocado a reencontrar-se com seus fantasmas, e a situar-se na sua própria história (FREUD, 1936).

Para BENJAMIN (1995), aproximar-se do passado é uma atividade artilosa: requer muito *tato e enxada*, requer *agir como um homem que escava*.

“Imaginemos que um explorador chega a uma região pouco conhecida onde seu interesse é despertado por uma extensa área de ruínas, com restos de paredes, fragmentos de colunas e lápides com inscrições meio apagadas e ilegíveis. Pode contentar-se em inspecionar o que está visível, em interrogar os habitantes que moram nas imediações a respeito da história e do significado desses resíduos arqueológicos e, então, seguir viagem. Mas pode agir de modo diferente. Pode ter levado consigo picaretas, pás e enxadas, pode partir para as ruínas, remover o lixo e, começando dos resíduos visíveis, descobrir o que está enterrado. Se seu trabalho for coroado de êxito, as descobertas se explicarão por si mesmas: as paredes tombadas são parte das muralhas de um palácio ou de um depósito de tesouros; os fragmentos de colunas podem reconstituir um templo; as numerosas inscrições revelam um alfabeto e uma linguagem que, uma vez decifrados e traduzidos, fornecem informações nem mesmo sonhadas sobre os eventos do mais remoto passado em cuja homenagem os monumentos foram erigidos. Saxa loquuntur! (As pedras falam)” (FREUD, 1896).

Arquivo Mnemônico do Lugar **Uma Maneira/abordagem de Escrever (duas) Histórias da Cidade**

Neste capítulo são apresentados os pressupostos, os conceitos e as teorias que fundamentaram o desenvolvimento de uma abordagem de escrita de histórias da cidade. Serão também apresentadas as etapas e os procedimentos que foram realizados na utilização desta abordagem, que foi efetivada através da construção de Arquivos Mnemônicos de dois lugares existentes na cidade do Rio de Janeiro (Antigo Cassino da Urca e Engenhão) e de Histórias da Cidade (Narrativas e Narrativas Metafóricas do Cassino da Urca e do Engenhão).

Percurso Errante

Serão chamados de “percursos errantes” os caminhos percorridos para o desenvolvimento e a aplicação da abordagem aqui apresentada. Como dissemos anteriormente o objetivo deste trabalho é o de ensaiar novas abordagens para a leitura e análise dos Lugares de Memória da cidade, contemplando as lembranças e os esquecimentos subterrâneos de nossos informantes. Nesta proposta metodológica, consideramos nossos percursos como errantes, antes de tudo, por seu caráter tateante, sendo os passos dessa abordagem aqui descritos mais a trajetória de um percurso feito (que talvez venha a se mostrar errante) do que o roteiro para outros (certeiros) trajetos.

As reflexões críticas que a racionalidade científica foi alvo a partir do final do século XIX, como se sabe, mudaram, não pela primeira vez obviamente, mas radicalmente o estatuto do conhecimento e de sua relação com a realidade e a verdade. Dicotomias como essência-aparência, falso-verdadeiro até então muito arraigadas à lógica e à sensibilidade de todo fazer científico, reconstroem-se

paulatinamente em abordagens menos confiantes nas certezas duradouras e nos sistemas classificatórios e explicativos.

A possibilidade de múltiplas e contraditórias perspectivas de conhecimento do mundo, a partir de então, apresenta-se como sinalizadora “(...) *da falência dos paradigmas imutáveis, das referências fixas, dos modelos investidos de valores absolutos*” (SHULTZ: 2007: 204).

“Mas penso que hoje, pelo menos, estamos distanciados da ridícula imodéstia de decretar, a partir de nosso ângulo, que somente dele pode-se ter perspectivas. O mundo tornou-se novamente “infinito” para nós, na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele encerre infinitas interpretações” (NIETZSCHE, 2007: 278).

Assim, o percurso é errante uma vez que toma como preceito que qualquer proposição acerca da memória na cidade deve ser muito mais uma tarefa de “*circunscrever espirituosamente um tema conhecido, talvez habitual, uma melodia do cotidiano*” (NIETZSCHE, 2003) do que estabelecer regras ou fazer generalizações, quer seja sobre as formas de planejar ou construir nessa cidade quer seja sobre as formas de compreendê-la ou de usá-la.

Tão pouco uma tarefa de anunciar novidades ou revoluções. A abordagem aqui proposta e utilizada é, em síntese, um conjunto de conceitos, de princípios e de técnicas oriundos de áreas diversas e já consolidados e que foram reunidos aqui com o objetivo de colaborar às atuais interrogações e inquietações tanto da arquitetura, quanto do urbanismo e das próprias cidades (através de suas instituições e de seus habitantes) a respeito deste conhecido (e velho) tema que é a memória.

Arquivo Mnemônico do Lugar: recordação, memória e metáfora

Arquivo Mnemônico do Lugar é um conceito que tomamos “emprestado” das concepções de memória e de registro mnemônico tanto de FREUD (1895) quanto de DERRIDA (2005). Arquivo mnemônico é uma alusão ao processo de escritura realizado por uma espécie de “máquina” de inscrições das percepções

no psiquismo e que é ativada (esta máquina) tanto pelos estímulos internos quanto pelos estímulos externos ao sujeito. Esta máquina de escrever é ativada, por exemplo, quando uma tarefa de rememoração é realizada.

Na abordagem aqui desenvolvida chamou-se de *arquivo mnemônico do lugar* ao processo que é ativado quando é feito a alguém uma demanda de rememoração acerca de um lugar (um espaço construído e seu entorno) na cidade.

Recordar, como mencionado no capítulo anterior, não se confunde com memória (NORA, 1997; FREUD, 1914). Como vimos no capítulo anterior, a Memória é um processo que envolve as diferentes topologias (consciente, pré-consciente, inconsciente) e mecanismos (captura, “apagamento”, inscrição, representação de traços) psíquicos. Memória é um processo complexo de inscrições no psiquismo dos traços retidos pela percepção. A recordação é uma das tarefas da memória - assim como esquecimento é outra de suas tarefas - sendo a denominação usual quando se pretende “fazer a memória trabalhar”.

Na abordagem que aqui desenvolvemos, foi solicitado a um grupo de pessoas que contassem sobre as recordações que tinham acerca de determinados lugares da cidade, e os relatos destas recordações compunham um texto que foi chamado de *Narrativas do Lugar. Arquivo mnemônico do lugar* construído coletivamente (uma vez que as narrativas são composições de relatos individuais de um grupo de pessoas); memória coletiva de uma cidade.

As narrativas, então, em seu conteúdo manifesto (o texto formado pelos relatos) foram tomadas como o conjunto dos traços que chegaram à consciência dos seus narradores e, portanto, seu conteúdo é considerado como o resultado de todo o processo (mnemônico) já mencionado, incluindo-se o mecanismo de apagamento de traços ou de distorção de traços, ambos resultantes de forças repressivas ativadas ao longo do processo.

Nas Narrativas do Lugar, as metáforas presentes em seu conteúdo manifesto são tomadas como *zonas de sombra* (POLLACK, 1989), como “tipologias do

silêncio”, como *duplos*, como aquilo que se repete (diferencialmente) na memória enquanto efeito da simbolização (através de “jogos” de linguagem) de traços que, num outro tempo (passado), pelos mecanismos da repressão, não foram inscritos no psiquismo. Baseamo-nos nas metáforas que emergiram das narrativas, uma vez que verificamos que as alusões a determinadas idéias eram comuns em diversos comentários de nossos informantes. Como veremos mais adiante, essas metáforas foram comparadas entre si, a partir da força que tomavam no conjunto de narrativas, para que se procedesse à análise dos Lugares de Memória selecionados no âmbito desta pesquisa.

A linguagem tem seus pontos de invisibilidade (DERRIDA, 1973), uma vez que ela é capaz de ocultar (para a consciência) o que se inscreveu ou de inscrever (no inconsciente) o que não está escrito (na consciência). Assim, nos debruçamos sobre as metáforas que emergiram das narrativas de nossos informantes pois essa metáfora, numa narrativa, sinaliza:

- 1) aquilo que foi significativo nas vivências do sujeito mas que foi reprimido;
- 2) “efeitos de sucesso” da memória (do processo mnemônico) uma vez ser ela (a metáfora) um traço que consegue (na sua insistência repetitiva) se conectar (finalmente) às demais inscrições psíquicas – tanto é que ela chega à consciência “encadeada” nas significações do lugar, ela está inserida na narrativa.

A metáfora é uma “invenção” do inconsciente para garantir a simbolização de um traço, até então, “apagado” na memória:

“O duplo, esta metáfora da repetição de si mesmo, funciona como uma espécie de memória. Em muitos textos literários podemos facilmente observar que o duplo é aquele que impede o herói de esquecer seu desejo. Talvez seja por este motivo que o reencontro com o duplo é penoso e, por vezes, quase insuportável” (SOUZA, 2001: 132).

A metáfora faz lembrar o que “deveria” ter sido esquecido.

(Duas) Histórias da cidade: as Narrativas do Lugar e um (outro) Arquivo Mnemônico do Lugar

A abordagem que buscamos delinear neste trabalho parte da premissa que cidade é portadora de história (JODELET, 2001), ela tem histórias e ela pode contar (incontáveis) histórias. Cidades de histórias (PEIXOTO, 2004), através de suas ruas, de seus ventos, de seus mitos, de suas casas, elas contam (muitas) histórias, assim como contam através de seus vãos, de seus símbolos, de suas paisagens e de suas “manias”. Mas podem contar também (e quanto!) através de seus lugares construídos, de suas edificações plantadas nos ambientes terrenos e humanos que são seus bairros.

As *narrativas do lugar* contam histórias da cidade; contam tanto através das escrituras aparentes, ou seja, manifestas do arquivo, como das escrituras latentes, não-manifestas (ou encobertas), mas presentes no arquivo. Há, então, duas histórias (possíveis) da cidade: uma contada pela positividade das narrativas do lugar, ou seja, contada pelo seu conteúdo manifesto, e outra contada pela sua negatividade, ou seja, pelas invisibilidades do conteúdo aparente.

Para DERRIDA (2005) há em todo arquivo um pressuposto interpretativo, é a sua dimensão ética e política, pois sempre haverá um intérprete que seleciona e classifica os traços que irão “contar” a história, e conseqüentemente qual história será contada. Que traços contam a história através de um *arquivo mnemônico do Lugar*? Os traços aparentes das *narrativas do lugar* ou os seus traços latentes?

Na proposta aqui feita, optou-se por contar histórias da cidade a partir destas duas possibilidades: histórias serão contadas através das *narrativas do lugar*, e histórias através – do que se denominou - das *narrativas metafóricas do lugar*.

As narrativas metafóricas são o resultado do arquivo mnemônico do lugar montado a partir da *linguagem indireta* (THIBAUD, 1997; 2003) das narrativas do

lugar (dos seus traços aparentes), mais precisamente, através dos traços metafóricos presentes nas narrativas do lugar. O principal intérprete aqui, nas narrativas metafóricas do lugar, é o pesquisador que, então, passa a ser a subjetividade a partir da qual um (outro) arquivo mnemônico do lugar será escrito.

“(...) Na tradição de uma cultura oral...a palavra é o lugar de uma memória e, ao ser enunciada, gira, desdobra-se e não se exaure no que é dito; girando, a palavra movimenta-se, ecoa no ouvinte, fazendo-o cúmplice da coisa narrada...a palavra enunciada, para sobreviver, precisa do ouvinte” (ROCHA; ECKERT, 2005).

Narrativas do Lugar

Na construção da abordagem que aqui propomos, as narrativas foram tomadas como as “*mesquinhas*” (FOUCAULT, 2005) pelas quais “*(...) de pequena em pequena coisa que finalmente as grandes coisas se formam*” (p. 16); tomadas como as pequenas narrativas ou as narrativas locais – na concepção de LYOTARD (1989) – aquelas que, no mundo pós-moderno substituem as grandes narrativas como os discursos que escrevem a história das coisas.

Uma narrativa pressupõe um narrador e um receptor (leitor ou ouvinte) que, “*num fluxo narrativo comum e vivo*” mantêm a história aberta a novas (e contínuas) histórias, a muitas e variáveis interpretações. Na concepção benjaminiana a narratividade afasta-se de qualquer pretensão informativa, “*(...)ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório...metade da arte narrativa está em evitar explicações....nela o leitor está livre para interpretar a história como quiser, e com isso o narrado atinge uma amplitude que não existe na informação*” (BENJAMIN, 1996: 203-204). E este caráter de ‘obra aberta’ da narrativa advém do “*(...) movimento infinito da memória, notadamente popular*”, que lhe é próprio (GAGNEBIN apud BENJAMIN, 1996).

O narrador é, antes de tudo, um leitor/ouvinte da cidade; a cidade e suas pedras são as “coisas” a partir das quais sua máquina de escrever começa a trabalhar.

A cidade contemporânea, exposta e constituída de mudanças rápidas e sobreposições de camadas históricas e estéticas, como lembra PEIXOTO (2004) é um “*horizonte saturado, depósito em que se acumulam vestígios arqueológicos, antigos monumentos, traços de memória e o imaginário criado pela arte contemporânea*” (p. 13).

Assim, o narrador que abordamos em nossa proposta, e sua ‘*breve memória*’ feita de ‘*muitos fatos difusos*’ - como diz BENJAMIN (1996) são sujeitos essencialmente cidadãos. Sujeitos que percorrem, lêem, escutam, contam e inscrevem a/na cidade, semelhante aos heróis gregos que, frente a incessante transformação dos espaços de vida, tentam “*organizar o caos em si*” através de suas recordações (esburacadas) e invenções (NIETZSCHE, 2003).

Édipo⁷ encontrou sua verdade ao mesmo tempo em que encontrou seu lugar. Para WALTER (1988) a principal mensagem de Sófocles através de seu herói foi que (...) “*para conhecer a si mesmo é preciso descobrir seu lugar*”(p.114). Édipo afasta-se de seu passado; ele enfrenta a verdade de sua vida, de sua origem e de seu destino como um andarilho errante. Cego, encontra a cidade que o acolhe e na qual opta por ficar e morrer. Édipo não pode ver esta cidade, mas é nela que pousa a serenidade de sua reconciliação com sua própria história. A cidade é sua alteridade. Na cidade, enquanto Outro, ele tece sua história (com sua memória).

A cidade é o *Outro* (LACAN, 1987) que ordena a vida social, que se atravessando com suas leis, que se interpondo com sua materialidade e sua espacialidade no drama íntimo e familiar dos indivíduos, liga-os ao grande teatro da coletividade. (...)“*a vida urbana situa todos nós nas experiências tecidas por memórias compartilhadas*” (ROCHA; ECKERT, 2005).

⁷ Personagem da trilogia de Sófocles: Édipo Rei, Édipo em Colona e Antígona.

O Outro é um conceito complexo na teoria psicanalítica, antes de tudo pode ser entendido como função responsável pelo corte necessário no ser biológico, instintivo, dependente para que ele ascenda à condição de ser social: é a função das Leis, e anterior a qualquer outra, da linguagem como conjunto de regras. Mas o Outro também pode ser entendido como um lugar topológico no “aparelho psíquico” freudiano, o lugar de questionamento do sujeito, o lugar lá no qual ele, o sujeito da razão e da consciência, é desconhecedor; neste sentido o Outro é o inconsciente.

Édipo está cego, pois a cegueira é a condição do sujeito do inconsciente, daquele que está atravessado pelo corte da linguagem; a cegueira é a condição do *parlêtre*, do falasser (LACAN, 1987). Para a teoria psicanalítica, o sujeito está sempre numa relação de desconhecimento (de cegueira) consigo mesmo; é o sujeito cuja subjetividade é, por constituição, clivada: que não é entendida como um todo unitário, identificado com a consciência e sob o domínio da razão.

Aquele que se encontra na cidade é aquele que, ao se deparar com as inscrições mnemônicas na/da cidade se depara com seu próprio inconsciente, que encontra na cultura, nas suas manifestações edificadas ou não, as bordas nas quais constrói sua subjetividade; apóia-se nas permanências da vida, sobremaneira nas pedras da cidade, para visualizar e estampar um lugar existencial próprio. Este é Édipo. É Édipo enquanto “construtor” de seu arquivo da cidade, mas também enquanto intérprete (cego) deste arquivo que é a sua cidade.

Édipo é digno de dar seu testemunho, pois frente à cegueira (inevitável) da verdade, “*inventa cegamente*” um (outro) destino.

Seu testemunho não é uma tradução da realidade do mundo, pois o conhecimento que cria (ou inventa) da cidade e que transmite não se trata de um saber homogêneo, classificatório, vinculado a uma vontade de verdade; “...só se transmite o que se inventa” (SERRES, 2007: 98).

Ele sabe da cegueira de sua visão representacional. Assim como Oblivion⁸ que escolheu entre seus moradores um para dar o veredicto sobre o livro que leu, um dos três únicos lidos desde então pelos Oblivienses, os sujeitos escolhidos como narradores na abordagem de leitura da memória aqui proposta, são um pouco como Bernardo, o escolhido, que “(...) *descreve a natureza como um cego que ouvisse contar e reproduzisse as paisagens com os qualificativos surrados do mau contador...Vinte vergéis que descreva são vinte perfeitas e invariáveis amenidades... onde toda a gente vê carrapatos, pernilongos, espinhos, Bernardo aponta doçuras, insetos maviosos, flores olentes. Bernardo mente*” (LOBATO, 2007: 29).

Os sujeitos que foram escolhidos em nossa pesquisa para contar suas recordações acerca de lugares da cidade são *édipos* e *bernardos*: homens e mulheres comuns, crianças, adultos e idosos que ocupam e percorrem a cidade enquanto sujeitos com memória e história. E eles foram convidados por nós a falar da cidade, uma vez que esta materialidade cultural os interpela enquanto sujeitos do social, sujeitos do inconsciente. São testemunhos (e inventores) da cultura na qual são habitantes. Como reconhecê-los na multidão da cidade?

Às pessoas que se encontravam pelos caminhos da cidade, nas ruas, nas calçadas, nas lojas, nos bares etc dos bairros nos quais se localizam os lugares-objeto da aplicação da abordagem aqui apresentada (que foram o Antigo Cassino da Urca e o Estádio João Havelange, o Engenhão – ambos na cidade do Rio de Janeiro) era feita uma pergunta introdutória: “*você conhece o Antigo Cassino da Urca/Engenhão?* Aqueles que se mostravam solícitos à pergunta, implicados na demanda, independente de suas respostas serem diretamente afirmativas à pergunta, este sujeito era considerado apto a relatar suas “invenções” do lugar, mais precisamente, era-lhe solicitado: “*Que recordações você tem deste lugar (Antigo Cassino da Urca/Engenhão)?*”

⁸ Nome da cidadezinha do conto “A Vida em Oblivion” (1908) de Monteiro Lobato.

Consideramos, em nossa abordagem, que essas pessoas são sujeitos-testemunha, que elas estão aptas a fazerem declarações (RICOEUR, 1960) acerca do lugar-objeto do conhecimento. São sujeitos do conhecimento, não porque neles preexiste o conhecimento (sobre o lugar), mas porque são sujeitos constituídos pela história do lugar do qual eles atestam: eles conhecem o lugar (ainda que se desconheçam enquanto atravessados pelo lugar). Suas recordações não são as verdades desse lugar, mas os efeitos dele (do lugar) na verdade de suas declarações.

O conhecimento a partir do qual o sujeito dá seu testemunho é, como nos lembra FOUCAULT (1996; 2005), sempre um conhecimento inventado, fabricado a partir das (micro)determinações históricas ao qual o sujeito está inserido. “(...) À solenidade de origem, é necessário opor, em um bom método histórico, a pequenez meticulosa e inconfessável dessas fabricações, dessas invenções” (2005: 16); conhecimento “filtrado” pela fantasia (FREUD, 1896).

Como passos de nossa proposta metodológica, verificamos que, na medida em que os sujeitos mostravam-se implicados na pergunta inicial da abordagem, estabelecia-se uma “*conversação ordinária*” (RICOEUR, 1998), um diálogo entre aquele que havia demandado a intervenção (o pesquisador/ouvinte) e o seu interlocutor (o narrador). Conversação esta que se caracterizou por uma breve apresentação que o pesquisador fazia do contexto e dos objetivos da intervenção, incluindo aquelas informações recomendadas por SOMMER & SOMMER (1997) como necessárias à criação de um *setting* de confiança no campo da intervenção: dados pessoais do pesquisador, princípios científicos e éticos da intervenção, entre outros que surgiam das especificidades de cada conversação.

Antes de tudo, uma aproximação deve ocorrer entre narrador e ouvinte dada a circunstância peculiar do encontro, qual seja, de uma familiaridade entre desconhecidos.

“Nem sempre proclamamos em voz alta o que temos de mais importante a dizer...Não somente as pessoas, mas também as épocas têm essa maneira astuciosa e frívola de comunicar seu segredo mais íntimo ao primeiro desconhecido” (BENJAMIN, 1996:40).

Assim, uma relação de escuta se estabelece entre aquele que narra e seu ouvinte. Relação esta em que a “reflexão livre” – no sentido da associação livre (FREUD, 1915) - dos narradores é incentivada pela ausência de direcionamentos (perguntas ou figuras oferecidas como estímulo à reflexão) por parte do ouvinte/pesquisador, mas também por um tipo de interação na qual ao mesmo tempo em que se busca proporcionar um momento espontâneo, relaxado, ‘ingênuo’ – nas palavras de BENJAMIN (1996) que diz ainda: “(...) *quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido*”(p.205) - também se mantenha uma atenção muito centrada no narrador e nas suas palavras; uma interação fundada na crença do sujeito quanto à importância das suas palavras que - mesmo sendo próprias de uma experiência pessoal e intransferível – são tomadas como sabedorias por aquele que escuta. Conversação na qual se busca ao máximo suspender as vigilâncias e o controle sobre as *aberrações, travessuras, palhaçadas e transgressões* que o tempo pode fazer ao (des)ordenar os elementos em sua narratividade, seja acelerando, seja transpondo, seja invertendo alguma lógica qualquer de alinhamento dos fatos (PERBART, 2007).

Narrativa do Cassino da Urca e Narrativa do Engenhão

Assim é que, a partir dos princípios e dos procedimentos acima apresentados duas narrativas do Lugar foram compostas para ensaiar nossa proposta: *Narrativa do Cassino da Urca e Narrativa do Engenhão.*

No que concerne à Narrativa do Cassino da Urca, participaram da composição (contaram suas recordações individualmente) 57 (cinquenta e sete) sujeitos, moradores e não-moradores do bairro, homens e mulheres com idades entre 10

(dez) e 89 (oitenta e nove) anos. No que concerne à Narrativa do Engenho, participaram da sua composição 54 (cinquenta e quatro) sujeitos, moradores e não-moradores do bairro, homens e mulheres com idades entre 16 (dezesesseis) e 69 (sessenta e nove) anos, sendo 30 (trinta) moradores do bairro e 24 (vinte e quatro) não-moradores do bairro.

A seleção destes *narradores* foi feita de forma espontânea, sem estratificação prévia nenhuma, tomando como critério a disposição do sujeito para a conversa – como já descrito. No que concerne ao número de sujeitos/narradores, seguiu-se um critério bastante subjetivo indicado por MARRE (1991) do esgotamento de informações, ou seja, interromper a solicitação de participação de novos sujeitos quando a “novidade” não está mais tão presente nos relatos. As conversações ordinárias estabelecidas com os moradores não tiveram um tempo predeterminado de duração, variando conforme a disponibilidade dos narradores e as circunstâncias nas quais ocorriam, salientando-se que tais conversas deram-se em lugares públicos na sua maioria, nos quais os narradores estavam desempenhando alguma atividade, seja de trabalho ou de lazer, seja porque esperavam ser atendidos por alguém ou porque aguardavam o transporte ou simplesmente porque estavam andando em direção a algum destino, por exemplo. Foram em situações cotidianas que se circunscreveram as conversas com os moradores da cidade e que proporcionaram a elas um caráter de “breves encontros” entre o narrador e seu ouvinte (pesquisador). Ainda que breves, as conversas exigiam um laço de confiança e comprometimento entre aqueles que “conversavam”, conforme já mencionado em parágrafos acima. Os relatos orais foram gravados pela pesquisadora no momento da conversa e transcritos posteriormente com o auxílio das anotações feitas pela pesquisadora durante os relatos.

A seguir descrevemos as opções pelas narrativas, a emergência das metáforas e as bases nas quais apoiamos a construção de nossa proposta de análise.

Narrativas Metafóricas do Lugar

*Se alguém disser
que uma zona de sombra
encobre algum desejo
facínora,
enfrente a hora déspota
e cínica da fuga:
- não fuja da metáfora,
Sua pura pedra única.
(Mário Chamie, 2002)*

Para Platão, o mundo seria um duplo ou uma sombra. No poema *Metáfora Assassina*, a zona de sombra parece ser uma referência à forma metafórica da poesia contra a qual uma guerra platônica ergue-se ao acreditar que através dela, da metáfora poética, o mundo afasta-se do real (COSTA LIMA, 2003).

Mesmo que a metáfora cometa um ‘crime’ contra a realidade, é preciso enfrentá-la - parece dizer o poema acima – e esta foi a opção da abordagem aqui realizada: percorrer/selecionar/(inventar?) as metáforas presentes nas *narrativas do lugar*, para a (re)escritura de um (outro) *arquivo mnemônico do lugar*.

Se é preciso enfrentar a metáfora é por ser ela a forma mais ‘pura’ de ‘tocar’ não no real, mas no simbólico, forma de ‘ver’ um real - o único possível segundo LACAN (1957) – que é o real estruturado, o real mítico. Percorrendo-se as metáforas na comunicação humana o que vai ficando em segundo plano é a realidade imaginária e, assim, longe da metáfora afastar o real do mundo, dá ao homem a possibilidade de conhecimento do seu real, ou da sua verdade.

A psicanálise como teoria e como método de conhecimento sobre a subjetividade faz salientar a questão da verdade do sujeito (qual é a verdade deste que fala) e não a questão do sujeito da verdade (onde se situa a verdade, ou o real, neste que fala) (GARCIA-ROZA, 2002). Na ascensão que o sujeito faz ao simbólico através da linguagem, ele encontra-se com a sua verdade, com o seu real que, em última instância é o encontro com o impossível de seu encontro com o objeto. A condição humana ‘linguageira’ atesta, por si só, o impossível daquele encontro, uma vez que ao representar o mundo através de linguagens (orais, gráficas,

oníricas, sonoras, gestuais) o homem perde (como condição estrutural da linguagem) o mundo real, o objeto em sua realidade concreta.

Para SARTRE (1986), para citar uma referência filosófica importante na conceituação de imaginário, a imagem é uma tomada de consciência do mundo através de uma representação a priori – uma vez que prescinde da presença do objeto – e, portanto, oposta à percepção, esta por sua vez consciência do mundo que se dá a partir da presença concreta do objeto. A percepção asseguraria, então, a realidade do mundo; “...*imagem e percepção por irreduzíveis, mutuamente se excluem*” (p. 231). “(...) *o pensamento toma a forma de imagem quando quer ser intuitivo, quando quer fundamentar as suas afirmativas na visão de um objeto. Neste caso, tenta trazer o objeto à sua presença, para vê-lo, ou melhor dizendo, para possuí-lo*” (p. 235).

A construção imaginária do objeto, então, para a filosofia existencialista, seria uma estratégia do pensamento em sua intenção de dar suporte a sua (verdadeira) função racional; através do movimento de analogia que tal operação (a representação) engendra, é a dimensão do irreal que domina o exercício imaginário de contato e conhecimento do mundo. O objeto imaginado aqui, o lugar de memória dos sujeitos que narram a história, é ilusório porque é irreal, ou seja, distanciado do objeto real. O imaginário é o campo onde domina a irracionalidade.

A diferença desta abordagem com a psicanálise – diferença fundamental e decisiva no distanciamento dela com o existencialismo – é que para esta o objeto real não existe, e o imaginário vem para ‘ocupar’ sua existência; para a psicanálise não há exercício de consciência que possa trazer o real ao conhecimento, pelo contrário, quanto mais se acredita nesta presença do objeto, mais o sujeito estará sob o efeito (ilusório) do imaginário, mais estará longe de sua verdade, de seu real.

BACHELARD (1949; 1974), numa abordagem hermenêutica-fenomenológica, através de suas inquietações sobre as formas de conhecimento da realidade, atribui ao imaginário o campo das criações míticas ou poéticas.

Num momento primordial de suas teorizações dirá sobre as imagens, os devaneios, as 'percepções intuitivas': "...são *um amontoado de brilhos parasitários que perturbam as legítimas luzes que o espírito deve acumular em um esforço discursivo*" (1949:17). A imaginação seria uma forma de conhecimento do mundo enganosa, a confundir o esforço científico (racional) em direção à realidade.

Contudo, essas imagens 'enganadoras' vão ao longo de suas teorizações mudando de estatuto. Agora, vistas de outro ângulo pelo autor, as imagens são entendidas como possuindo uma capacidade de resistência através da qual elas persistem como forma de contato com o mundo autônoma, irreduzível a outras formas de conhecimento (BACHELARD, 1974).

'(...) *o reino das imagens nos cria*' – dirá BACHELARD (1974: 215) - e este reino chama-se imaginário, força dinâmica que potencializa, na imaginação, as imagens de capacidade de atualização. O imaginário aqui é um recurso subjetivo que coloca em ação a possibilidade do sujeito de se apoderar do mundo e de si mesmo na medida em que, através desse recurso, pode transformar a realidade através do caráter mutante de que são dotadas as imagens. Graças ao imaginário a imaginação é essencialmente aberta, criadora, e as manifestações poéticas revelariam esta função de criação das imagens.

Neste sentido, justifica-se o caráter mítico que Bachelard dá ao poético, inclusive tomando-os como sinônimos. Para LÉVI-STRAUSS (2004) a força do mito está na sua capacidade de transmutação. O que está em jogo no mito são as combinações que podem ser feitas e não o seu eventual significado.

Esta força do imaginário, para Bachelard, é autônoma uma vez que ele, o imaginário, é justamente um caminho que leva o sujeito ao contato com suas

dimensões ontológicas, “... *um caminho que nos permite descobrir a riqueza do Ser e do cosmos*” (AUGRAS, 2001:117), uma forma, portanto, de conhecer que não pode ser acessado por outras formas de conhecimento. “...*Mas Bachelard, por mais seduzido e encantado que se revele ao se oferecer às ressonâncias que as imagens lhe despertam, jamais deixa de afirmar a antinomia entre o fazer poético e o fazer científico*” (p.117).

“O filósofo que seguiu, com a maior nitidez possível o eixo do racionalismo ativo deve esquecer o seu saber, romper com todos os seus métodos habituais de pesquisa filosófica, se quiser estudar os problemas colocados pela imaginação poética” (BACHELARD, 1974:1)

O imaginário, assim, teceria uma outra dimensão, o irreal, dimensão prospectiva, cósmica que se relaciona a outros campos que não os da experiência, estes sim passíveis de serem conhecidos pelo saber. “*À função do real, instruída pelo passado (...) é preciso acrescentar uma função do irreal, tão positiva quanto aquela*” (BACHELARD, 1974:16).

Real e irreal, assim, permanecem como campos distintos e positivados; ao exaltar o campo da criação, nem por isto deixa de acreditar num real tangível ao conhecimento racional. O imaginário aqui não é ilusório enquanto algo negativo, mas enquanto algo diferente do real.

Comparativamente podemos dizer que segundo LACAN (1966) para chegar ao simbólico é preciso transpor o imaginário e segundo BACHELARD (1974) para chegar ao poético é preciso esquecer o real. E enquanto na perspectiva da psicanálise a metáfora é considerada um caminho para a emergência do simbólico, na perspectiva da fenomenologia de Bachelard ela é considerada uma mera reprodução (aí sim enganosa) do real em oposição à pura criação (poética) do imaginário.

Se a capacidade de ‘fazer deslizar’ é própria do mito e isto é justamente o que o dota de força simbólica (LÉVI-STRAUSS, 2004), podemos concluir que o

imaginário para Bachelard não deve sua função criativa a uma força simbólica, mas a uma capacidade de criar um ‘outro mundo’ – e neste sentido se aproximaria muito mais da concepção de mito para Carl Jung do que da concepção estruturalista de Lévi-Strauss – de criar outros signos (no campo do irreal) e não de criar potencial de criação, o que seria para a psicanálise uma capacidade da metáfora, qual seja, uma capacidade significativa e não de significado.

Por outro lado, ainda fazendo uma comparação, é preciso reconhecer, em ambas as abordagens teóricas, a dimensão de devir como sendo a grande força, seja do simbólico para a psicanálise, seja do imaginário para a filosofia de Bachelard. As possibilidades de conhecimento da realidade estão atravessadas (impreterivelmente) pela força significadora do olhar humano. A percepção, aqui, é compreendida como seleção “...no sentido em que (aquele que percebe) reteria daquilo que o rodeia o que lhe interessaria” (DELEUZE apud PERBALT, 2007:5).

“... as ficções de nossa memória nunca correspondem a um mapa real. A escritura inventa uma nomenclatura dos sentimentos. Recordamos o que desejamos recordar e precisamente por eles as cidades recordadas são submetidas a falsas recordações, a uma poética que a memória iconográfica reconstrói com o desejo” (COLLAZOS, 2002).

Se a metáfora ‘assassina’ o real é porque ela assume em sua ambigüidade (em sua abertura, em seu caráter deslizante) os efeitos de metamorfose que o corpo como “*máquina desejante*” (GUATARRI & ROLNIK, 1986) imprime no mundo por ele sentido. O sujeito da memória é o sujeito do inconsciente; e “*o inconsciente é o incorreto por excelência*” (MELMAN, 2003: 138).

Compor uma *Narrativa Metafórica do Lugar*, portanto, longe de ser uma busca pelas representações exatas dessa cidade, é uma aposta na condição inexata da memória dos lugares.

“ A subjetividade existe e constitui uma característica indestrutível dos seres humanos. Por isto não podemos falar em fatos quando buscamos relatos e memórias. Nossa tarefa (do pesquisador em memória) é, pois, a de distinguir as regras e os procedimentos que nos

permitem em alguma medida compreendê-la e utilizá-la (a subjetividade)” (PORTELLI, 1996: 64).

Como poderíamos esperar que a memória deixasse intacta a verdade, pergunta-se PERBALT (2007), se é ela que torna possível a coexistência de presentes⁹, bem como a coexistência de passados não necessariamente verdadeiros? Na memória, o olhar desfoca as marcações espaciais e cronológicas e *eleva o falso à potência*. Diz o autor:

“...elevando o falso à potência, a vida se liberta tanto das aparências quanto da verdade: nem verdadeiro nem falso, alternativa indecidível, mas potência do falso” (p.21). “(...) Na potência do falso uma nova narrativa é trazida, onde real e imaginário se tornam indiscerníveis, bem como o verdadeiro e o falso” (p. 20).

Uma *narrativa metafórica do lugar*, então, parece uma possibilidade de contar histórias da cidade, talvez simples, mas interessada nos caminhos apagados e criativos da memória urbana.

Um (outro)Arquivo Mnemônico do lugar

As narrativas, nesta abordagem aqui proposta- como já mencionado - são tomadas como o resultado das diferentes etapas e mecanismos que atuam no processo de construção de um “arquivo” mnemônico. No caso da narrativa metafórica do lugar, é o resultado da construção de um arquivo no qual os traços sobre os quais atuam os mecanismos de inscrição, de apagamento, de representação foram filtrados a partir da percepção (do pesquisador) acerca das narrativas do lugar. O processo de construção do (outro) arquivo mnemônico do lugar foi uma sobreposição do modelo mnemônico apresentado por FREUD (1895) em seu texto “Projeto de uma Psicologia Científica”. O trabalho de memória aqui descrito por ele como uma tarefa do psiquismo, em seus diferentes níveis e mecanismos foi “reproduzido” pelo trabalho de intérprete da pesquisadora sobre as Narrativas do Lugar.

⁹ Para DELEUZE (1989), na lógica temporal da memória, o passado é um presente atualizado e, portanto, ao lembrar (no presente) um outro presente é contemporaneizado.

Assim, numa espécie de adaptação do modelo freudiano, a construção do (outro)arquivo mnemônico do lugar percorreu as seguintes etapas:

Momento 1) Leitura das Narrativas do Lugar

Esta foi a etapa de contato com os dados da realidade; momento de recepção ou de percepção que se deu através da leitura das narrativas do lugar (Narrativa do Cassino da Urca e Narrativa do Engenhão). Foi o momento no qual o mecanismo de captura dos traços ocorreu a partir de uma fonte (as narrativas) de estímulos da realidade. Constrói-se, então, uma trama constituída de narrativas emitidas pelos sujeitos, transformada em trama gráfica com a união de todos os relatos.

Momento 2) Inscrição dos Traços

Nesta etapa os dados capturados da realidade (da leitura das narrativas do lugar) foram filtrados, foram selecionados. O filtro utilizado foram as metáforas do texto (das narrativas), ou seja, a seleção dos traços que vieram a ser inscritos no arquivo aconteceu através de uma “busca” no texto pelas metáforas presentes bem como pelos traços a elas relacionados. Primeiramente era encontrada/selecionada uma metáfora e posteriormente selecionados os traços a ela ligados.

Na tarefa de filtragem desta etapa, o mecanismo de apagamento foi acionado na medida em que aqueles traços que não se inscreveram no arquivo - pois foram filtrados - mas que foram capturados, são “apagados graficamente” do arquivo (no caso, os textos que não se relacionam com as metáforas analisadas são pintados de branco, desaparecendo da tela mas permanecendo presentes no arquivo, como será demonstrado mais adiante).

No arquivo mnemônico do Cassino da Urca vimos emergir metáforas interessantes e recorrentes nas diversas narrativas. A elas demos os nomes de: Castelo, Cortiço, Elefante Branco e Canto da Urca. No arquivo mnemônico do

Engenhão as metáforas que emergiram das narrativas receberam os nomes de: La Bombonera, Estádio Fantasma, Elefante Branco e Monstro Parado.

Momento 3) Organização dos Traços

Esta etapa desmembrou-se em dois momentos distintos. Num primeiro momento os traços inscritos foram agrupados, tendo como critérios de agrupamento a *continuidade* e a *semelhança* entre eles. Como mostraremos mais adiante, os traços que se mostravam próximos uns aos outros seja por possuírem idéias semelhantes e/ou contíguas, foram agrupados. No que concerne ao arquivo mnemônico do Cassino da Urca, agruparam-se (por continuidade e semelhança) de um lado os traços vinculados às metáforas *Castelo* e *Canto da Urca*, e de outro os traços vinculados às metáforas *Cortiço* e *Elefante Branco*. No que concerne ao arquivo mnemônico do Engenhão agruparam-se de um lado os traços vinculados às metáforas *Monstro Parado*, *Elefante Branco* e *Estádio Fantasma*, e de outro a metáfora *La Bombonera*.

Num segundo momento fez-se a medição da intensidade dos traços, ou seja, mediu-se a força com que os traços – ou melhor, os grupos de traços, uma vez que agora eles já estavam agrupados – estavam presentes no arquivo, a força com que “marcaram” o arquivo, e conseqüentemente a força com que estariam presentes na Narrativa Metafórica do Lugar. Esta medida se mostrou facilitada pelo fato das metáforas estarem agrupadas graficamente por meio de cores, nas tramas das narrativas.

Momento 4) Representação dos Traços

Nesta etapa, os traços inscritos sofreram o mecanismo da representação, feito através das suas substituições por metáforas, segundo as (novas) significações e posições que adquiriram no arquivo depois de (re)inscritos pelo mecanismo de organização.

No que concerne ao arquivo mnemônico do Cassino da Urca, o grupo de traços formado pelas metáforas Castelo e Canto da Urca foi representado pelas metáforas *Lugar do Show* e *Lugar de Cá*, e o grupo formado pelas metáforas Cortiço e Elefante Branco foi representado pelas metáforas *Lugar do Jogo* e *Lugar de Lá*. No que concerne ao arquivo mnemônico do Engenhão o grupo de traços formado pelas metáforas *Monstro Parado*, *Elefante Branco* e *Estádio Fantasma* foi representado pelas metáforas Lugar da Morte e Lugar do Abandono e o grupo formado pela metáfora *La Bombonera* foi representado pelas metáforas *Lugar da Vida* e *Lugar do Jogo*, como será visto nos exemplos mais adiante colocados.

Momento 5) Escritura da Narrativa Metafórica do Lugar

A partir das (novas)metáforas uma (outra)história do lugar foi escrita: a Narrativa Metafóricas do Cassino da Urca e a Narrativa Metafórica do Engenhão. Esta fase se refere às análises das narrativas, como será demonstrado nos exemplos contidos mais adiante.

Lugares em Suspensão: sobre a escolha dos dois estudos de caso

Se os lugares contam histórias da cidade, que lugares são estes? São lugares específicos na cidade, que podem ser, de antemão, reconhecidos, identificados, mapeados? Ao demandar aos narradores que contem sobre suas recordações a partir de um lugar, que lugares devem ser estes?

Estudos recentemente realizados (DUARTE; UGLIONE, 2004; 2005) indicam que alguns lugares na cidade embora tenham uma forte presença visual na paisagem de um bairro, não têm, necessariamente, importância significativa na construção da “imagem” da cidade pelos seus moradores: eles não são, portanto, lugares emblemáticos para aquele grupo. Contudo - demonstrou ainda estes estudos –

alguns destes lugares ainda que não sejam emblemáticos para as pessoas, possuem uma espécie de *força reveladora* que tem por efeito *desvelar* “silêncios” da cidade.

Para NORA (1997) “...os lugares de memória não são aqueles dos quais nos lembramos, mas lá onde a memória trabalha” (p. 18). A memória, pode-se concluir do autor, não pertenceria aos lugares, ela não estaria contida (nem no sentido de conteúdo nem no sentido de contenção) nos lugares, mas estes mobilizariam, acionariam, produziriam memórias.

Não se trataria, portanto, para nossa pesquisa, de buscar - ao se pretender contar histórias da cidade - por lugares emblemáticos (muitas vezes apontado pelas instituições como “históricos”, “monumentais” etc), mas por lugares que teriam um potencial de fazer a memória “trabalhar”.

A cidade contemporânea provoca insistentemente com seu ritmo caótico e fragmentado de se mostrar na tela da modernidade. Ter uma “boa visibilidade” dessa cidade, vê-la “de fora”, localizar seus limites, enxergar suas saliências, identificar seus marcos, pode ser uma forma de “sossegar” o mal-estar deste espaço provocativo com suas interrogações, uma forma de “costurar” o tecido talhado da cidade. Mas se a memória não deve ser (ou não deve ser mais) vislumbrada como um suporte de “salvamento” do urbano ruído (BOYER, 1996; HUYSEN, 1994, 2000; JEUDY, 2005, 1990), então outras “visões” devem se voltar à cidade, não com olhos aos “lugares-guardiões”, aos lugares que funcionariam, pelo seu peso de signo, como protetores dos efeitos corrosivos que o tempo deixa (inevitavelmente) na vida, aos lugares nos quais estaria “guardada” uma memória a espera por ser descoberta e contemplada como prova (falsa) da resistência humana contra o tempo, o imprevisível, a morte.

“A escritura da cidade pode resultar indecifrável e defeituosa, mas isto não significa que não haja escritura; simplesmente pode ser que nós tenhamos criado um novo analfabetismo, uma nova cegueira” (KOOLHAAS, 2007:27).

Outras visões devem se voltar à cidade, mas com olhos mais (des)atentos às surpresas que possam advir de histórias que emergem de recantos (talvez sempre dos mais inesperados) da cidade. Visões sensíveis à força expressiva das composições - sempre novas e renovadas - desta obra em perpétua criação, que é a cidade.

“(...)no mundo urbano contemporâneo, malgré o niilismo de muitos, a vida comunitária reconstitui-se, não sem esquecimento (seletivo) do passado ou sem rupturas dolorosas que representam as experiências novas” (ROCHA; ECKERT, 2005: 93).

Para DELEUZE & GUATARRI (1996) é frente aos *acontecimentos*, aos *instantes* derradeiros nos quais a ampulheta gira, que o psiquismo, esta *máquina-desejante*, é acionada a produzir (outros e diferentes) significados para a vida. É frente ao novo, à falta de significado, ao caos que a “*vida insiste em buscar um sentido*” (CONTE, 2001:153). É frente às transformações da vida que cada um é convocado a “*...construir as suas próprias histórias individuais e coletivas*” (DUARTE, 2006: 03). É frente às “suspensões”, aos vazios próprios dos “deslocamentos” na cidade, que a máquina de escritura da memória urbana é ativada às suas tarefas.

Todo deslocamento requer perder o solo firme até que se encontre o próximo ponto de apoio; um espaço que passa por uma transformação, por uma mudança na sua configuração morfológica, funcional, é um lugar que se encontra em suspensão, que se encontra no vácuo inerente do estar entre o que se foi e o que será. Assim como é no “vôo” entre uma baliza e outra que as cenas da trapezista de Win Wenders¹⁰ adquirem cor, talvez seja nos estados de suspensão – e talvez somente por isto - que os lugares exijam da memória o seu trabalho.

¹⁰ Personagem do filme *Asas do Desejo* (1987).

Se a “*personalidade caótica e confusional da civilização urbana no Brasil*” (ROCHA; ECKERT, 2005), que constrói-abandona-transforma-destrói, não é sinal de fracasso ou de incidente em nossa cultura, mas modalidades simbólicas de criar uma *duração* (BACHELARD, 1988) no tecido desfiante da urbe, então o trabalho da memória é inerente às reconfigurações urbanas.

“Numa sociedade globalizada, as mudanças se difundem muito rapidamente por todo o mundo e podem ser encontradas nos lugares mais inesperados e remotos” (CASTELLO, 2007:).

O Antigo Cassino da Urca e o Engenheiro não são propriamente recantos da cidade – inclusive são focos de polêmicas e de grandes investimentos e interesses diversos – mas inegavelmente são lugares em suspensão no Rio de Janeiro.

Uma (terceira) História da Cidade - O Antigo Cassino da Urca e o Engenheiro

Segundo informações obtidas na literatura, O *Antigo Cassino da Urca* é a denominação mais comum do local, a forma usual como a área e o edifício são conhecidos pelas pessoas de modo geral. Contudo, o edifício foi construído em 1920, no bairro Urca na cidade do Rio de Janeiro e abrigou entre sua inauguração e sua última ocupação três estabelecimentos diferentes: Hotel Balneário, Cassino da Urca e TV Tupi. Localizado no ponto central do bairro e junto à praia, o Hotel Balneário foi construído numa época em que a vida à beira-mar valorizava-se entre as classes sociais mais favorecidas na cidade, ele compunha um projeto maior de expansão hoteleira na Zona Sul do Rio de Janeiro. Em 1933 a proprietária do Hotel, a Companhia Imobiliária e Construtora do Rio de Janeiro transferiu a maioria das ações a empresários locais quando o hotel foi transformado em Cassino da Urca. Neste período, outros grandes cassinos despontavam no cenário da cidade (AIZEN, 1988), promovidos por uma

grupo de empresários que “(...) fizeram o Cassino da Urca viver os anos dourados do jogo e da vida noturna no Rio de Janeiro” (p. 38).

Em 1946 através de um decreto presidencial extinguiu-se em todo o Brasil o jogo. Assim, os proprietários dos cassinos perderam o direito de explorar o jogo de azar e o Cassino da Urca, então, juntamente com outros cassinos, foi desativado naquele ano.

Na década de 50, a partir de várias adaptações na estrutura arquitetônica do edifício, instalou-se no local os estúdios da TV Tupi que funcionaram no local até 1980 quando a empresa de televisão e emissora teve sua concessão cassada pelo governo federal. Desde então, o prédio permaneceu sem ocupação oficial, sendo tombado em 1988 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Em 2006 a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro estabeleceu uma parceria com o Instituto de Design Italiano (IED), através da qual o “Antigo Cassino da Urca” seria reformado para abrigar as instalações do instituto (Jornal O Globo, 21/11/2006).

O início das obras foi adiado devido a impedimentos legais nascidos a partir de uma série de reivindicações da comunidade que solicita o cancelamento das obras, alegando inadequação entre o projeto proposto de transformação arquitetônica do prédio e as necessidades e características do bairro (Jornal O Globo, Zona Sul, 06/09/2007). Atualmente o edifício encontra-se em fase inicial das obras de reforma.

O Estádio Olímpico João Havelange - conhecido como Engenhão, segundo informações de folhetos turísticos, localiza-se no bairro de classe média e média-baixa na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro chamado Engenho de Dentro. Este bairro tem sua origem ainda no período colonial, tendo sido em toda a sua extensão um engenho de açúcar. A partir da segunda metade do século XIX em

suas terras começaram a passar a Estrada de Ferro Pedro II, posteriormente denominada Estrada de Ferro Central do Brasil.

O Engenhão foi planejado para compor o conjunto de obras destinadas aos Jogos Pan-americanos 2007. Foi construído no antigo terreno da Rede Ferroviária Federal; suas obras iniciaram em 2003 e foram finalizadas em 2007 com a inauguração do estádio em junho deste ano, em uma partida de futebol.

Arquivo Mnemônico do Lugar Suas Etapas e Mecanismos

Neste capítulo apresentam-se as etapas e os mecanismos que atuaram na construção das Narrativas Metafóricas do Lugar: a) Narrativa Metafórica do Cassino da Urca; b) Narrativa Metafórica do Engenhão.

Narrativa Metafórica do Cassino da Urca

Momento 1) Leitura da Narrativa do Cassino da Urca

Eu não lembro...meu pai comenta...tinha o Circo do Carequinha...isso foi em 61. Nós somos moradores daqui e não sabemos nada...isso tá desativado. Essa passagem é um problema, tem mendigo e cheiro de urina...um elefante branco só isso...disseram que ia ser um Centro Cultural...imagina 650 alunos: o que vai ser desse bairro? Um horror o que vão fazer com a gente... ah! Tinha o Flávio Cavalcanti, a Henriqueta Brieda, que morava aqui no bairro... tinha alguma coisa com a Emílio Santiago, mas isto eu vi na TV eu nem sabia. Teve curso de dublagem, eu ia fazer... uma oficina de mecânica, eu consertava meu carro lá,,, tinha Karatê. O que vai ser feito, vai arrebentar com a gente que mora no bairro, antes o prefeito disse que seria um museu. Podia ser um Carrefour, ao menos a gente comprava a vontade...ou um supermercado mais barato, o Mundial. Quando cheguei o prédio já tava abandonado. A cabine do salva mar ficava na ponta, as outras eu fui morar e tomava conta, centenas de vezes eu tirei a vagabundagem do prédio. Sempre que eu entrei já tava tudo deteriorado,,,nunca teve nada importante lá dentro. Os moradores falam que tinha o Flávio Cavalcanti,,, programas de auditório,,,ficava lotado,,,acabou o Cassino e fecharam os auditórios. Moro muito tempo na Urca, e muita coisa passou por aí, mas não lembro de nada,,, mas era muito bonito esse prédio,,, depois começou a degradação,, deu até foco de dengue,,,o prédio era realmente muito bonito, faziam muita coisa aí,,, Era um Cassino...o Chacrinha fazia show aí...antigamente era a TV Tupi...na época que eu vim já não tinha nada. Um grupo de italianos vão fazer alguma coisa ali. Não sei nada...moro aqui há 20 anos e isso aí já tava abandonado. Não lembro de nada... sei que era um Cassino e a TV...acabou em 48 mas eu não me lembro. Falam muito que ta abandonado, mas do que foi não se fala, e eu nunca me interessei. Vão fazer um negócio ali mas não sei o que vai ser...parece que vai movimentar 1500 carros! Quando cheguei tava abandonado e um ano depois abriu a TV Tupi, fechou e ficou sucata de mendigos. Eu ia nos programas ao vivo do Chacrinha, do Flávio Cavalcanti, O Céu é o Limite, A Grande Chance. O prédio tá caindo. Naquele tempo tinha alegria na Urca, tinha comércio, tinha banda na rua. Agora a Urca é um descaso...tem esgoto a céu aberto, já fiz muita coisa mas ninguém vem aqui fazer uma reportagem ou arrumar o esgoto...se depender do meu voto que façam alguma nesse prédio...é uma firma estrangeira e assim pode ser que o Brasil acorde e faça alguma coisa...pro comércio vai ser bom. Eu sou compositor e já fiz muita música pra Urca. Cassino? Eu não vou a cassino moça. Desde a época da Tupi...é o prédio da Tupi...tinha o programa do Carequinha...eu levava meus filhos...Adélia Fátima...João Silvestre...uma vez ganhei uma máquina de costura...era legal aquela época...foi roubo, é o que o povo conta. Ficou essa coisa horrorosa, cheia de mendigos. Dizem que vai ser um curso de Design, e que isso vai ser ruim pra Urca. O povo ta reclamando que vai ter muito carro. Nossas calçadas ta horrível, a poda das árvores eles vem e fazem de qualquer jeito...a nossa Urca ta se acabando. Tem o esgoto horroroso...tinha uma aula na praia junto do prédio, eles usavam as cabines mas agora mandaram dizer que eles não podem usar mais. O pessoal vem na Urca pra fazer baderna. A gente ta se opondo ao projeto, ele não foi feito de forma transparente, vai ser um impacto urbanístico muito grande. O lugar teve três fases: o Balneário da Urca que era uma espécie de hotel, por isto as cabines; O Cassino da Urca e a TV Tupi que não se sustentou por má gestão, deve fazer uns 40 anos...eu gosto desse bairro. Tem ainda, quem olha da praia, um conjunto de pedras que eram as pedras que formavam uma piscina...onde se colocavam as crianças. Quando vim pra cá já tava tudo fechado...as vezes que eu entrei eram festinhas que aconteciam lá...depois teve um antiquário...mas só de ouvir as pessoas falarem...vinham artistas

nacionais e internacionais...mas não sei de nada...meu marido deve ter freqüentado...eu nunca entrei...e sei que ta caindo aos pedaços...a comunidade ta contra...o dono do Scala já quis comprar e a comunidade não deixou...não é só os carros, mas o esgoto tudo vai precisar. Com sinceridade não lembro de nada lá...a Urca mudou muito...era mais família...eu não freqüentava...eu lembro que todos os domingos tinha as vedetes...faziam domingueiras...as vezes eu ia espiar lá...tinha uma lancha que saia da praia e levava até o Cassino em Niterói...as pessoas iam acompanhando...chamava Cinéia...saia do ancoradouro da Urca...vim morar aqui em 33...tinha as filas de táxi enormes que ficavam esperando as pessoas...enchiam as ruas...os moradores reclamavam...festas de carnaval eu não ia...acabou o Cassino e não ficou nada. A Urca era mais cuidada...a Urca não é nem sombra do que era...estou nesse apartamento desde 1930...havia terrenos vazios...no tempo em que tinham os ônibus da Light, no tempo em que...antigamente havia botequim. Eu moro na Urca há 61 anos, minha idade...e não sei nada daquele lugar...sei que tinha jogo. Era muito jovem...morava bem longe do Cassino...lembro que tinha o cassino e que tinha os...não me lembro nem do nome daqueles artistas...lembro que tinha muitos shows...eu não sou do tempo que se ia a Cassino...nunca tomei parte ativa da Urca...passei a morar dentro da Urca...antes morava fora. A Urca era apagada...minha família é toda evangélica...não participava do Cassino...eu morava no começo da Urca, não ficava aqui dentro. No meu ponto de vista da religião...o programa bom era o Céu é o Limite...a gente ta mais por dentro dos problemas da violência e dos horrores da atualidade...tinha programas de auditório...tinha um cara muito grosseiro...do tempo dos jogos não tomava conhecimento...tinha dança e a família evangélica...Havia um mercado era todo de azulejo português (na Urca)...tinha um fluxo de água...não tinha banco naquela época...tinha no máximo 10 carros...era um bairro calmo...as pessoas saiam daqui de dentro pra trabalhar. Com esse problema do IED com 500 alunos...quando entra caminhão de lixo já fica cheio...essa coisa de doído. Eu peguei como TV Tupi...tinham programas...ficava lotado ali...uma vez o Flávio Cavalcanti trouxe um elefante e não passou na porta...ficou um tumulto...tentaram fazer um hotel...a Globo alugou pra fazer novela...eles restauraram o palco mas não conseguiram fazer girar porque tava muito enferrujado...era pra fazer a novela Dancing Day's...quando meus pais vieram pra cá essa casa já tinha sido construída por um general francês que trouxe tudo da Europa...nossa casa é tombada...isso que vai acontecer aí é um absurdo (IED) não tem estrutura...não apresentaram nada...os esgotos na Urca...com o acúmulo de estudantes não vai dar vazão...só temos duas linhas de ônibus e que estão sempre lotados...tem que pedir licença pros meninos da escola porque enchem o ônibus...vai ser muita gente pra pouca linha...aqui é a escola Superior de Guerra...o comércio é muito pequeno... os alunos (do IED) não vão movimentar comércio...e a área de comércio é restrita, não pode expandir. Do lado par é onde havia shows e do lado impar era o jogo...mais ou menos 7 horas da tarde a gente passava e meus pais não gostavam...nós não íamos na praia...tinha a impressão que era suja...hoje eu sei que é suja...na parte do jogo eu nunca entrei...só com meu marido mas na parte dos shows...a nossa via de esgoto está velha...a gente fica preocupada (URCA)...quando terminou o Cassino por problema financeiro, não sei, veio a TV Tupi que não agüentou, ficou abandonada. O pessoal da Urca não gostava daquele lugar...a gente que morava se apegava ao lugar...tínhamos que mandar nossas crianças pra fora pra estudar...minha impressão é que todos dormimos sobre isto tudo: que tipo de pessoal que vem pra cá...que problemas até morais...era um bairro tranqüilo. Esse prédio aí eu nem sei...se é do governo ou não...moro há 10 anos na Urca e não tive curiosidade de perguntar nada sobre ele...não tive curiosidade...o dono é o governo? Não sei nada desse prédio...não quero confusão...foi tombado, destombado...foi Cassino...TV Tupi...agora ta tudo quebrado, despencando...era pra ser Museu da Marinha...não sei história nenhuma...há anos que ta assim...o teatro era muito lindo, um espetáculo...foi Chacrinha, Flávio Cavalcanti...uns queriam fazer hotel, depois cinema...e acabou virando asilo de mendigo...vim muitas vezes aqui...a discoteca do Chacrinha...difícil lembrar...isso ta fechado há anos. Não lembro do Cassino...a Urca não era um bairro muito interessante pras pessoas...todos preferiam Copacabana...era um bairro que não tinha nada...é um bairro que não comporta essa mudança (IED)...era um bairro tipo moradores do interior...um bairro muito retraído...mas histórias particulares do Cassino não conheço...era uma atividade restrita: sem muita publicidade, divulgação. Lembro dos meus pais nos trazerem...lembro das chacetes que andavam pelo bairro com aquelas roupas e os meninos ficavam de olho nelas...a gente era menina...mas a água (da praia) era transparente. Eu vim morar na Urca bebê e tudo estava em construção...meu avô era sócio e fizeram o aterro da Urca...quando vim morar aqui em 36 fomos pra São Sebastião, a casa parecia um monstro de grande, hoje ela parece tão pequena. Quando mudamos tinham muitos terrenos vazios...a gente brincava na rua...nas casinhas da praia moravam os artistas de Hollywood...tinha no Cassino uma grande festa de Carnaval regada a confetes de prata...eu ia na casas das artistas e ganhava lança-perfume e confetes prateados...no Cassino eu não podia entrar...as casas eram todas de muro baixo...a família que cresceu na Urca, essa velharia não sai daqui...tinha o lado de lá e o lado de cá do Cassino...lembro daqueles carros que parava, da Carmem Miranda que tinha uma vitrine na casa dela com os sapatos que ficavam na janela e a gente via da rua...Grande Otelo...eu vivia na porta do Cassino...do prédio eu lembro da fachada que

era toda luminosa...mas o prédio nunca foi bonito na realidade...não lembro de achar bonito...como estrutura era sem graça...foi construído por uns portugueses...tinha casamentos, festas de carnaval...a Urca já foi muito animada...agora tem esse exército...Teve muito artista que morava aqui, o Zé do Bandolim...e teve muito militar barra pesada que morava aqui também...as casas da Urca eram translumbrantes...eram imensas...meu avô morava num castelo...meus pais não freqüentavam o Cassino...pros moradores era uma coisa proibida...era pra jogadores que podiam ser viciados...eu ficava só na entrada...de todos os meus amigos que eram artistas e músicos nenhum tocava no Cassino...tinham os ricaços da Urca e esses também não freqüentavam o Cassino. Eu não vou à Cassino... não sei onde é esse prédio! Já foi um grande Cassino... depois a Tupi...muito freqüentado. Pra mim não quer dizer nada isso aí...não me afeta em nada...trabalho no bairro há 18 anos e isso sempre foi largado...não ouvi nenhuma história sobre esse lugar. Esse dali? Venho pra cá há 2 anos...só sei que tem um morador lá...ele mora lá há 24 anos e disse que agora querem tirar ele de lá...qual é o fundamento desse prédio? Eu sou antiquíssima, vendo aqui há 20 anos...eu acho certo ser um escola...lembro que vinha Grande Otelo, Dalva de Oliveira...a gente tinha um quarto pra guardar as coisas...nas cabines, mas o Cassino tirou da gente. Cadê? Eu sei que...eu não sei nada sobre ele...era aquela rádio? Vendo cachorro-quente aqui há 20 anos. Eu sei que morava gente em cada cabine e depois foi proibido. Eu freqüentava o cassino...não era pra jogo não...o cassino mandava buscar os artistas estrangeiros, dos Estados Unidos... o Rolas que fundou o Cassino...trouxe Francisco Ortiz Tirado, do México, Sé Morrica...eles vinham cantar no Cassino...eu conhecia o secretário...eu lembro que o fundo do palco vinha da terra...ia subindo e aquela moça mexicana... como se chamava? O palco era todo de espelho, uma espécie de leque de espelhos...a gente passava horas maravilhosas... O Grande Otelo cantava...tinha uma música...Como se chamava? Pra falar a verdade não me lembro do prédio, ia sempre de noite, nunca fui de dia. O salão de jogo tinha o lado dos mais ricos e o lado dos mais pobres...Sé Morrica foi um cantor que cantava maravilhosamente bem...Grande Otelo sempre sem dinheiro...uma época de ouro no Rio de Janeiro...O cassino era uma riqueza, um luxo danado...a sala de jogo dos mais pobres que não tinham cacife chamava necrotério. Nada. Sei que aí funcionava a TV...é antigo, né?! Mas agora...nada...não sei absolutamente nada. Antigamente era a TV Tupi...incrível não tenho nenhuma lembrança nem história...a gente passa ali e tem mendigos...coisa horrível. Parece um castelo...tá abandonado...antigamente esse casarão era um negócio de rádio Tupi...ia ser legal se demolissem...bum! aí ia ter mais espaço pra fazer mais gols (goleiras). Esse prédio tá há anos arrebitado...nesse lero-lero nunca arrumaram ele. Vai ser a Escola de Design...um prédio realmente glamoroso...foi um império da televisão...Mário Schemberg (físico) inventou as "super novas" jogando bilhar aí, jogando sinuca...chamou de Efeito Urca...meu avô vinha aqui...ele conhecia pessoas importantes e trazia elas aqui...um prédio tão grandioso...e tudo virou gelatinoso (onde tudo se desmancha). Qual prédio? Não sei nada desse prédio. É um prédio jogado fora...tá acabando com a paisagem...tinha que ter mais coisas bonitas na Urca...isso aí ta enfeitando o lugar...é uma praia sossegada. Bom era tirar esse prédio pra abrir mais a praia...ter mais boniteza...a gente chega aqui e...podia ser um estacionamento...tirar esse prédio fora...isso aqui é bom porque larga as crianças na praia...sem o prédio ia abrir mais a praia. Eu ia lá sempre pra levar turista...era igual ao Scala, melhor que o Scala...tinha vários artistas que se apresentavam de noite...Não freqüentava o teatro...tinha roda de samba...os turistas iam lá...já demoliram aquele prédio? Me lembro mais ou menos...sei que existe...era na avenida, né? Foi coisa que não me aprofundei em conhecer. Não sei nem onde fica...só sei que é na Urca. Não sei nada...eu entrei lá pra dançar...tinha dança, comida, nada mais...não recorde de nada...era só um salão imenso...eu comi uma churrascada lá. O que aconteceu com ele? Ta ainda lá? Fui lá uma vez...uma vez eu joguei...eu gostava muito do Cassino...sei que era muito bom...ganhei 30 reais no jogo. Cassino da Urca era uma noite muito divertida...mas muita gente saía de lá triste, perdia tudo...penhorava até seus imóveis...hoje todo mundo quer ganhar dinheiro sem trabalhar...a paisagem era bonita...era deslumbrante...mas a verdade é que era muito triste: gente que perdeu tudo no Cassino da Urca...tragédias do jogo...a economia tem que se fazer com trabalho...o Rio hoje é muito maquiado. Nunca freqüentei...mas lembro que era o ponto principal do jogo...jogo não é comigo...mas eu sou a favor do jogo...é um divertimento...não lembro nada do prédio. Naquela época era encontro de cantores estrangeiros...conheci só de passagem...lá não aconteceu nada de importante...era o Cassino da Urca...tipo o Hotel Quitandinha. Eu ia lá mas não como Cassino, quando tinha festa, algum evento...o que me lembro é do Pão de Açúcar...a vista é bonita...eu achava muito bonita a paisagem...a única lembrança que eu tenho é que eu matava aula pra ir no Pão de Açúcar...não sei se existe mais o Cassino...na minha época não me levavam lá...Vão reabrir? Eu acharia bom, pra nós que estamos vivendo com tanta violência...o Cassino seria um lugar pra entrar, se distrair...pena que não conheci. Eu nunca fui lá...não sei dizer nada...nunca fui visitar...fui na Urca umas três vezes...moro há 50 anos no Rio. Quando demoliram? Das minhas amigas ninguém nunca falou nada de ter ido no Cassino ou alguma história de lá. Me lembro do cantor Pedro Vargas...eu gostava de ir lá me divertir...conheci a Madame Siabra...era uma praia...o prédio ficava dentro da areia...Não sei se ele ainda existe. Já calculou se eles revitalizassem aquilo

lá?! Como ia ficar o bairro da Urca? Muito valorizado. É um braço de praia...aquilo fica um trambolho...mas fica enfeitando. Eu freqüentava o Cassino...havia o Cassino da Urca, o do Hotel Atlântico e o do Copacabana, mas o da Urca era o melhor, onde tinham os shows...era o grande luxo da classe média...a classe alta ia no Quitandinha...para quem gostava de jogo...uns jogavam e outros ficavam no salão...grandes artistas...o salão era muito bonito...muita iluminação...sempre cheio...minha irmã tinha um irmão que era viciado em jogo, então para resolver isto arrumaram um emprego pra ele: eram umas pessoas especializadas em conhecer as pessoas que tinham dinheiro... para saber quando elas perdiam no jogo se o Cassino podia emprestar dinheiro...através deles se sabia quem prestava na cidade...havia dois irmãos gordos que cantavam e falavam grosserias...tudo muito bem servido...nunca mais voltei lá desde os anos de 44 e 45...conheci o Quitandinha que era de alto padrão...o único que batia o Cassino da Urca em matéria de luxo...a classe rica ia no Quitandinha e a média na Urca, por causa do conforto das salas...Grande Otelo e Oscarito se exibiam por lá...nunca houve nenhum caso de suicídio por causa de dinheiro lá...tinha uma pista dançante em forma retangular...falam por aí que ele tá abandonado...mas pior foi o Quitandinha que têm pessoas pobres que moram lá. Não gosto de jogar...mas minha prima me convidou pra ir lá porque me viu sozinha, sem nada pra fazer e joguei 10 contos e com o dinheiro que ganhei comprei um colar de pérolas que tenho até hoje. Nunca acompanhei na época da TV Tupi...sei que tinha programas mas nunca voltei lá. Historicamente conheço...representava a vida fútil da cidade...jogo e exibicionismo...nunca tive vontade de ir lá...não é minha praia, como se diz. Arquitetura daquela época: nem boa nem ruim...restou o saudosismo da turma da boemia do Rio de Janeiro. Lembro de uma história ocorrida lá mas não quero contar por que é uma pessoa muito conhecida...abutres bonitos...gente ávida por aparecer...querer ser vista...festival de vulgaridade...ali era muito bom pra quem queria aparecer...um repórter ficou muito famoso lá entrevistando peruas...eu sou carioca mas tô muito triste com o que ta acontecendo: o urbanismo foi assassinado no RJ: as favelas são os cortiços que todos adoram na literatura brasileira...é só ler Machado de Assis... interesses escusos definindo o urbanismo. Eu sei onde é...mas não conheci... minha esposa que me fala... era jogo, mas ela nunca freqüentou...já passei por lá, mas sempre interessado em outro destino, nem observei o prédio. Nunca freqüentei nem conheço ninguém...sei que o ônibus passa por baixo. Era um prédio imponente...me lembro das cores: amarelo claro, cor de areia...eu nunca freqüentei... mas era muito bem freqüentado...alta sociedade...eu passava lá pra ir na praia que era tranqüila...tudo que era show acontecia lá...depois passou a ser do Diários Associados...aí eu fui ver um show e o prédio continuava o mesmo...era um ponto chic e de gastar dinheiro...aí fecharam...eu sou de Minas e lá tinha muito Cassino e tudo ficou decadente...hoje tudo é clandestino...eu conheci o Dutra: um grande presidente. Moro há 53 anos no Rio de Janeiro...eu ouvi falar que vão revitalizar...mas nunca ouvi nenhuma história daquele lugar...não tive dinheiro nem pra ir visitar...só iam os que tinham dinheiro...vão reativar e isto é o que tem que ser feito. Lembro de muita coisa de Carmem Miranda...aquilo era uma beleza da minha época...deu muito emprego pra muita gente...muita alegria...eu ia na praia e via a entrada dos artistas, mas não podia freqüentar por causa do meu marido, mas eu queria. O prédio é o mesmo que era, não mudou nada...a mesma fachada...eu adorava...não mudou nada no prédio...tinha aquela parte que ligava os blocos lá em cima. A Urca quando tinha o Cassino tinha vida, agora não. Moro aqui desde 50...me lembro que foi um grande Cassino...era um canto da Urca, naquela praiazinha...passava por baixo...teve o almirante que não era músico mas freqüentava...era um prédio de 3 andares, ficava de costas pra praia...o prédio ainda existe, não tiraram nada. Não freqüentava, só olhava, mas não lembro de nada, nem do prédio. Não lembro nada...tinha a antiga TV...funcionou na época do Dutra que fechou...perdeu muito com a proibição...lembro dos shows da Carmem Miranda...na Urca o pessoal nasce e morre lá...quando estudei na Praia Vermelha já tava abandonado...eu sou favorável ao restabelecimento dos Cassinos, embora eu não jogue...a época gloriosa foi durante o jogo...eu lembro do Quitandinha que ficou decadente. Eu lembro que existia...era um passeio que a gente gostava de fazer...eu era menina...lembro do prédio que tinha um tunelzinho que os carros passavam por baixo...e naquela época garota era menina mesmo, infantil...a Urca era um lugar sossegado...mas dentro nunca entrei...era um prédio redondo...hoje é um negócio que fica ali apodrecendo. Eu lembro da TV Tupi...tinha o programa da Chacrinha...não é muita coisa que lembro...tinha as casinhas (cabines)...tem uma pessoa que mora ali...dizem que ele é P2, policial secreto...no tempo da TV o único tumulto que acontecia na Urca era ali...mas a TV foi ficando decadente...teve a proibição do jogo...teve um Cassino em Lambari que funcionou um dia...agora o lugar ta degradado...lembro das filas pros programas...as cabines na verdade eram invadidas por qualquer um...parece que o projeto que vai ser feito (IED) não é original.

Momento 2) Inscrição dos Traços

Como descrito acima, nesta etapa são selecionadas as metáforas que emergem das narrativas, ou seja, são ressaltados em cores diferentes em cada quadro aqueles traços referentes a idéias semelhantes em cada trama. As frases que não se relacionam com a metáfora escolhida são “apagadas” da trama (pintadas de branco):

a) metáfora do castelo

mas era muito bonito esse prédio *o prédio era*
realmente muito bonito, faziam muita coisa aí

fechado *nunca entrei*

lancha que saía da praia e levava até o Cassino em Niterói...as pessoas iam *espiar*
acompanhando...chamava Cinéia *filas de táxi enormes*

morava bem longe do Cassino
muitos shows *não participava Cassino*

azulejo português *mercado* *todo de*

general francês que trouxe tudo da Europa *casa* *por um*

lado par *shows* *parte*

dos shows

teatro *muito lindo* *espetáculo*

Carnaval *a casa parecia um monstro de grande* *Cassino* *grande festa de*
carros que parava *lado de lá* *lado de cá* *Cassino* *não podia entrar*

freqüentavam *Cassino* *casas da Urca* *translumbrantes* *imensas* *não*
grande Cassino *não freqüentavam*

cassino mandava buscar *artistas estrangeiros* *o fundo do palco vinha da terra...ia subindo*
maravilhosas *palco era todo de espelho, uma espécie de leque de espelhos* *horas*
salão de jogo *o lado dos mais ricos e o lado dos mais pobres* *noite*

jogo dos mais pobres *época de ouro* *cassino* *riqueza* *luxo* *sala de*

abandonado *casarão* *castelo*

importantes *grandioso* *glamouroso* *império*
Efeito Urca *peessoas*

programa do Carequinha, eu levava meus filhos...Adélia Fátima...João
 Silvestre ganhei legal
 aula na praia junto do prédio usavam cabines
 olha praia conjunto de pedras piscina
 colocavam as crianças eu entrei festinhas aconteciam lá
 antiquário
 Urca família
 Urca cuidada antigamente
 Urca apagada
 bairro
 calmo programas Flávio Cavalcanti elefante e não passou na porta novela
 bairro tranqüilo
 Chacrinha, Flávio Cavalcanti... ...vim
 discoteca do Chacrinha Urca não era um bairro muito interessante bairro não tinha nada
 bairro retraído nos trazerem chacetes andavam bairro meninos ficavam de olho nelas menina água (da praia) transparente.
 a gente brincava na rua...nas casinhas da praia moravam artistas de Hollywood
 Cassino ganhava lança-perfume confetes
 prateados Cassino não podia entrar casas eram todas de muro baixo Carmem Miranda vitrine na casa dela
 com os sapatos que ficavam na janela e a gente via da rua...Grande Otelo...eu vivia na porta do Cassino
 casamentos, festas de carnaval Urca animada
 artista morava Zé do Bandolim
 Grande Otelo,
 Dalva de Oliveira um quarto guardar cabines freqüentava cassino
 artistas estrangeiros fundou Francisco Ortiz
 Tirado Zé Morrica cantar o fundo do palco vinha da terra aquela moça mexicana O palco era todo de espelho

horas maravilhosas Grande Otelo cantava
 maravilhosamente bem Grande Otelo sem dinheiro Zé Morrica cantava
 funcionava TV...

dançar dança, comida, nada mais só um salão
 imenso joguei gostava muito do Cassino
 .ganhei jogo. Cassino da Urca divertida...

cantores estrangeiros
 ia lá festa evento
 Pão de Açúcar...a vista bonita muito bonita a paisagem
 matava aula Pão de Açúcar Cassino não me levavam lá...
 pena que não conheci.

Madame Siabra uma praia...o prédio ficava dentro da areia...
 braço da praia...
 freqüentava

emprego

areia amarelo claro, cor de
 passava lá ir praia tranqüila

Carmem
 Miranda beleza da minha época...deu muito emprego ...muita alegria

Urca Cassino vida
Canto da Urca praiazinha

Carmem Miranda
 passeio gostava de fazer
 tunelzinho que os carros passavam por baixo...e naquela época garota era menina mesmo,
 infantil...a Urca era um lugar sossegado redondo

TV Tupi programa da Chacrinha casinhas
 (cabines)

c) Metáfora do cortiço

do que foi não se fala nunca me interessei
Urca descaso
foi roubo
O pessoal vem na Urca pra fazer baderna. A gente ta se opondo ao projeto não foi feito de forma transparente.
má gestão
não sei de nada
a comunidade ta contra..o dono do Scala já quis comprar e a comunidade não deixou
Urca era mais cuidada
não sei nada daquele lugar
tinha jogo
problemas da violência horrores da atualidade ...tinha um cara muito grosseiro tempo dos jogos não tomava conhecimento
essa coisa de doído
não apresentaram nada
a gente passava e meus pais não gostavam não íamos na praia era suja parte do jogo nunca entrei
gente fica preocupada Cassino problema financeiro ficou abandonada. O pessoal da Urca não gostava daquele lugar
gente que morava se apega todos dormimos sobre isto tudo. que tipo de pessoal que vem pra cá.. problemas até morais nem sei...se é do governo ou não
confusão tombado, destombado
queriam fazer hotel, depois
cinema
era um bairro
tipo moradores do interior
barra pesada que morava aqui
...meus pais não freqüentavam o Cassino...pros moradores era uma coisa proibida...era pra jogadores que podiam ser viciados... de todos os meus amigos

que eram artistas e músicos nenhum tocava no Cassino...tinham os rícaços da Urca e esses também não freqüentavam o Cassino. Eu não vou à Cassino

depois foi proibido. morava gente em cada cabine e

necrotério.

Qual prédio? Não sei nada desse prédio É um prédio jogado fora

.mas
muita gente saía de lá triste, perdia tudo ganhar dinheiro sem
trabalhar era muito triste: gente que perdeu tudo no
Cassino da Urca maquiado.

ponto principal do jogo...jogo não é comigo

Eu ia lá mas não como Cassino

ninguém nunca falou nada de ter ido no Cassino amigas

em jogo viciado

dois irmãos gordos que cantavam e falavam grosserias

vida fútil da cidade...jogo e
exibicionismo...nunca tive vontade de ir lá
saudosismo da turma da boemia

vulgaridade abutres bonitos...gente ávida por aparecer festival de
quem queria aparecer

cortiço

esposa interesses escusos minha
jogo nunca freqüentou

decadente. clandestino

Quitandinha que ficou decadente.

decadente policial secreto TV foi ficando
proibição do jogo as
cabines na verdade eram invadidas por qualquer um

d) Metáfora do elefante branco

ta desativado
passagem é um problema, tem mendigo e cheiro de urina **elefante branco**
vai arrebentar com a gente que mora no bairro
tava abandonado.
tirei a vagabundagem *tava tudo*
deteriorado nunca teve nada importante lá dentro
acabou fecharam muita coisa passou por aí,
começou a degradação, deu até foco de dengue
não tinha nada.
já tava abandonado *acabou* *ta*
abandonado *vai movimentar 1500*
carros *tava abandonado* *abriu fechou sucata de mendigos*
ta caindo
Ficou essa coisa horrorosa, cheia de mendigos *vai ser ruim*
vai ter muito carro
vai ser um impacto urbanístico
não se sustentou má gestão
já tava
tudo fechado
ta caindo aos pedaços
enchiam as ruas *tinha as filas de táxi enormes*
acabou não ficou nada
esse problema do IED com 500 alunos
ficava lotado *trouxe um elefante e não passou na*
porta...ficou um tumulto *tava*
muito enferrujado
isso que vai acontecer aí é um absurdo não tem estrutura
não vai dar vazão
.vai ser muita gente
terminou *não agüentou, ficou*
abandonada. O pessoal da Urca não gostava daquele lugar
foi tombado,destombado *ta tudo quebrado, despencando*
acabou virando asilo de mendigo *ta fechado há anos*
era uma atividade restrita: sem

muita publicidade, divulgação

luminosa...mas o prédio nunca foi bonito

*fachada que era toda
sem graça*

isso aí...não me afeta em nada

foi largado

não quer dizer nada

Cadê?

horrível.

abandonado

a gente passa ali e tem mendigos...coisa

tá há anos arreventado

nunca arrumaram ele

um prédio tão grandioso...e tudo virou gelatinoso (onde tudo se desmancha).

É um prédio jogado fora...tá acabando com a paisagem

aí ta enfeitando o lugar

.lá não aconteceu nada de importante

aquilo fica um trambolho...mas fica enfeitando.

tá abandonado

fecharam

O prédio é o mesmo que era, não mudou nada...a mesma

fachada ...não mudou nada no prédio

ficava de costas pra praia

não tiraram nada

fechou...perdeu muito com a proibição

já tava abandonado

um negócio que fica ali apodrecendo.

o único tumulto que acontecia na

Urca

foi ficando decadente

lembro das filas pros programas

eram invadidas por qualquer um

Momento 3) Organização dos Traços

Como descrito mais acima os traços que trazem idéias semelhantes entre si são agrupados na trama gráfica.

3.1 – Agrupamento dos Traços por Continuidade e Semelhança

Traço 1 – Castelo + Canto da Urca

Traço 2 – Cortiço + Elefante Branco

Castelo + Canto da Urca Cortiço + Elefante Branco (Castelo + Canto da

Urca) + (Cortiço + Elefante Branco)

Circo do Carequinha Flávio Cavalcanti, a Henriqueta Brieda, que morava Teve curso de
dublagem, eu ia fazer... uma oficina de mecânica, eu consertava meu carro lá,,, tinha Karatê , vai arrebrantar com a gente que mora no bairro
tava abandonado. A cabine do salva-mar ficava na ponta, as outras eu fui morar e tomava conta, centenas de vezes eu tirei a
vagabundagem do prédio. Sempre que eu entrei já tava tudo deteriorado,,nunca teve nada importante lá dentro Flávio Cavalcanti,, programas de auditório acabou o
Cassino e fecharam os auditórios. Era um Cassino,,o Chacrinha fazia show aí muito bonito depois começou a degradação,, deu até foco de dengue,,
muito bonito, faziam muita coisa aí,,, acabou em 48 mas eu não me lembro. Falam muito que tá abandonado, mas do que foi não se fala, e eu nunca me interessei já tava
abandonado Quando cheguei tava abandonado e um ano depois abriu a TV Tupi, fechou e ficou sucata de mendigos. Eu ia nos programas ao vivo do Chacrinha, do Flávio
Cavalcanti, O Céu é o Limite, A Grande Chance. O prédio ta caindo. Naquele tempo tinha alegria na Urca, tinha comércio, tinha banda na rua. Agora a Urca é um descaço...

programa do Carequinha, eu levava meus filhos...Adélia Fátima...João Silvestre...uma vez ganhei uma máquina de costura...era legal foi roubo Ficou
essa coisa horrorosa, cheia de mendigos bula na praia junto do prédio, eles usavam as cabines O pessoal vem na Urca pra fazer baderna. A gente ta se opondo ao
projeto, ele não foi feito de forma transparente, vai ser um impacto urbanístico muito grande quem olha da praia, um conjunto de pedras que eram as pedras que formavam uma piscina...onde se colocavam as crianças já tava tudo
fechado eu entrei eram festinhas que aconteciam lá...depois teve um antiquário eu nunca entrei...e sei que
ta caindo aos pedaços...a comunidade ta contra...o dono do Scala já quis comprar e a comunidade não deixou... Urca mudou muito...era
mais família as filas de taxi enormes espia lá...tinha uma lancha que saia da praia e levava até o Cassino em Niterói...as pessoas iam
acompanhando...chamava Cinéa... as filas de taxi enormes enchiam as ruas...os moradores reclamavam... acabou o
Cassino e não ficou nada. A Urca era mais cuidada antigamente e
não sei nada daquele lugar...sei que tinha jogo, morava bem longe do Cassino

problemas da violência e dos horrores da atualidade ...tinha um cara muito grosseiro...do tempo dos jogos não tomava conhecimento Havia um mercado era
todo de azulejo português bairro calmo Com esse problema do IED com 500 alunos...quando entra
caminhão de lixo já fica cheio...essa coisa de doido tinham programas... ficava lotado ali...uma vez o Flávio Cavalcanti trouxe um elefante e não passou na porta...ficou um
tumulto novela tava muito enferrujado cá essa casa já tinha sido construída por um
general francês que trouxe tudo da Europa... isso que vai acontecer aí é um absurdo (IED) não tem estrutura...não apresentaram nada
vai ser muita gente

Do lado par é onde havia shows e do lado ímpar era o jogo... a gente passava e meus pais não gostavam...nós não íamos na praia na
parte do jogo eu nunca entrei na parte dos shows a gente fica preocupada (URCA)...quando terminou o Cassino por problema financeiro, não sei, veio a TV
Tupi que não agüentou, ficou abandonada...o pessoal da Urca não gostava daquele lugar...a gente que morava se apega ao lugar todos dormimos
sobre isto tudo: que tipo de pessoal que vem pra cá...que problemas até morais...era um bairro tranquilo. Esse prédio aí eu nem sei...se é do governo ou não

o teatro era muito lindo, um espetáculo...foi Chacrinha, Flávio Cavalcanti...uns queriam fazer hotel, depois aquilo de mendigo...vim muitas vezes aqui...a discoteca
do Chacrinha ...isso tá fechado há anos. Urca não era um bairro muito interessante bairro que não tinha nada
era um bairro tipo moradores do interior...um Bairro muito retraído era uma atividade restrita: sem muita publicidade, divulgação nos
trazerem...lembro das chacetes que andavam pelo bairro com aquelas roupas e os meninos ficavam de olho nelas...a gente era menina...mas a água (da praia) era transparente.
a casa parecia um monstro de grande a gente brincava na rua...mas
casinhas da praia moravam os artistas de Hollywood...tinha no Cassino uma grande festa de Carnaval regada a confetes de prata...eu ia na casa das artistas e ganhava lancha-perfume e confetes
prateados...no Cassino eu não podia entrar...as casas eram todas de muro baixo... tinha o lado de lá e o lado de cá do Cassino...lembro daqueles carros que
parava, da Carmem Miranda que tinha uma vitrine na casa dela com os sapatos que ficavam na janela e a gente via da rua. Grande Otelo...eu vivia na porta do Cassino...do prédio eu lembro da
fachada que era toda luminosa...mas o prédio nunca foi bonito na realidade...que lembro de achar bonito...como estrutura era sem graça... casamentos, festas de
carnaval...a Urca já foi muito animada não quero confusão...foi tombado, destombado agora ta tudo quebrado, despencando
translumbrentes...eram imensas meus pais não frequentavam o Cassino...pros moradores era uma coisa proibida...era pra jogadores que podiam ser viciados...eu ficava só na
entrada...de todos os meus amigos que eram artistas e músicos nenhum tocava no Cassino...tinham os ríçaços da Urca e esses também não frequentavam o Cassino. Eu não vou à Cassino
já foi um grande Cassino ...muito frequentado. Pra mim não quer dizer nada isso aí...não me afeta em nada... foi largado

um quarto pra guardar as coisas...nas cabines Cadê? Grande Otelo, Dalva de Oliveira...a gente tinha
frequentava o cassino O cassino mandava buscar os artistas estrangeiros fundou o Cassino...trouxo Francisco Ortiz Tirado, do México, Zé Morricca...eles
vinham cantar no Cassino...eu conhecia o secretário...eu lembro que o fundo do palco vinha da terra...ia subindo e aquela moça mexicana... como se chamava? O palco era todo de espelho, uma
espécie de leque de espelhos...a gente passava horas maravilhosas... O Grande Otelo cantava...tinha uma música a sempre de noite O salão de
jogo tinha o lado dos mais ricos e o lado dos mais pobres...Zé Morricca cantava maravilhosamente bem...Grande Otelo sempre sem dinheiro...uma época de ouro O cassino
era uma riqueza, um luxo danado...a sala de jogo dos mais pobres necrotério, funcionava a TV
a gente passa ali e tem mendigos...coisa horrível. Parece um castelo...tá abandonado...antigamente esse casarão
tá há anos arrebrantado...nesse lero-lero nunca arrumaram ele glamoroso...foi um império

Efeito Urca pessoas importantes um prédio tão grandioso...e tudo virou gelatinoso (onde tudo se desmancha). Qual prédio? Não sei nada desse prédio. É um
prédio jogado fora...tá acabando com a paisagem... isso aí ta enfelando o lugar

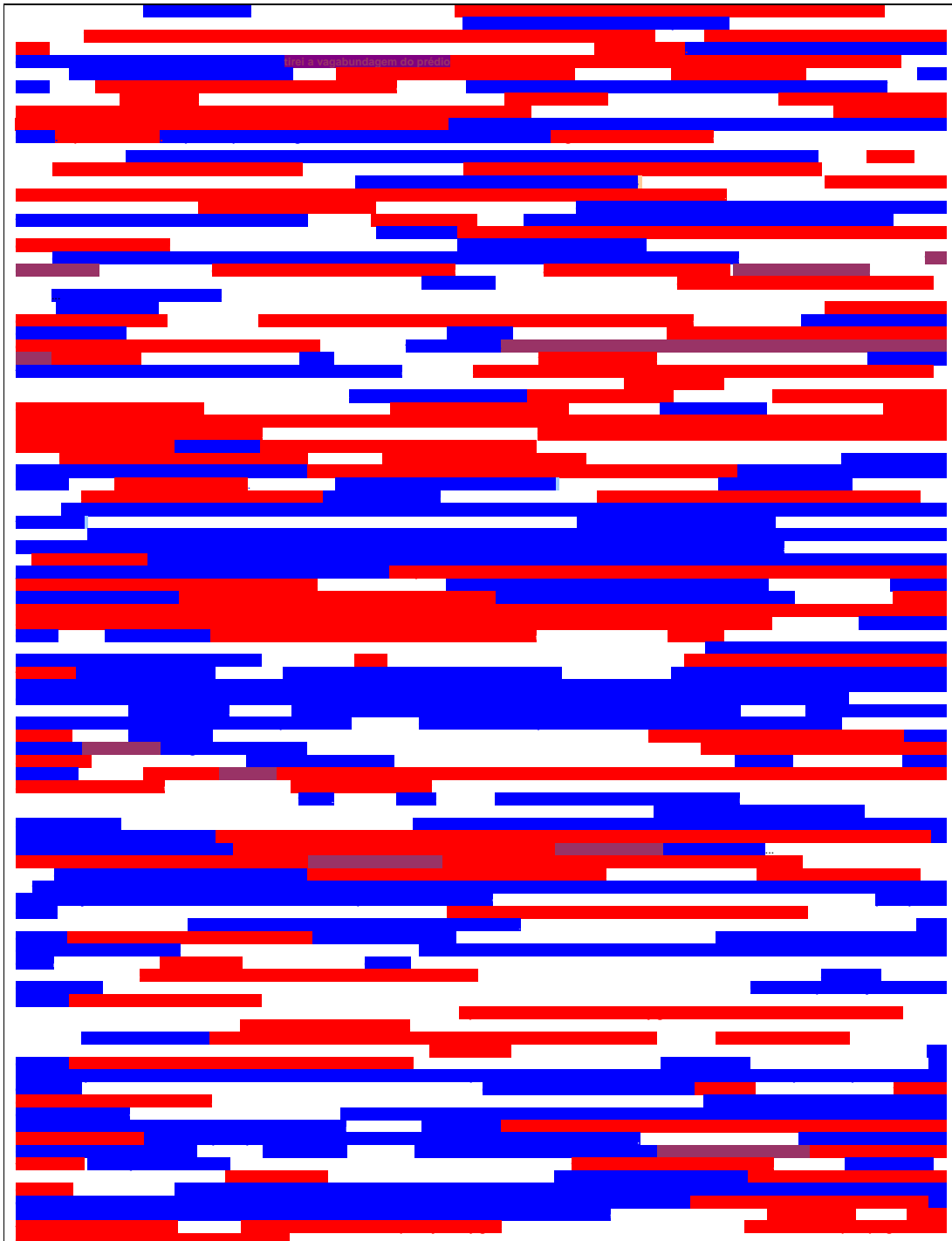
turista, melhor vários artistas que se apresentavam de noite...
eu joguei...eu gostava muito do Cassino...sei que era muito bom...ganhei 30 reais no jogo. Cassino da Urca era uma noite muito
divertida...mas muita gente saia de lá triste, perdia tudo...penhorava até seus móveis...hoje todo mundo quer ganhar dinheiro sem trabalhar...a paisagem era bonita...era deslumbrante...mas a
verdade é que era muito triste: gente que perdeu tudo no Cassino da Urca...tragédias do jogo muito maquiado. Nunca frequentei...mas lembro que era o ponto
principal de jogo...jogo não é comigo...mas eu sou a favor do jogo...é um divertimento cantores estrangeiros...conheci só de passagem...não frequentava...lá
não aconteceu nada de importante. Eu ia lá mas não como Cassino festa, algum evento...o que me lembro é do Pão de Açúcar...a vista é bonita...eu achava
muito bonita a paisagem...a única lembrança que eu tenho é que eu matava aula pra ir no Pão de Açúcar...não sei se existe mais o Cassino...na minha época não me levavam lá...
nada de ter ido no Cassino pena que não conheci Madame Siabra...era uma praia...o prédio ficava dentro da areia Das minhas amigas ninguém nunca falou

tinham os shows...era o grande luxo da classe média... braço da praia...aquilo fica um trambolho...mas fica enfeitado. Eu frequentava o Cassino era o melhor, onde
iluminação...sempre cheio... viciado em jogo emprego e outros ficavam no salão...grandes artistas...o salão era muito bonito...muita
...havia dois irmãos gordos que cantavam e falavam grosserias alto padrão Cassino da
Urca ...tinha uma pista dançante em forma retangular...falou por aí que ele
tá abandonado representava a vida fútil da cidade...jogo e exibicionismo...nunca tive vontade de ir lá saudosismo da turma

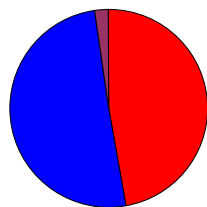
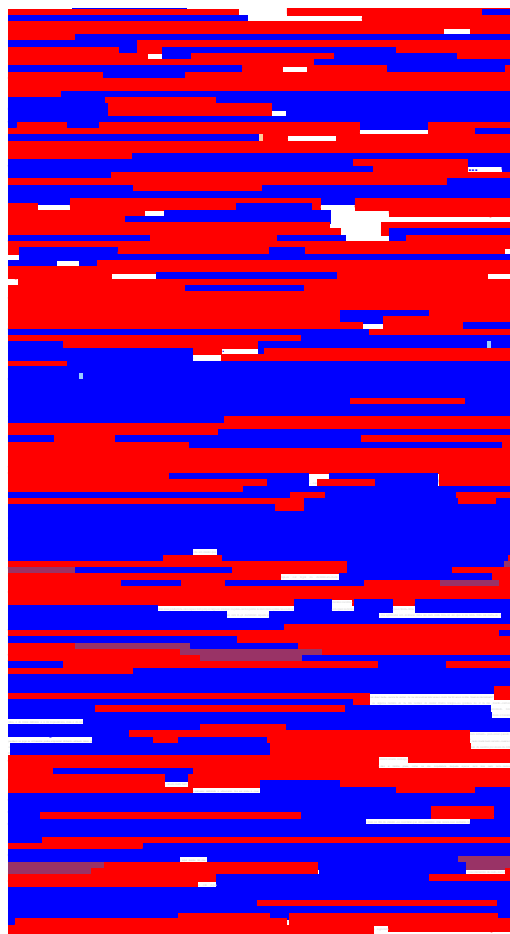
da boemia pessoa muito conhecida...abutres bonitos...gente ávida por aparecer...querer ser vista...festival de vulgaridade pra quem queria aparecer
fala... era jogo, mas ela nunca frequentou... são os cortiços Não conheci... minha esposa que me
amarelo claro, cor de areia...eu nunca frequentei... mas era muito bem frequentado...alta sociedade...eu passava lá pra ir na praia que era tranquila Era um prédio imponente...me lembro das cores:

era um ponto chic e de gastar dinheiro...aí fecharam tudo ficou decadente...hoje tudo é clandestino... não tive dinheiro nem pra ir visitar...só iam os que tinham dinheiro... Carmem Miranda...aquilo era uma
beleza da minha época...deu muito emprego pra muita gente...muita alegria...eu ia na praia e via a entrada dos artistas, mas não podia frequentar mas eu queria. O prédio é o
mesmo que era, não mudou nada...a mesma fachada...eu adorava...não mudou nada no prédio...tinha aquela parte que ligava os blocos lá em cima. A Urca quando tinha o Cassino tinha vida,
um grande Cassino...era um Canto da Urca, naquela praizinha teve o almirante mas frequentava...era um prédio de 3 andares...ficava de costas
pra praia...o prédio ainda existe, não tiraram nada. Não frequentava, só olhava fechou...perdeu muito com a proibição
Carmem Miranda lá tava abandonado ...a época gloriosa foi durante o jogo...eu lembro do Quitandinha que
ficou decadente. passo que a gente gostava de fazer...eu era menina...lembro do prédio que tinha um tunelzinho que os carros passavam por baixo...e naquela época garota
era menina mesmo, infantil...a Urca era um lugar sossegado...mas dentro nunca entrei...era um prédio redondo...hoje é um negócio que fica ali apodrecendo. Eu lembro da TV Tupi...tinha o
programa da Chacrinha...não é muita coisa que lembro...tinha as casinhas (cabines)... policial secreto... o único tumulto que acontecia na Urca
foi ficando decadente...teve a proibição do jogo... lembro das filias pros programas...as cabines na verdade eram invadidas por qualquer um

Neste segundo momento as palavras desaparecem e apenas os traços são ressaltados a fim de se medir a intensidade dos grupos de traços. Assim, espera-se fazer emergir graficamente a força e a frequência com que as idéias se fazem presentes na Narrativa Metafórica do Lugar:



3.2- Medição da Intensidade (força) dos Traços



■ Vermelha ■ Azul ■ Roxa



comentários:

Entre os traços 1 e 2 há uma expressiva diferença, uma vez que a presença de traços comuns (área roxa) é muito pequena, quase inexistente. Com isto pode-se concluir que a organização dos traços em Cortiço e Elefante Branco, de um lado (Traço 1) e Castelo + Canto da Urca, de outro lado, orientou-se pelos critérios de continuidade e semelhança. A grande diferença entre os traços (1 e 2) é um indicativo de que há semelhanças que os agrupam internamente.

A intensidade dos traços organizados mostra-se muito equilibrada. Traço 1(Cortiço + Elefante Branco) e Traço 2 (Castelo + Canto da Urca) dividem, de forma bastante equilibrada, com uma leve diferença, a força das inscrições mnemônicas. Ambos marcam, portanto, significativamente e de forma equilibrada o arquivo metafórico do Cassino da Urca e, conseqüentemente, devem estar presentes - através de suas representações - de forma significativa e equilibrada, na Narrativa Metafórica do Cassino da Urca. Ambos marcam, significativamente e de forma equilibrada a memória do Cassino da Urca.

Momento 4) Representação dos Traços

Nesta etapa, os traços sofrem o mecanismo da representação por meio de suas substituições por metáforas e têm alteradas suas e posições depois de re-inscritos pelo mecanismo de organização.

Castelo + Canto da Urca = Lugar do Show ou O Lado de Cá

Cortiço + Elefante Branco = Lugar do Jogo ou O Lado de Lá

Momento 5) Narrativa Metafórica do Cassino da Urca

As metáforas arrumadas contam histórias sobre a cidade, possibilitando sua análise:

O Antigo Cassino da Urca era um lugar proibido para alguns, inatingível para outros. Um lugar do qual se *morava bem longe* dele, que não se tinha *dinheiro nem pra ir visitar*. É um lugar do qual *não se participava*, que *não se podia freqüentar*, só se *olhava*, embora se quisesse (*mas eu queria*) e fosse *bem freqüentado*. É um lugar dos/para outros: *artistas estrangeiros*, o *almirante*, a *alta sociedade*, *pessoas importantes*, *turistas*. Era um lugar em relação ao qual se está do “lado de lá”, afinal, era o lugar (proibido) do *jogo*, *ponto principal do jogo*, ele não era o destino das pessoas que iam à Urca: era um lugar *de passagem*. Ele sempre esteve *de costas pra praia*, *fechado pra Urca*. Mas também um lugar para quem era do “lado de lá”: um *ponto chic*, onde se *ia gastar dinheiro*; seu *prédio* foi *jogado fora* justamente porque foi um lugar (usado) por/de gente do “lado de lá”: *gente ávida por aparecer*, *abutres bonitos*, *jogadores viciados*, pessoas que *cantavam e falavam grosserias*; lugar ocupado por *interesses escusos*, lugar-vítima do *festival de vulgaridade* que lá se abrigava. Lugar da *vida fútil da cidade*, lugar de *jogo e exibicionismo*; lá onde *pros moradores era uma coisa proibida*; lugar do *tempo dos jogos*, e deste lugar *não se tomava conhecimento*. Lugar *sem-dono* (*nem sei se é do governo ou não é do governo?*), que era *invadido* (as *cabines*) por *qualquer um*, onde *queriam fazer hotel*, depois *cinema*, que *foi tombado*, *destombado*, que o *dono do Scala já quis comprar*. Lugar que representa o *descaso* com a Urca por aqueles que *dormem sobre isto tudo* (sobre o que lá acontecia ou acontece), por aqueles que (estandodo lado de lá da Urca) *não sei nada daquele lugar*. Ele é uma ameaça *àquela gente que se preocupa com a Urca* (que está do “lado de cá”), ameaça para uma Urca (*aqueles que moravam*) que *se apegam* ao bairro e que se pergunta: *que tipo de pessoal* (projetos arquitetônicos e urbanísticos para novas ocupações para o prédio) *que vem pra cá? Que problemas até morais ou financeiros* (assim como os outros que já ocuparam o lugar) *poderão ter e trazer a esta comunidade que quer ficar longe de confusão*, que vê a si mesmo como um *bairro tipo moradores do interior?* Lugar *decadente*, que assim ficou devido ao seu caráter *clandestino*; sua ocupações sempre pouco *transparentes* (*atividades restritas*, *sem divulgação e publicidade que lá aconteciam*, o *roubo* e a *má gestão*) o faziam um lugar *maquiado*, onde mesmo depois de *fechado pela proibição do jogo*, *mora ali* (clandestinamente) *um P2*, *um policial secreto*. Lugar de “jogo”, de *pessoal que vem na Urca pra fazer baderna*, da *barra pesada da Urca*, dos *problemas da violência e dos horrores* que até hoje (*na atualidade*) *persistem neste bairro*. Deste lugar e de sua clandestinidade o *pessoal da Urca* (*a gente*, aqueles que estavam do lado de cá da Urca e do lado de lá do jogo, para quem *jogo não é comigo*) *não gostava* e, diferente do *saudosismo da turma da boemia*, teme que neste lugar venha se perpetuar, com as propostas de reformas do prédio, essa *coisa de doido* que acompanha a vida do lugar. Afinal, foi um lugar onde *muita gente saía de lá triste*, lugar-abrigo das *tragédias do jogo*, onde se *perdia tudo*, de *gente que perdeu tudo*; um lugar- *necrotério* da cidade. Ele foi o lugar que *não conheci*, o lugar que *minhas amigas*, que *minha esposa*, que *a gente* não freqüentava, que a gente nunca se interessou, nunca teve vontade de ir, e neste distanciamento ele foi ficando *abandonado* (ou parecendo abandonado como todo Castelo). Lugar estranho; como um castelo, era uma fortaleza: ficava lá, no alto, distante, do lado de lá, e desta distância, para quem estava do “lado de cá” ele parecia um *Grande Cassino*, *um império da TV*, o *melhor*,

de alto padrão – inatingível, distante. Lugar misterioso, sua estrutura cria um dentro, que eu nunca entrei. Ele era um lugar dividido: a parte que ligava os blocos lá em cima, era um prédio de três andares, tinha o salão do jogo e a parte dos shows; e ele dividia: o lado dos mais ricos e o lado dos mais pobres, o lado de lá e o lado de cá, os que freqüentavam e os que não freqüentavam, os que tinham dinheiro e os que não tinham dinheiro, classe média e classe alta. Como num castelo, os mundos distanciados, mas interdependentes do príncipe e do plebeu estavam ali “especializados”. Ele também dividia a temporalidade do bairro: a noite era a sua hora, quando o bairro dormia, ele aparecia; lugar no qual os artistas se apresentam de noite, a noite lá era muito divertida. Nesta hora, a magia do lugar aparecia: não uma magia do encantamento, mas a magia do desconhecido, do Efeito Urca e a força (misteriosa, estranha, mágica) das bolas de bilhar. Seu prédio era imponente: seus salões enormes, muito bonitos e muita iluminação, seu teatro que era um espetáculo e sua pista dançante em forma retangular, tudo nele fazia lembrar o show que era a Urca: a grande festa de carnaval ou a casa que parecia um monstro de grande, as edificações no bairro translumbrantes e enormes, o mercado todo de azulejo português, a casa construída por um general francês que trouxe tudo da Europa; ele era um casarão da época de ouro, da época gloriosa, de luxo e de riqueza. Era o lugar no qual o fundo do palco vinha da terra – novamente, magia e show. Lá aconteciam as atividades mais triviais como cursos, oficina mecânica, antiquário; um lugar que gerava emprego, um lugar em que se ia, em que se faziam e consertavam coisas, um lugar onde se foi morar, onde se colocavam as crianças, onde se levava os filhos, se ganhava (máquina de costura, dinheiro, colar de pérola) e se guardava coisas; era um lugar que se usava (as cabines). Ele estava do “lado de cá” do bairro e da vida das pessoas, integrado ao seu entorno e à rotina cotidiana que ali se dava: um lugar que foi fundado e que funcionava. Ele “pertenceu” ao bairro e à vida das pessoas enquanto Balneário (quando havia a piscina onde se colocavam as crianças), enquanto Cassino (que gerava emprego, onde se ganhava dinheiro) e enquanto TV (onde se levava os filhos e se ia nos programas de auditório). Mas também pertencia ao bairro e à vida das pessoas acima de tudo enquanto lugar-abrigo para apropriações no bairro: suas cabines eram usadas para guardar coisas dos vendedores ambulantes, nos seus espaços internos aconteciam cursos e outras atividades comerciais provavelmente desenvolvidas pela comunidade local; as cabines que outrora foram usadas pelo salva-mar do Balneário viraram moradia daquele que se apropriou do lugar uma vez que tomava conta e tirava a vagabundagem de lá. Na sua condição de abandonado, o lugar ficava do “lado de cá”. Mesmo que os artistas fossem estrangeiros, de Hollywood, dos Estados Unidos, do México, é das pessoas, de seus nomes e de suas músicas que ele faz lembrar: Chacrinha, da Carmem Miranda, do Flávio Cavalcanti, do Zé do Bandolim, do Zé Morricca, da Henriqueta Brieda, Dalva de Oliveira, Francisco Ortiz Tirado, Adélia Fátima, João Silvestre, Madame Siabra. Ou esquecer: do nome da moça mexicana ou da música que Grande Otelo cantava (como se chamava?). Lugar de show, nele aconteciam os programas ao vivo. Ele estava do “lado cá”, junto à vida e à realidade. As cabines eram um quarto pra guardar as coisas, tinha aula na praia junto ao prédio, as chacetes andavam pelo bairro, os sapatos de Carmem Miranda ficavam na janela da casa dela e a gente via da rua. Ele era uma continuidade do espaço doméstico e do espaço público do bairro; afinal de contas, ela era um braço da praia e ficava dentro da areia. Ele era uma construção duradoura no bairro, tanto que quem olha pra ele ainda pode ver o conjunto de pedras que formavam a piscina, mas era também uma paisagem neste bairro, ele era amarelo como a areia e redondo; seus contornos e sua nitidez eram definidos por esta imagem paisagística do seu entorno; ele compunha a vida e a paisagem da Urca: junto dele estavam a praia, o Pão de Açúcar, a areia, as ruas, as casas (as casinhas da praia onde moravam os artistas, aquelas outras de muro baixo). Ele estava, antes de tudo, na Urca, nesse bairro calmo, tranqüilo, sossegado, retraído e que não tinha nada, nesse bairro sem importância. Naquela Urca família, apagada, cuidada, onde a água da praia era transparente e onde a gente brincava na rua. Mas também na Urca animada, divertida, das festas e da alegria. E por continuidade, ele era um pouco isto tudo: ele fazia parte da vida da Urca, tanto naquilo em que a vida tem de simplicidade (dança, comida e nada mais, só um salão imenso) quanto naquilo que ela tem de en(canto)da Urca: é o lugar em que se cantava maravilhosamente a vida da Urca. Lugar das melodias (o Canto) da Urca (já fiz muita música pra Urca). Ele era uma vista muito bonita, indistintamente Urca, paisagem, praia, prédio. Lugar do show (do bairro, da vida). Lugar do en(canto) da inocência atrevida da infância, onde não podia entrar, que não me levavam mas que eu vivia na porta espiando, quando se ganhava confetes de prata e lança perfume das artistas de Hollywood,

quando os meninos ficavam de olho nas chacretes, quando se matava aula; o lugar do tempo em que a gente era menina, do antigamente, na minha época, naquele tempo em que se brincava na rua, em que as casas eram de muro baixo, em que havia botequins, banda na rua, comércio e terrenos vazios. Lugar-cenário da fantasia, onde o palco era todo de espelho e vinha do fundo da terra, onde o elefante não passou na porta e havia um tunelzinho em que os carros passavam por baixo, onde se fazia novela e O Céu é o Limite, lugar da Grande Chance. Lugar do lúdico, do passeio que a gente gostava de fazer, onde se ia pra dançar, jogar, onde aconteciam as festinhas e os casamentos. Havia um en(canta)mento com/neste lugar legal, beleza da minha época, que se gostava muito. Pena que não conheci! Mas era também um lugar pesado: era forte (grandioso), mas lento (nunca mudou). Há uma durabilidade marcada naquele lugar, ele está lá apesar das muitas coisas que aconteceram e passaram por lá, ele nunca mudou, ele é imponente em sua permanência, ele é forte em sua resistência. Mas é com esta mesma força que ele é arrebatador, ele arrebenta com o bairro, ele acaba com a paisagem; ele é a figura do excesso: ele movimentava (excessivamente) carros e pessoas, ele está lotado, ele tumultua. Mas ele é também frágil, ele não tem estrutura, ele está despencando e apodrecendo. E juntos, força e fragilidade trazem a sua vulnerabilidade: ele não se sustenta e não vai dar vazão. Assim, o lugar, ora forte (o algoz), ora frágil (a vítima) é um enigma. E esse enigma, sempre desconhecido (e temido) em parte, é como um elefante branco que fica na estante da sala, abandonado, que nunca arrumaram ele, mas que deve ficar lá (em sua imobilidade), mesmo quebrado ou infectado (com foco de dengue ou cheiro de urina), ainda que sem função (ele não afeta em nada). Afinal, o elefante branco é místico, ele é a boa sorte (duvidosa) da casa/Urca. Enquanto lugar excedente, ele traz impacto (urbanístico). Como lugar enigmático, ele traz a incerteza (o projeto não é original). Enquanto ao lugar contraditório, é lugar de lá e lugar de cá, é lugar de jogo e lugar de show; é a contradição daquilo que é um trambolho que enfei(t)a o bairro.

Narrativa Metafórica do Engenhão

Momento 1) Leitura da Narrativa do Engenhão

Novamente, como foi feito no caso da Urca, construímos uma trama a partir das narrativas emitidas pelos sujeitos, transformada em trama gráfica com a união de todos os relatos:

Antigamente isso aqui era da rede férrea, passou a ser Super-via. Era uma oficina de reparos de trens da Central...eu vi fazerem isso aqui...eram galpões onde eram consertados trens...vagões abandonados porque a ferrovia não se interessou mais. Você sabe que o Maracanã era pra ser implodido e então iam levantar lá esse estádio. Eu gosto tanto desse lugar e me fugiu o nome....ah! João Havelange...esse lugar é um sistema pra eternizar ele. Eu trabalhei lá...nada acontecia...era uma oficina... Não adianta dar um prato de comida grande que você não consegue comer...então eles fizeram esse bicho.. como chama? Pegaram um pedaço do terreno...uma área enorme inaproveitável! O campo tem quatro entradas...só que no meu entender ficou um vazio muito grande e foram enchendo de ferragens...que utilidade tem isto? Só pra encher o espaço vazio. Se fizerem um levantamento tem gente que vai pegar 100 anos de prisão, de tanto que roubaram material: cimento, ferro...não é uma obra de primeira qualidade...aqui não tem jogos, se for jogo pequeno dá prejuízo, se for grande não comporta...só teve joguinho de brincadeira. Meu pai era comunista. Os prédios eram pros trabalhadores da Central e foram leiloados, foi um cambalacho: a Central fez um jogo que os prédios que foram construído em 1940 era vendido como se foi construído em 1960. Tinha uma oficina Trajano de Medeiros que era subsidiada da Central...tinha um time de futebol o Adélia e o Engenho de Dentro. Mas tudo era uma imundice. Este Estádio foi uma pilantragem. Eles diziam que iam derrubar as casas pra fazer uma avenida, mas eles não têm dinheiro nem pra papel higiênico. Deram pra Botafogo... constroem e dizem que é do Botafogo, mas o dinheiro foi de quem? Tem uma escola pública, botaram um muro no Engenhão e ela ficou lá. O Engenhão não é usado mesmo. Não existe evento nenhum. E depois da obra tem falta de água nos apartamentos. Tranquilo, sem grandes comércios...até hoje não vi novidades com esse museu (Engenhão)...é um elefante branco. Sempre foi tranquilo...tinha um campo de futebol...festas...carnaval...agora o Rio de Janeiro a gente não sabe quem é quem...era um bairro de ferroviários...era um cabide de emprego. Tinha uma rede ferroviária, um museu. Não sei nenhuma história...era negócio de trem. Tinha uma oficina de trens...não acontecia nada lá...vários trens parados com policiais que muitas vezes faziam olhos fechados pros roubos...tinha um campo de futebol mal utilizado...a comunidade não conseguia usar...com o Engenhão a gente acredita...o bairro melhorou, tem gente circulando...quem pintou os arcos (estrutura metálica do Engenhão) foram alpinistas!...os arcos mudam de lugar, acho que cedem com o calor, e os técnicos vem aqui arrumar. A infância que passei aqui. Eu era mecânico e trabalhei aqui quase 20 anos, de 4 de setembro de 1979 até 1998. Depois da privatização, o Fernando Henrique (presidente na época), tudo foi vendido e parei de trabalhar aqui. Era tudo muito bonito. As grandes máquinas, os grandes motores... faziam até os sinos dessas igrejas, de bronze, aqui. Sinto saudades daquela época. Se não tivessem construído o estádio, isso aqui já teria se transformado num favelão. Agora, quando não tem jogo aqui, fica tudo abandonado. Nem a polícia aparece. Acho que a área foi valorizada, mas a padaria ali na esquina faliu. Foi uma ilusão pensar que todo comércio iria se manter por causa do Engenhão. Tem um projeto aí de construção de um shopping de um grupo português. Isso sim iria melhorar a área de verdade. Horrível. Não tinha nada. Não era movimentado como é hoje. Melhorou bastante. Até agora mudou entre aspas. Eu achei que ia ter mais movimento, daqui a pouco vai ficar destruído porque não tem nada. Teve um desenvolvimento melhor, mas não tanto. Em volta não mudou muito. Acúmulo de rato, bandidagem e o roubo com autorização dos funcionários. Hoje ta bom. Antes era horrível, abandonado. Não acontecia nada por aqui. Acho que daqui pra frente não vai melhorar muito não. Acho que piorou. Aumentaram os assaltos. Meu tio e avô trabalhavam lá...tinha futebol lá dentro. Tinha o grêmio recreativo, com salão de festas que alugavam, mas fecharam. Depois ficou tudo abandonado. O pessoal passou a pular o muro para jogar bola no campinho, soltar pipa em cima dos trens. Agora parece estádio fantasma. O que tinha ali era mato e casa velha. Tinha trem velho... uma

garagem de sucata...e mato...e muitas casas antigas. Somos moradores daqui e temos curiosidade, se planejam fazer alguma coisa...se for de bom a gente fica alegre...nós não sabemos de nada. Era negócio de trem...era tipo museu...concerto de trem. Só que tem um porém: ta abandonado, vão transformar em shopping...tem muita sujeira que cai no Estádio porque tem muita árvore e ninguém pra limpar...e tem cachorro também. Uma rede ferroviária abandonada. Era um lugar abandonado...tinha um clube de idosos, um museu e muito trem velho. Era um terreno da rede ferroviária, um depósito de trem, um terreno grande cheio de trem...tinha um campo de futebol...uma vez ou outra. Era negócio da ferrovia, trens que tavam pra consertar....que não tavam funcionando. Ninguém invadiu nada, era um terreno vazio da ferrovia, não acontecia nada. Ah, quando penso nisso aqui, penso em prejuízo. Não tem vida comercial em torno do estádio, não. Quando não tem jogo, isso aqui fica morto. Quando tem jogo, eles só abrem as saídas onde não tem comércio. É uma brincadeira. As pessoas que moram aqui dizem que a área foi valorizada, mas eu não vi valorização nenhuma. Depois do Pan, esqueceram disso aqui. Prometeram muito e não cumpriram nada. Prometeram até um shopping com hotel e tudo aqui na frente. Prometeram um viaduto, alargamento das ruas e nada. O pessoal que trabalha aí até comentou que o estacionamento afundou. É um descaso só. Tudo feito pra inglês ver. Pelo menos, ficou mais bonito que antes. Antes, era só trem velho. Era um pouco deserto. Tinha muitas fábricas, casas. Não tava nada abandonado. O pessoal ainda trabalhava aqui na oficina dos trens. Pra mim, piorou. Eles não cumpriram nada do que disseram. Na prefeitura diz que eles compraram tudo, mas não é verdade. Minha casa é agarrada no Engenhão. Agora é que ta tudo abandonado... perdemos acesso de ônibus, agora só tem trem. A criminalidade piorou muito e só tem policiamento em dia de jogo, quando a rua fica animada. Pessoal vem de fora pra assaltar. Nego passa aqui e faz a limpa. O comércio só tem lucro em dia de jogo, fora isto fica mortinho. A segurança foi só pros estrangeiros do Pan. Tem seqüestro, arrastão...é brabo. Acho que isto só vai piorar. Se lá na Copa tiver jogo aqui aí vão voltar pra derrubar tudo e querer melhorar o estádio. Antes, acho que era melhor. As pessoas eram mais unidas, eu acho. Tinham residências ai, além dos ferroviários. Acabou tudo com a obra. Essas pessoas foram todas embora. Tinham eventos para o pessoal da ferrovia, do bairro. As crianças gostavam de brincar lá dentro. Acabou com o comércio, também. Ficou faltando emprego aqui. Agora, ta voltando, já. Mas, melhorou o ambiente, o visual, as calçadas. Segurança, só em dia de jogo mesmo. Em dia normal, os maconheiros vivem aqui. A expectativa pro futuro é grande, né? Mas, o pessoal não ta acreditando muito, não. Quando construíram tudo, não pensaram em ninguém daqui, só nos turistas. Antigamente, era muito pior. Era só rato, barata. A obra valorizou muito toda a região. Foi muito bom para comunidade. Eu nunca tinha visto isso aqui assim. Antes, a gente era o cu do Engenho de Dentro. Agora, a gente é o pescoço. Daqui a pouco, a gente vai ser o rostinho bonito. Pode apostar. A construção do Engenhão não melhorou nada, não. Isso aqui só é bom em dia de jogo. Tem muito assalto. A gente não se sente seguro. Acontece que antes não tinha nada e agora, pelo menos, tem um estádio, né? Mas, falta segurança. Outro problema é que só fica fechado, a comunidade nunca usou as instalações pra nada. Espero que melhore no futuro, mas eu não acredito. Ta melhor por causa do estádio. Antes, só tinham as casas e a ferrovia. Era tudo abandonado, muito parado. A segurança não melhorou muito, a polícia só vem na hora dos jogos. Agora, tem mais movimento também. O pessoal da comunidade gostaria de usar o espaço do estádio, mas não usa. Ela não interage e ele fica fechado. O shopping tem que sair. Transformar esses galpões aí em espaço cultural, com teatro, cinema, restaurante. Para o comércio, a curto prazo, a construção não foi legal. Mas, o visual melhorou muito, o público aumentou, então deve ser bom a longo prazo, eu acho. Era de guardar ferros velhos de trem...galpão velho de trem...linha de trem parado...só vi pela televisão, não conhecia. Era um negócio de pintura de trem.... que consertava trem...tinha um campão, os funcionários podiam jogar, tinha vestiário...depois acho que ficou desativado...a gente ficava brincando de polícia-ladrão nos trens. Tinha pé de melão, manga, bambu. Falaram que ia ser um shopping ou faculdade.No final de semana as pessoas vinham soltar pipa...tinha gente que ficava ensinando a dirigir carro...tem um trem que Getúlio Vargas viajou (no museu). Uma rede ferroviária...uma oficina que tava desativada...chegaram a trabalhar lá até 4000 pessoas, de dia e de noite. Aquelas palmeiras eram centenárias, ali não tinha prédio, pelo contrário, campo aberto. O Botafogo não deixa ninguém entrar. Os meninos ficam brincando na frente de skate, bicicleta. Ali era locomoção, oficina ferroviária, o pessoal fazia serviço...consertava trem. Meu pai foi funcionário dali...naquela época tinha um campo de futebol. Agora resolveram isso aí...nem sei o que é isso aí...acabou a rede ferroviária, agora não sei o que é. Era um terreno da linha de trens...terreno deles...era um terreno...eles usavam para fazer reparo. Era o

depósito de trem...era tudo fechado...tinha uma parte murada e outra quebrada...umas casas...não tinha como usar o lugar, não servia para nada. Era uma grande oficina da Estrada de Ferro Central do Brasil, celeiro de operários, muita gente...11 horas saía todo mundo pra almoçar, a rua ficava cheia. Meu pai trabalhou ali, tinha uma escola de música pra funcionários que eu estudei. O Estádio é isso aí...esse gigante...só em dia de jogo. Durante a semana tá aí esse monstro parado aí...diziam que ia ter um shopping. Era negócio de trem...aquelas locomotivas antigas...nunca aconteceu nada lá...falavam que tinha uns favelados que iam ocupar depois que tiraram os trens. As vezes tem jogos aí. Oficina, sucata, lixo, entulho e vagabundo, bandido escondido dentro do vagão...abandonado total...agora: celebridades! Só que podia funcionar mais, funciona pouco. A oficina de trem já não existia mais quando eu vim trabalhar aqui. Só tinha o posto do DETRAN mesmo. Acho que a estrutura do bairro melhorou muito com a construção do estádio. O movimento de pessoas aumentou muito. Vem até turista aqui agora. A área ficou mais valorizada, com certeza. Chato é que segurança aqui não existe, só em dia de jogo. Em dia normal, fica tudo abandonado. Tem um carro de polícia aí na esquina hoje, só porque vocês vieram fazer entrevista. Os bares tavam todos fechados e abriu tudo de novo com as obras. Depois que o Pan acabou, faliu tudo de novo. Falta ter mais jogos, mais shows. Não acredito que eles vão levantar esse shopping aí, não. Mas, se vier, vai melhorar da água pro vinho. Acho que, mais cedo ou mais tarde, isso aí tudo ia virar uma favela. Melhor ter um estádio desses do que uma favela. Depois do Engenhão, melhorou porque tem mais gente. É mais bonito, mais seguro. Acho que valorizou tudo aqui. Agora, todo mundo lembra do Engenho de Dentro por causa do Engenhão. Antes, eu lembro só que era tudo abandonado. Tinha um posto do DETRAN e uns trens velhos aí. Era só um depósito de trem abandonado, antes. A comunidade não utilizava nunca. No começo, a construção do Engenhão parecia uma boa. Mas, depois, acabou não valorizando a área nem trazendo grandes mudanças. Acho que era o museu...se não me engano era o museu...passava de trem por lá e olhava, dificilmente parava. O tempo que eu viajava de trem aqui tudo pertencia à Central do Brasil...as oficinas...anunciavam nos alto-falantes quando o trem estragava...era uma coisa muito boa...muito importante, embora criaram uma outra envergadura, pra diversão...aquilo tava obsoleto. Não sei de nada. Moro muito longe. Onde hoje é o Engenhão era antes a rede ferroviária federal, era um depósito da rede. Eu já entrei lá uma vez para pegar dormentes de estrada de ferro. Quem não entra só via um muro...havia uma parede e você passava pelo lado...só quem entrava é que via a linha de trem...como toda a linha de trem. Eu só passava por um lado da linha e não conhecia o outro...agora ainda tem linha...a estação de trem era na linha mais importante linha do rio, linha Central-Deodoro, as outras que vão para outros subúrbios como Leopoldina são consideradas linhas auxiliares, que vai para outros subúrbios. Na minha época a linha da Leopoldina iria para lugares menos chiques. Já a linha da central ia para lugares mais "chiques". Passei todo o meu científico indo de trem da minha casa para a escola técnica. Hoje está degradado. Era como o metrô. Tem a escola técnica por lá, na mesma linha...ficava no maracanã mas na mesma linha. Na minha vida de estudante eu ia do Riachuelo para a zona sul e para a tijuca nunca do Riachuelo para trás... só muito eventualmente quando eu ia visitar minha tia. Estação de trem no subúrbio é um marco fabuloso porque você não pode atravessar facilmente porque tem que ir lá longe onde tem túnel ou ponte para atravessar e devia saber exatamente onde havia túnel e ponte. Ir de um lado para outro às vezes era contramão e exigia um contorno. O Engenhão é legal, diferente. Bonito com aquelas tubulações. O jornal disse que é um dos estádios mais modernos do Brasil, mas não está claro pra mim o que é moderno. Eu gosto do maracanã, mas dizem que não é moderno... mas ninguém sabe explicar o que seria considerado ser moderno. O que é ser moderno? Deve ser ter cabine de televisão, acesso? Maracanã só tem dois acessos e lá tem mais. Esses são os quesitos de comparação. O Maracanã só tem duas rampas. Eu queria ir ver. Ontem teve jogo lá. Acho que o Botafogo quer comprar o Engenhão. Não sei de histórias sobre aquele lugar... engenho deve vir de açúcar, mas não sei o motivo de ser "de dentro"... tinha o engenho novo, perto de onde eu morava. Hoje não sobrou nada desse passado. O lugar? Tinha um museu ferroviário lá, foi demolido. Sei que hoje dá problemas de estacionamento em dia de jogo. É uma coisa burra colocar um estádio tão perto do Maracanã, já que o Engenhão nem suporta a torcida do flamengo toda. Só serve mesmo para o Botafogo jogar com um timezinho pequeno. O pessoal que foi lá gostou da arquitetura porque é do tipo La Bombonera, estádio do Boca Junior da Argentina, ou seja, dá até pra acertar garrafada no juiz se quiser. Eu desconheço história do bairro. Agora não sei não. Era um terreno baldio que tinha lá...a prefeitura comprou e fez o estádio. O estádio é muito bonito, uma cobertura de luxo...primeiro mundo...melhor que o Maracanã. Nem perto cheguei lá. Não conheço não. Onde

fica mesmo? Bom Sucesso? Era oficina de trem. Por isso que tem uma rua lá do lado Rua das Oficinas. Lá só tinha isso...há muito tempo...desde que eu nasci...moro lá perto. Tô pretendendo ir lá no sábado: Flamengo vai jogar...quero ver se é bonito ou não. Onde teve as Olimpíadas? Onde teve aquelas obras? Para-Pan? Só conheci o Engenhão depois que fizeram o estádio...antigamente não. Já ouvi falar muito na televisão e no jornal...mas nem sei pra que lado fica. Já ouvi falar...mas nunca fui lá...é sede do Botafogo. É um estádio de futebol...agora é do Botafogo...antes tinha posto de vistoria do Detran. Era da via férrea...manutenção dos trens...tinha um museu...um depósito...onde tudo era consertado...tinha uma linha férrea que entrava lá dentro. Da minha casa eu escuto os gols...tem a Rua das Oficinas...moro na Abolição. Ali era um depósito, um galpão da Central do Brasil...foi um empreendimento do governo federal que torrou pra Flumitrens e depois pra Super-Via...era uma oficina de trens...eles terceirizaram e não deu certo, aí o governo veio e "jantou"...fizeram um "engana bobo", um bocado de ferro...aquilo era pra ser hospital, que nem a Cidade da Música: dinheiro torrado...e aquela Estação Engenho de Dentro ficou esquisita, meio morta...matou o bairro. Na época do Pan a composição dos trens mudou toda pro pessoal que vem de fora...diziam que podia ter terrorista na linha! Com a obra do Engenhão ficou morto...nem carro passa lá...ficou uma área morta. Eu trabalhei ali perto...todas essas áreas que fizeram pro Pan ficaram mortas. A pior coisa que fizeram na história do Rio de Janeiro foi o Engenhão. Eu sei da estrutura que é muito boa...mas que o trânsito fica ruim e a galera não consegue ir...eu conheço o Maracanã...lá não. A única coisa que sei é que fica perto da casa do meu primo...mas eu nunca passei lá...fica perto do Méier. Eu via a obra sendo feita...passava por lá e via...já sabia que iam fazer um estádio...eu ia jogar bola ali perto. Muito pouco...tinha casas ali...do lado ali tinha um galpão da ferrovia...era uma parte que não despertava curiosidade apesar de eu morar ali perto...agora ficou mais iluminado pra transitar. Foi construído pro Pan...ouvi falar que a torcida do Flamengo ia depredar. Não sei o que é.

nada desse passado. Hoje não sobrou
Tinha um museu ferroviário lá, foi demolido. Sei que hoje dá problemas
de estacionamento em dia de jogo.

foi um empreendimento do governo federal que torrou pra Flumitrens e depois pra Super-
Via aí o governo veio e “jantou”
dinheiro torrado...e aquela Estação Engenho de Dentro ficou esquisita, meio
morta...matou o bairro.

A pior coisa que
fizeram na história do Rio de Janeiro foi o Engenhão.

a torcida do Flamengo ia deprestar

b) Metáfora do elefante branco

vagões abandonados porque a ferrovia não se interessou mais. Você sabe que o Maracanã era
pra ser implodido e então iam levantar lá esse estádio. Eu gosto tanto desse lugar e me fugiu o
nome um sistema pra eternizar ele. nada acontecia...era uma oficina
...então eles fizeram esse bicho.. como chama?
uma área enorme inaproveitável! só que no meu entender ficou um vazio
muito grande e foram enchendo de ferragens...que utilidade tem isto? Só pra encher o espaço vazio.
não é uma obra de primeira
qualidade só teve joguinho de brincadeira.
Os prédios eram pros trabalhadores da Central e foram leiloados

Deram pro Botafogo... constroem e dizem que é do Botafogo, mas o dinheiro foi de quem? Tem
uma escola pública, botaram um muro no Engenhão e ela ficou lá. O Engenhão não é usado
mesmo. Não existe evento nenhum. Tranquilo, sem grandes
comércios..até hoje não vi novidades com esse museu

elefante branco

era um cabide de emprego
Tinha uma oficina de trens...não acontecia nada
lá...vários trens parados campo de futebol mal
utilizado...a comunidade não conseguia usar

Se não tivessem
construído o estádio, isso aqui já teria se transformado num favelão quando não tem jogo
aqui, fica tudo abandonado Acho que a área foi valorizada, mas a padaria ali na
esquina faliu uma ilusão

Até agora mudou entre aspas. Eu achei que ia ter
mais movimento, Teve um desenvolvimento melhor, mas não tanto.

Em volta não mudou muito
daqui pra frente não vai melhorar muito não.
Depois ficou tudo abandonado.

era tipo museu Só que tem um porém vão transformar em shopping...tem
muita sujeira que cai no Estádio porque tem muita árvore e ninguém pra limpar...e tem cachorro
também. tinha um clube de idosos, um museu e muito trem velho.
um depósito de trem, um terreno grande cheio de trem uma vez
ou outra que não tavam funcionando. Ninguém invadiu nada, era um
terreno vazio da ferrovia, não acontecia nada. prejuízo

Quando tem jogo, eles só abrem as saídas onde não tem comércio. É
uma brincadeira. As pessoas que moram aqui dizem que a área foi valorizada, mas eu não vi
valorização nenhuma. Depois do Pan, esqueceram disso aqui.

Prometeram um viaduto, alargamento das ruas e nada
feito pra inglês ver. Pelo menos, ficou mais bonito que antes. Antes,
era só trem velho. Era um pouco deserto. Tinha muitas fábricas, casas

Minha casa é
agarrada no Engenhão

O comércio só tem lucro em dia de jogo

A segurança foi só pros estrangeiros do Pan

Mas, melhorou o ambiente, o visual, as calçadas.
A expectativa pro futuro é grande, né? Mas, o pessoal não ta acreditando muito, não. Quando construíram tudo, não pensaram em ninguém daqui, só nos turistas

em dia de jogo
tem um estádio, né?
melhore no futuro, mas eu não acredito

rostinho bonito. Pode apostar
Acontece que antes não tinha nada e agora, pelo menos, Espero que
Antes, só tinham as casas e a ferrovia.

comunidade gostaria de usar o espaço do estádio, mas não usa. Ela não interage e ele fica fechado
Mas, o
visual melhorou muito, o público aumentou, deve ser bom a longo prazo guardar ferros
velhos de trem...galpão velho de trem...linha de trem parado...só vi pela televisão

deixa ninguém entrar
ferroviária

uma oficina que tava desativada
ali não tinha prédio, pelo contrário, campo aberto. O Botafogo não
Agora resolveram isso aí...nem sei o que é isso aí...acabou a rede
não tinha como usar o lugar, não servia para nada
isso aí...esse gigante...só em dia de jogo

funciona pouco

celebridades! Só que podia funcionar mais,
Vem até turista aqui agora

Melhor ter um estádio desses do que uma favela
No
começo, a construção do Engenhão parecia uma boa. Mas, depois, acabou não valorizando a área
nem trazendo grandes mudanças. Acho que era o museu...se não me engano era o museu

Quem não entra só via um
muro...havia uma parede e você passava pelo lado...só quem entrava é que via a linha de trem

Hoje está degradado
porque você não pode
atravessar facilmente porque tem que ir lá longe onde tem túnel ou ponte para atravessar e devia
saber exatamente onde havia túnel e ponte. Ir de um lado para outro às vezes era contramão e
exigia um contorno

Não sei de histórias sobre aquele lugar...
Sei que hoje dá
problemas de estacionamento em dia de jogo. É uma coisa burra colocar um estádio tão perto do
Maracanã, já que o Engenhão nem suporta a torcida do flamengo toda. Só serve mesmo para o
Botafogo jogar com um timezinho pequeno

Já ouvi
falar muito na televisão e no jornal...mas nem sei pra que lado fica

fizeram um “engana bobo”, um bocado de
pro pessoal que vem de fora

eles terceirizaram e não deu certo
Na época do Pan a composição dos trens mudou toda
Eu sei da estrutura que é
muito boa...mas que o trânsito fica ruim e a galera não consegue ir...
era uma parte que não despertava curiosidade a pesar de
eu morar ali perto

c) La Bombonera

eram galpões onde eram
consertados trens
Eu gosto tanto desse lugar
O campo tem quatro entradas...

Sempre foi tranquilo...tinha um campo de futebol...festas...carnaval
com o Engenhão a gente acredita...o bairro melhorou, tem gente circulando...quem pintou os arcos (estrutura metálica do Engenhão) foram alpinistas!...

Era tudo muito bonito. As grandes máquinas, os grandes motores... faziam até os sinos dessas igrejas, de bronze, aqui. Sinto saudades daquela época.

Tem um projeto aí de construção de um shopping de um grupo português. Isso sim iria melhorar a área de verdade.

Meu tio e avô trabalhavam lá...tinha futebol lá dentro. Tinha o grêmio recreativo, com salão de festas que alugavam, O pessoal passou a pular o muro para jogar bola no campinho, soltar pipa em cima dos trens. Somos moradores daqui e temos curiosidade, se planejam fazer alguma coisa...se for de bom a gente fica alegre vão transformar em shopping

em dia de jogo, quando a rua fica animada.

Tinham eventos para o pessoal da ferrovia, do bairro. As crianças gostavam de brincar lá dentro

Agora, tem mais movimento também O shopping tem que sair. Transformar esses galpões aí em espaço cultural, com teatro, cinema, restaurante

funcionários podiam jogar, tinha vestiário tinha um campão, os ladrão nos trens. Tinha pé de melão, manga, bambu. Falaram que ia ser um shopping ou faculdade.No final de semana as pessoas vinham soltar pipa...tinha gente que ficava ensinando a dirigir carro... chegaram a trabalhar lá até 4000 pessoas, de dia e de noite. Aquelas palmeiras eram centenárias, ali não tinha prédio, pelo contrário, campo aberto. Ali era locomoção, oficina ferroviária, o pessoal fazia serviço...consertava trem. Meu pai foi funcionário dali...naquela época tinha um campo de futebol.

Era uma grande oficina da Estrada de Ferro Central do Brasil, muita gente...11 horas saía todo mundo pra almoçar, a rua ficava cheia. Meu pai trabalhou ali, tinha uma escola de música pros funcionários que eu estudei.

Acho que a estrutura do bairro melhorou muito com a construção do estádio. O movimento de pessoas aumentou muito. Vem até turista aqui agora. A área ficou mais valorizada, com certeza.

shopping aí, não. Mas, se vier, vai melhorar da água pro vinho. É mais bonito, mais seguro. Acho que valorizou tudo aqui.

era uma coisa muito boa...muito importante, embora criaram uma outra envergadura, pra diversão a

estação de trem era na linha mais importante linha do rio, linha Central-Deodoro Já a linha da central ia para lugares mais "chiques

Tem a escola técnica por lá, na mesma linha...ficava no maracanã mas na mesma linha.

O Engenhão é legal, diferente. Bonito com aquelas tubulações. O jornal disse que é um dos estádios mais modernos do Brasil, Eu gosto do maracanã, mas dizem que não é moderno

Eu queria ir ver.

Ontem teve jogo lá.

O pessoal que foi lá gostou da arquitetura porque é do tipo **La Bombonera** dá até pra acertar garrafada no juiz se quiser. Era um terreno baldio que tinha lá....a prefeitura comprou e fez o estádio. O estádio é muito bonito, uma cobertura de luxo...primeiro mundo...melhor que o Maracanã.

Era oficina de trem. Por isso que tem uma rua lá do lado Rua das Oficinas. É um estádio onde tudo era bonito ou não. Onde teve as Olimpíadas? Onde teve aquelas obras? Para-Pan?

de futebol
consertado

Da minha casa eu escuto os gols...tem a Rua das Oficinas

Eu sei da estrutura que é muito boa...
A única coisa que sei é que fica perto da casa do meu primo

perto do Méier. eu ia jogar bola ali perto
transitar agora ficou mais iluminado pra

d) Estádio-fantasma

me fugiu o nome....ah! João Havelange...esse lugar é um sistema pra eternizar ele.

aqui não tem jogos

O Engenhão não é usado mesmo. Não

existe evento nenhum.

quem pintou os arcos (estrutura metálica do Engenhão) foram alpinistas!...os arcos mudam de lugar,

tudo foi vendido e parei de trabalhar aqui.

fica tudo abandonado
porque não tem nada.
abandonado.

Depois ficou tudo abandonado.
estádio fantasma. O que tinha ali era mato e casa velha.

Uma rede ferroviária abandonada. Era um lugar abandonado

Quando não tem jogo, isso aqui fica morto.
Agora é que ta tudo

abandonado

Nego passa aqui e faz a limpa

fica mortinho

Essas pessoas foram todas embora.

pra nada.

só fica fechado, a comunidade nunca usou as instalações

Agora

resolveram isso aí...nem sei o que é isso aí...

O Estádio é isso aí

Em dia normal, fica tudo abandonado

Hoje não sobrou nada desse passado

todas essas áreas que fizeram pro Pan ficaram

mortas

Momento 3) Organização dos Traços

3.1 – Organização dos Traços por Continuidade e Semelhança

Traço 1- La Bombonera

Traço 2 – Monstro Parado + Elefante Branco + Estádio Fantasma

La Bombonera **Monstro Parado + Elefante Branco + Estádio**

Fantasma **Bombonera + (Monstro Parado + Elefante Branco + Estádio Fantasma**

...eram galpões onde eram concertados trens...vagões abandonados porque a ferrovia não se interessou mais. Você sabe que o Maracanã era pra ser implodido e então iam levantar lá esse estádio. Eu gosto tanto desse lugar e me fugiu o nome...ah! João Havelange...esse lugar é um sistema pra eternizar ele ...nada acontecia...era uma oficina... Não adianta dar um prato de comida grande que você não consegue comer...então eles fizeram esse bicho... como chama? Pegaram um pedaço do terreno...uma área enorme inaproveitável! O campo tem quatro entradas...só que no meu entender ficou um vazio muito grande e foram enchendo de ferragens...que utilidade tem isto? Só pra encher o espaço vazio. Se fizeram um levantamento tem gente que vai pegar 100 anos de prisão, de tanto que roubaram material: cimento, ferro...não é uma obra de primeira qualidade...aqui não tem lojas, se for João pequeno dá prejuízo, se for grande não comporta...só teve joguinho de brincadeira Os prédios eram pros trabalhadores da Central e foram lioleados, foi um cambalacho.

Este Estádio foi uma pilantragem derrubar as casas Deram pro Botafogo... constroem e dizem que é do Botafogo, mas o dinheiro foi de quem? Tem uma escola pública, botaram um muro no Engenho e ela ficou lá. O Engenho não é usado mesmo. Não existe evento nenhum. E depois da obra tem falta de água nos apartamentos. Tranquilo, sem grandes comércios...até hoje não vi novidades com esse museu (Engenho)...é um elefante branco. Sempre foi tranquilo...tinha um campo de futebol...festas...carnaval... Tinha uma oficina de trens...não acontecia nada lá...vários trens parados era um cabide de emprego um museu campo de futebol mal utilizado...a comunidade não conseguia usar...com o Engenho a gente acredita...o bairro melhorou, tem gente circulando...quem pintou os arcos (estrutura metálica do Engenho) foram alpinistas...os arcos mudam de lugar.

Tudo foi vendido e parei de trabalhar aqui. Era tudo muito bonito. As grandes máquinas, os grandes motores... faziam até os sinos dessas igrejas, de bronze, aqui. Sinto saudades daquela época. Se não tivessem construído o estádio, isso aqui já teria se transformado num favelão quando não tem jogo aqui, fica tudo abandonado. Nem a polícia aparece. Acho que a área foi valorizada, mas a padaria ali na esquina faliu uma ilusão Tem um projeto aí de construção de um shopping de um grupo português. Isso sim iria melhorar a área de verdade. Horrível. Não tinha nada. Não era movimentado como é hoje. Melhorou bastante. Até agora mudou entre aspas. Eu achei que ia ter mais movimento, daqui a pouco vai ficar destruído porque não tem nada. Teve um desenvolvimento melhor, mas não tanto. Em volta não mudou muito. Acúmulo de rato, bandidagem e o roubo com autorização dos funcionários. Hoje tá bom. Antes era horrível, abandonado. Não acontecia nada por aqui. Acho que daqui pra frente não vai melhorar muito não. Acho que piorou. Aumentaram os assaltos. Meu tio e avô trabalhavam lá...tinha futebol lá dentro. Tinha o grêmio recreativo, com salão de festas que alugavam, mas fecharam. Depois ficou tudo abandonado. O pessoal passou a pular o muro para jogar bola no campinho, soltar pipa em cima dos trens. Agora parece estádio fantasma. O que tinha ali era mato e casa velha. Tinha trem velho... uma garagem de sucata...e mato...e muitas casas antigas. Somos moradores daqui e temos curiosidade, se planejamos fazer alguma coisa... se for de bom a gente fica alegre...nós não sabemos de nada era tipo museu Só que tem um porém: tá abandonado, vão transformar em shopping...tem muita sujeira que cai no Estádio porque tem muita árvore e ninguém pra limpar...e tem cachorro também. Uma rede ferroviária abandonada. Era um lugar abandonado...tinha um clube de idosos, um museu e muito trem velho. um depósito de trem, um terreno grande cheio de trem...tinha um campo de futebol...uma vez ou outra ...que não tavam funcionando. Ninguém invadiu nada, era um terreno vazio da ferrovia, não acontecia nada. Ah, quando penso nisso aqui, penso em prejuízo. Não tem vida comercial em torno do estádio, não. Quando não tem jogo, isso aqui fica morto. Quando tem jogo, eles só abrem as saídas onde não tem comércio. É uma brincadeira. As pessoas que moram aqui dizem que a área foi valorizada, mas eu não vi valorização nenhuma. Depois do Pan, esqueceram disso aqui. Prometeram um viaduto, alargamento das ruas e nada.

afundou. É um descaso só. Tudo feito pra inglês ver. Pelo menos, ficou mais bonito que antes. Antes, era só trem velho. Era um pouco deserto. Tinha muitas fábricas, casas. piorou. Eles não cumpriram nada do que disseram. Na prefeitura diz que eles compraram tudo, mas não é verdade. Minha casa é agarrada no Engenho. Agora é que tá tudo abandonado... perdemos acesso de ônibus A criminalidade piorou muito e só tem policiamento em dia de jogo, quando a rua fica animada Negro passa aqui e faz a limpa. O comércio só tem lucro em dia de jogo, fora isto fica mortinho. A segurança foi só pros estrangeiros do Pan. Tem sequestro, arrastão...é brabo. Acho que isto só vai piorar. Se lá na Copa tiver jogo aqui aí vão voltar pra derrubar tudo e querer melhorar o estádio Essas pessoas foram todas embora. Tinha eventos para o pessoal da ferrovia, do bairro. As crianças gostavam de brincar lá dentro. Acabou com o comércio, também. Ficou faltando emprego aqui Mas, melhorou o ambiente, o visual, as calçadas. Segurança, só em dia de jogo mesmo. Em dia normal, os maconheiros vivem aqui. A expectativa pro futuro é grande, né? Mas, o pessoal não tá acreditando muito, não. Quando construíram tudo, não pensaram em ninguém daqui, só nos turistas. Antigamente, era muito pior. Era só rato, barata. A obra valorizou muito toda a região. Foi muito bom pra comunidade.

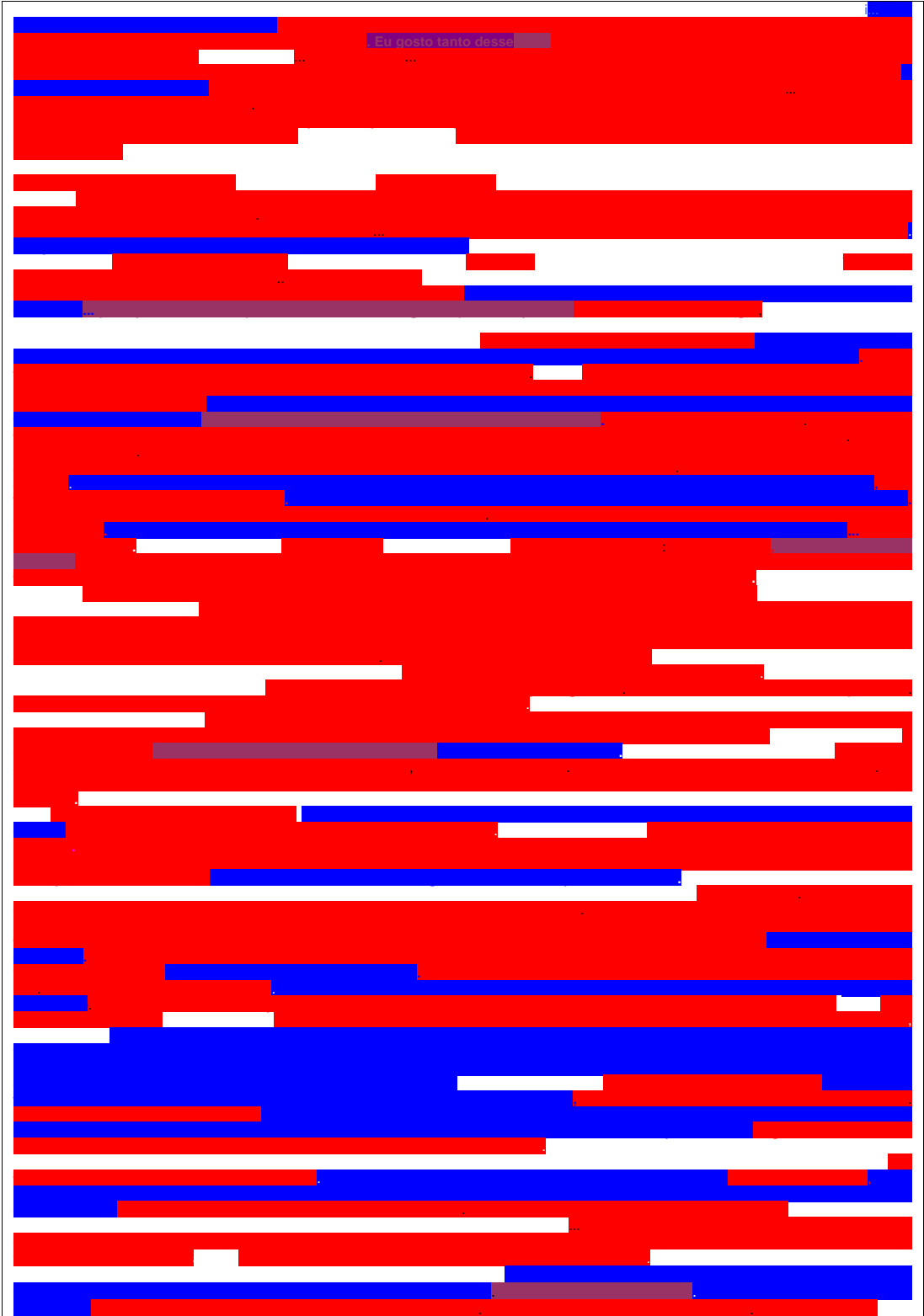
rostinho bonito. Pode apostar. A construção do Engenho não melhorou nada, não. Isso aqui só é bom em dia de jogo. Tem muito assalto. A gente não se sente seguro. Acontece que antes não tinha nada e agora, pelo menos, tem um estádio, né? Mas, falta segurança. Outro problema é que só fica fechado, a comunidade nunca usou as instalações pra nada. Espero que melhore no futuro, mas eu não acredito. Tá melhor por causa do estádio. Antes, só tinham as casas e a ferrovia. Era tudo abandonado, muito parado. A segurança não melhorou muito, a polícia só vem na hora dos jogos. Agora, tem mais movimento também. O pessoal da comunidade gostaria de usar o espaço do estádio, mas não usa. Ela não interage e ele fica fechado. O shopping tem que sair. Transformar esses galpões aí em espaço cultural, com teatro, cinema, restaurante. Para o comércio, a curto prazo, a construção não foi legal. Mas, o visual melhorou muito, o público aumentou, deve ser bom a longo prazo guardar ferros velhos de trem...galpão velho de trem...linha de trem parado...só vi pela televisão Era um negócio de pintura de trem... que conservava trem...tinha um campão, os funcionários podiam jogar, tinha vestiário...depois acho que ficou desativado...a gente ficava brincando de polícia-ladrão nos trens. Tinha pé de melão, manga, bambu. Falaram que ia ser um shopping ou faculdade.No final de semana as pessoas vinham soltar pipa...tinha gente que ficava ensinando a dirigir carro...tem um trem que Getúlio Vargas viajou (no museu). uma oficina que tava desativada...chegaram a trabalhar lá até 4000 pessoas, de dia e de noite. Aquelas palmeiras eram centenárias, ali não tinha prédio, pelo contrário, campo aberto. O Botafogo não deixa ninguém entrar. Os meninos ficam brincando na frente de skate, bicicleta. Ali era locomoção, oficina ferroviária, o pessoal fazia serviço...conservava trem. Meu pai foi funcionário ali...naquela época tinha um campo de futebol. Agora resolveram isso aí...nem sei o que é isso aí...acabou a rede ferroviária, agora não sei o que é.

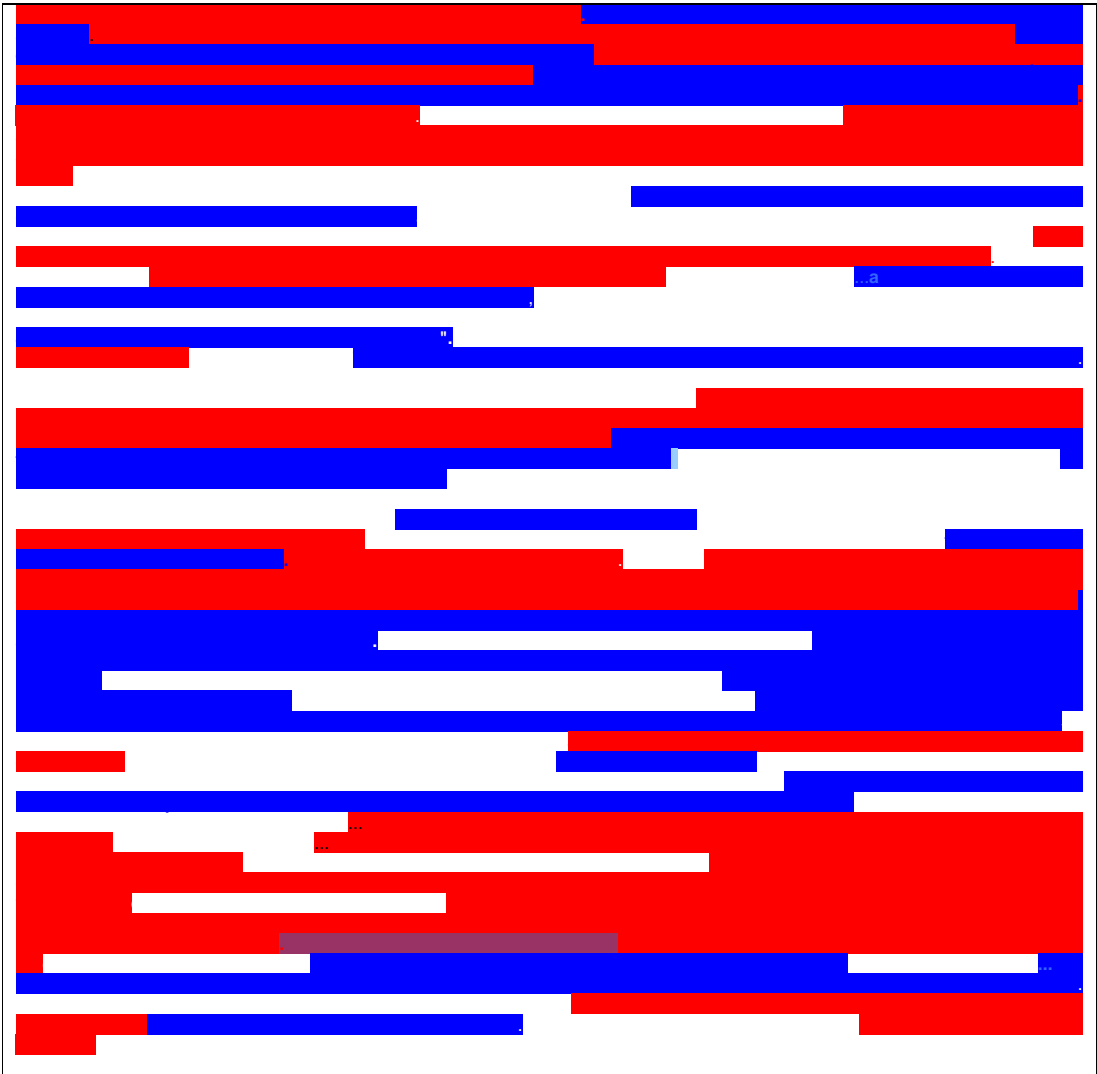
...não tinha como usar o lugar, não servia para nada. Era uma grande oficina da Estrada de Ferro Central do Brasil, celeiro de operários, muita gente...11 horas saía todo mundo pra almoçar, a rua ficava cheia. Meu pai trabalhou ali, tinha uma escola de música pros funcionários que eu estudei. O Estádio é isso aí...esse gigante...só em dia de jogo. Durante a semana tá aí esse monstro parado aí... falavam que tinha uns favelados que iam ocupar depois que tiraram os trens. As vezes tem jogos aí. Oficina, sucata, lixo, entulho e vagabundo, bandido escondido dentro do vagão...abandonado total... celebridades! Só que podia funcionar mais, funciona pouco.

Acho que a estrutura do bairro melhorou muito com a construção do estádio. O movimento de pessoas aumentou muito. Vem até turista aqui agora. A área ficou mais valorizada, com certeza. Chato é que segurança aqui não existe, só em dia de jogo. Em dia normal, fica tudo abandonado. Tem um carro de polícia aí na esquina hoje, só porque vocês vieram fazer entrevista. Os bares tavam todos fechados e abriu tudo de novo com as obras. Depois que o Pan acabou, faliu tudo de novo. Falta ter mais jogos, mais shows. Não acredito que eles vão levantar esse shopping aí, não. Mas, se vier, vai melhorar da água pro vinho. Acho que, mais cedo ou mais tarde, isso aí vai virar uma favela. Melhor ter um estádio desses do que uma favela. Depois do Engenho, melhorou porque tem mais gente. É mais bonito, mais seguro. Acho que valorizou tudo aqui. Agora, todo mundo lembra do Engenho de Dentro por causa do Engenho. Antes, eu lembro só que era tudo abandonado. Era só um depósito de trem abandonado, antes. A comunidade não utilizava nunca. No começo, a construção do Engenho parecia uma boa. Mas, depois, acabou não valorizando a área nem trazendo grandes mudanças. Acho que era o museu...se não me engano era o museu era uma coisa muito boa...muito importante, embora criaram uma outra envergadura, pra diversão...

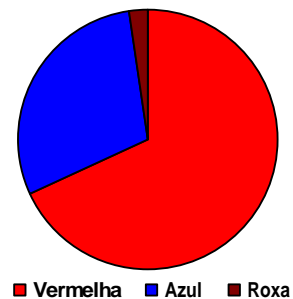
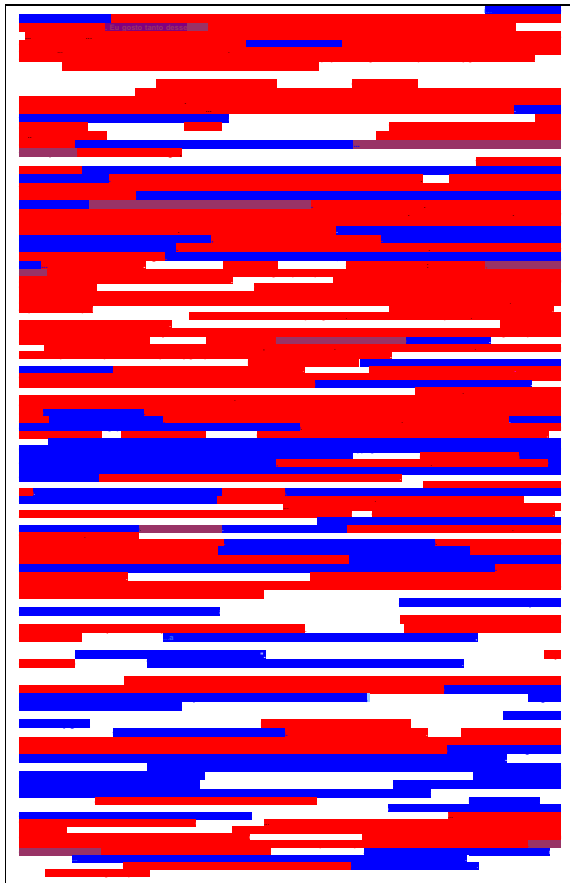
Quem não entra só via um muro...havia uma parede e você passava pelo lado...só quem entrava é que via a linha de trem Eu só passava por um lado da linha e não conhecia o outro ...a estação de trem era na linha mais importante linha do rio, linha Central-Deodoro Já a linha da central lá para lugares mais "chiques". Hoje está degradado Tem a escola técnica por lá, na mesma linha...ficava no maracanã mas na mesma linha porque você não pode atravessar facilmente porque tem que ir lá longe onde tem túnel ou ponte pra atravessar e devia saber exatamente onde havia túnel e ponte. Ir de um lado pra outro às vezes era contramão e exigia um contorno. O Engenho é legal, diferente. Bonito com aquelas tubulações. O Jornal disse que é um dos estádios mais modernos do Brasil. Eu gosto do maracanã, mas dizem que não é moderno.

Eu queria ir ver. Ontem teve jogo lá. Não sei de histórias sobre aquele lugar... tinha o engenho novo, perto de onde eu morava. Hoje não sobrou nada desse passado. Tinha um museu ferroviário lá, foi demolido. Sei que hoje dá problemas de estacionamento em dia de jogo É uma coisa burra colocar um estádio tão perto do Maracanã, já que o Engenho nem suporta a torcida do Flamengo toda. Só serve mesmo para o Botafogo jogar com um timezinho pequeno. O pessoal que foi lá gostou da arquitetura porque é do tipo La Bombonera, estádio do Boca Junior da Argentina, ou seja, dá até pra acertar garrada no juiz se quiser Era um terreno baldio que tinha lá...a prefeitura comprou e fez o estádio. O estádio é muito bonito, uma cobertura de luxo...primeiro mundo...melhor que o Maracanã Era oficina de trem. Por isso que moro lá perto. Tô pretendendo ir lá no sábado: Flamengo vai jogar...quero ver se é bonito ou não. Onde teve as Olimpíadas? Onde teve aquelas obras? Para-Pan? Já ouvi falar muito na televisão e no jornal...mas nem sei pra que lado fica É um estádio de futebol Da minha casa eu escuto os gols...tem a Rua das Oficinas...onde tudo era concertado Da minha casa eu escuto os gols...tem a Rua das Oficinas...foi um empreendimento do governo federal que torrou pra Flumitrens e depois pra Super-Via... eles terceirizaram e não deu certo, aí o governo veio e "jantou"...fizeram um "engana bobo", um bocado de ferro dinheiro torrado...e aquela Estação Engenho de Dentro ficou esquisita, meio morta...matou o bairro. Na época do Pan a composição dos trens mudou toda pro pessoal que vem de fora... Com a obra do Engenho ficou morto...nem carro passa lá...ficou uma área morta. Eu trabalhei ali perto...todas essas áreas que fizeram pro Pan ficaram mortas. A pior coisa que fizeram na história do Rio de Janeiro foi o Engenho. Eu sei da estrutura que é muito boa...mas que o trânsito fica ruim e a galera não consegue ir... A única coisa que sei é que fica perto da casa do meu primo...fica perto do Méier era uma parte que não despertava curiosidade a pesar de eu morar ali perto...agora ficou mais iluminado pra transitar a torcida do Flamengo ia deprepar.





3.2 – Medições da Intensidade (da força) do Traço



Entre os traços 1 e 2 há uma expressiva diferença, uma vez que a presença de traços comuns (área roxa) é muito pequena, quase inexistente. Com isto pode-se concluir que a organização dos traços em La Bombonera (azul) e Monstro Parado + Elefante Branco + Estádio Fantasma (vermelho), de outro lado, orientou-se pelos critérios de continuidade e semelhança. A grande diferença entre os traços (1 e 2) é um indicativo de que há semelhanças que os agrupam internamente.

A intensidade dos traços organizados é bastante diferenciada na relação entre eles: o Traço 1 (La Bombonera) está marcado no arquivo com uma intensidade significativamente menor do que o Traço 2 (Monstro Parado + Elefante Branco + Estádio Fantasma). Ambos marcam, portanto, forma diferenciada o arquivo metafórico do Engenheiro e, conseqüentemente, devem estar presentes - através de suas representações - de forma diferenciada, na Narrativa Metafórica do Engenheiro.

Momento 4) Representação dos Traços

Traço 1 (La Bombonera) = Lugar do Jogo ou O Lugar da Vida

Traço 2 (Monstro Parado + Elefante Branco + Estádio Fantasma) = Lugar do Abandono ou Lugar da Morte

Momento 5) Narrativa Metafórica do Engenhão

Antes do Engenhão havia um lugar abandonado pelo/através do descaso, da imundície, da pilantragem, do cambalacho, da banditagem, da mentira (na prefeitura diz que eles compraram tudo, mas não é verdade), do roubo e do engano (eles não cumpriram nada do que disseram); era um abandono que destruíra, que para(do)lisava e que marcava o lugar com a iminência desta destruição. Com a obra tudo acabou: o comércio, a água nos apartamentos, o emprego, o grêmio recreativo; foi a “morte” do lugar. Por causa deste abandono o lugar era horrível, lá não acontecia nada, era só rato e barata. Era lugar da sucata, do lixo, do entulho. Neste processo de abandono, tudo foi vendido e as pessoas todas foram embora e deixaram seus trabalhos. A comunidade se afastou do lugar, não se sentia segura. Há uma iminência (monstruosa) de abandono que marca o lugar: mais cedo ou mais tarde isso aqui tudo ia virar uma favela ... se não tivessem construído o estádio isso aqui já tinha se transformado num favelão...daqui a pouco vai ficar destruído porque não tem nada...falavam que tinha uns favelados que iam ocupar depois que tiraram os trens... a construção do Engenhão não melhorou nada... era pior, mas agora é que tá tudo abandonado ... só vai piorar. Os vestígios do abandono e da destruição assombam as significações e expulsam a vida do lugar. Uma voracidade devastadora fez a “monstruosidade” do lugar: ele é brabo, com ele a criminalidade piorou, tem assalto, seqüestro, arrastão. Ele é um lugar pesado, afunda, e “mata” (o bairro, a cidade): bares abrem e fecham e abrem novamente, faliu tudo ...vão derrubar tudo. Ele tem a desproporcionalidade de um “monstro”: um prato cheio de comida que não dá para comer ... um vazio muito grande que foram enchendo de ferragens ... uma área inaproveitável ... se fizessem um levantamento tem gente que ia pegar 100 anos de prisão de tanto que roubaram material ... Eles diziam que iam derrubar as casas pra fazer uma avenida quando não havia dinheiro nem para o papel higiênico... se for jogo pequeno dá prejuízo, se for grande não comporta. Ele é desproporcional, seus movimentos abruptos e (quase) involuntários dotam o lugar de uma espécie de vida própria, autônoma, que deixa os agentes da cidade (moradores, andarilhos, usuários) como em permanente compasso de espera passiva. Seus arcos mudam de lugar, sua estrutura é mutante, ele movimenta-se silenciosamente (é um “monstro parado”). Frente a esta ação silenciosa, ele fica abandonado, as pessoas dele se afastam... elas não sabem de nada... “nem sei o que é isto”, “agora não sei o que é”, “como chama? Ele é estranho, um bicho afinal, e gigante. É um lugar abandonado também pelo/através do desinteresse (vagões abandonados porque a ferrovia não se interessou mais) ou de interesses “outros” (Deram pro Botafogo... e ele não deixa ninguém entrar...os prédios eram pros trabalhadores mas foram leiloados...a segurança foi só pros estrangeiros do Pan... quando construíram tudo, não pensaram em ninguém daqui, só nos turistas), do equívoco (você sabe que o Maracanã era pra ser implodido e então iam levantar lá esse estádio), da insignificância (eu gosto tanto desse lugar e me fugiu o nome ... eu trabalhei lá...nada acontecia...era uma oficina), do esquecimento (depois do Pan, esqueceram disso aqui), da não/má utilização (um campo de futebol mal utilizado). O abandono foi, acima de tudo, o de sua disfuncionalidade, afinal ele era o lugar (dos trens) que não tavam funcionando, ele é um sistema para eternizar uma pessoa, só que podia funcionar mais! Ele funciona pouco...não é usado mesmo... não existe evento nenhum ...a comunidade não conseguia usar... não tinha como usar o lugar, não servia para nada...uma oficina desativada.... quando tem jogo, eles só abrem as saídas onde não tem comércio.Ele é disfuncional: o campo tem quatro entradas, mas ficou um vazio muito grande...que utilidade tem este lugar (elefante branco)? Ele era uma área enorme, mas inaproveitável! Uma oficina com vários trens, mas parados. Sua existência sempre foi pesada: ele foi um terreno cheio de trem... ele é isso aí, esse gigante... só que tem um porém (é bom, tem segurança, movimento e lucro, a rua fica animada)...só em dia de jogo, teve um desenvolvimento, mas não tanto...até agora mudou entre aspas. Seu abandono decepciona: a área foi valorizada, mas a padaria ali da esquina faliu... no começo, a construção do Engenhão parecia uma boa, mas depois acabou não valorizando a área nem trazendo grandes mudanças...eu achei que ia ter mais movimento... prometeram um viaduto, alargamento das ruas e nada. Mas as decepções que ele provoca acabam impulsionando as apostas: pode

apostar!...com o Engenhão a gente acredita, o bairro melhorou, tem gente circulando, é mais bonito, valorizou tudo aqui. Longe de ser a “solução” é a “boa sorte” da cidade: Se não tivessem construído o estádio, isso aqui já teria se transformado num favelão... melhor ter um estádio desses do que uma favela. Como um ornamento (um elefante branco na estante) meio “fora de moda” na cidade, não é uma obra de primeira qualidade, ele é pra inglês ver...pelo menos ficou mais bonito que antes...agora:celebridades! Mas ele trouxe vida ao bairro, é por sua causa que todo mundo lembra do Engenho de Dentro. Ele melhorou o visual, o ambiente, as calçadas, é um bicho impressionante, e vem até turista agora aqui. Ele é uma ilusão. Entre esperança e descrença (a expectativa pro futuro é grande, mas o pessoal não ta acreditando muito...espero que melhore no futuro, mas eu não acredito) este “elefante branco” se mantém presente no cenário urbano, inofensivo, ele parece acomodar-se à cidade: tranqüilo, sem grandes comércios ...tem uma escola pública, botaram um muro no Engenhão e ela ficou lá.... minha casa é agarrada no Engenhão... tem muita sujeira que cai no Estádio porque tem muita árvore e ninguém pra limpar e tem cachorro também. Nesta sua condição de vida “meio morta, lá só teve joguinho de brincadeira! Ele é um lugar do jogo enquanto brincadeira: sua envergadura é a da diversão, do lúdico. Mas é na sua desativação (que ficou desativado), na sua condição (talvez impreterível) do que não se cumpre totalmente, do que decepciona, em seu abandono – e possivelmente por causa disto tudo – é que o jogo e a vida nele acontecem: depois ficou tudo abandonado e o pessoal passou a pular o muro para jogar bola no campinho, a soltar pipa em cima dos trens....a gente ficava brincando de polícia-ladrão...no final de semana as pessoas vinham soltar pipa...e tinha gente que ficava ensinando a dirigir carro... as crianças gostavam de brincar lá dentro. Em seu deserto, tinha pé de melão, manga, bambu. No terreno vazio que não acontecia nada, lá foi o lugar da infância que passei aqui, onde o pai, o tio e o avô trabalhavam. É na disfuncionalidade que ele vive no bairro: quando tem jogo (oficial), eles só abrem as saídas onde não tem comércio, é só prejuízo. Ninguém invadiu nada, ele foi e continua sendo ocupado (pelos desocupados?): clube de idosos, festas...carnaval...meninos que brincam de skate, de bicicleta. Ele é um lugar tipo museu, que não mostra nada de novidade (até hoje não vi novidades com esse museu), pelo contrário, era um depósito de trem, de saudades (sinto saudades daquela época), de fracassos e de expectativas; um campão sem prédios, aberto, parado, cujo destino parece ser o de deixar mesmo um espaço muito grande na cidade, o de circunscrever (enchendo com ferragens, por exemplo) um lugar vazio onde seja possível um a longo prazo (um futuro) na cidade. Espaço (o vazio) condição de possibilidade (lugar da vida). Vão transformar em shopping (outro elefante branco!)...isso sim iria melhorar a área de verdade. A arquitetura tipo La Bombonera é a da proximidade; arquitetura que aproxima, que insere, que situa o lugar na vida do seu entorno: fica perto do Méier, perto da casa do meu primo; é o lugar onde moro lá perto, e que da minha casa escuto os gols, eu ia jogar bola ali perto. Ele é melhor do que o Maracanã, onde teve as Olimpíadas, onde teve aquelas obras? Para-Pan? Através da mais importante linha do Rio, linha linha Central-Deodoro ele é um lugar de conexão com a cidade, ele localiza, situa: tem a escola técnica por lá, na mesma linha...ficava no Maracanã mas na mesma linha...já a linha da Central ia pra lugares mais chiques...as outras vão para outros subúrbios como Leopoldina...Na minha vida de estudante eu ia do Riachuelo para a Zona Sul e para a Tijuca. Ele nomeia: era oficina de trem, por isto que tem uma rua lá do lado, Rua das Oficinas. Ele faz lembrar outros lugares na cidade; ele está na cidade, entre outros lugares...o jornal disse que é um dos estádios mais modernos do Brasil...eu gosto do Maracanã mas dizem que ele não é moderno. O lugar está próximo daqueles que dele falam: somos moradores daqui e temos curiosidade. Lugar que implica (e mais uma vez, que aproxima), que convoca ao jogo/vida no bairro: tô pretendendo ir lá no sábado, o Flamengo vai jogar...quero ver se é bonito ou não, eu queria ir ver...o pessoal que foi lá gostou da arquitetura. Ele foi um terreno baldio e a prefeitura comprou e fez o estádio: Nele algo aconteceu, se realizou, se concretizou na vida do bairro e das pessoas: onde meu tio e avô trabalhavam, onde tinha um campo de futebol, grêmio recreativo, salão de festas, carnaval. Lugar que realizava eventos para o pessoal da ferrovia, eventos para o bairro...e ontem mesmo teve jogo lá. É o lugar que engendra possibilidades, reais e sonhadas, pois afinal ali não tinha prédio, pelo contrário, era um campo aberto que possibilitou que criassem uma outra envergadura, um lugar diferente, legal, bonito com aquelas tubulações. Como campo aberto, ele transforma-se no espaço da possibilidade, do shopping que tem que sair e se transformar em espaço cultural, com teatro, cinema, restaurante...isso sim iria melhorar a área de verdade, se vier vai melhorar da água pro vinho, tem um projeto aí de construção...planejam fazer alguma coisa, se for de bom a gente fica alegre. Neste campo aberto de possibilidades (de vida), ele é o espaço pra diversão, cuja estrutura, que é muito boa,

dá até pra jogar garrafada no juiz se quiser; espaço ocupado pela força desregrada e rebelde da brincadeira e do desejo: onde o pessoal passou a pular o muro para jogar bola no campinho, soltar pipa em cima dos trens, onde as crianças gostavam de brincar lá dentro e os funcionários podiam jogar, onde a gente ficava brincando de polícia-ladrão nos trens...tinha pé de melão, manga, bambu. É um lugar que conserta, movimenta, anima e ilumina, onde tudo era consertado... lugar de muita gente...11 horas saía todo mundo pra almoçar, e a rua ficava cheia; com ele agora ficou mais iluminado pra transitar, a estrutura do bairro melhorou muito com a construção do estádio, o movimento das pessoas aumentou muito... em dia de jogo a rua fica animada...tem gente circulando. Há uma vitalidade no/do lugar: onde era tudo muito bonito, com as grandes máquinas, os grandes motores, as palmeiras centenárias, as 4000 mil pessoas que chegaram a trabalhar lá de dia e de noite. Afinal, ele era uma grande oficina da Estrada de Ferro Central do Brasil e agora é um estádio muito bonito, uma cobertura de luxo... primeiro mundo...melhor que o Maracanã. Sua vitalidade é a do jogo: é um estádio de futebol, que eu gosto tanto, e que faz sentir saudades daquela época. Sua vitalidade também é a da transformação, daquilo que passa, que muda, da morte inerente à vida: tudo foi vendido e parei de trabalhar aqui.. era tudo muito bonito... as grandes máquinas, os grandes motores... faziam até os sinos dessas igrejas, de bronze aqui.... meu tio e avô trabalhavam lá. Passagem esta que transformou o que tinha vida naquilo (o estádio) que é isso aí, que resolveram isso aí, mas que nem sei o que é isso, está morto, mortinho, existe, está lá, mas não tem vida, que em dia normal fica tudo abandonado. Lugar de jogo, de vida, de morte e de abandono, onde tinha futebol lá dentro e eventos para o pessoal da ferrovia, do bairro, onde chegaram a trabalhar lá até 4000 pessoas, de dia e de noite, e agora tem ferragens para preencher um vazio, um estádio (fantasma) que eterniza (João Havelange) sim, mas não dá vida ao que este sistema constrói, aqui não tem jogos! O Engenhão não é usado mesmo...não existe evento nenhum...fica tudo abandonado... só fica fechado, a comunidade nunca usou as instalações pra nada. Lugar sem nome (me fugiu o nome...como chama?), “território de ninguém”, em que as pessoas foram todas embora... onde nego passa aqui e faz a limpa. Sua natureza (fantasmagórica) é menos uma ilusão, é quase um ilusionismo (seus arcos foram pintados por alpinistas e mudam de lugar!). Ora cheio de trem e de trabalhadores (mais de 4000 trabalhadores de dia e de noite), ora terreno vazio. Jô, vida, morte e abandono num mesmo lugar.

Histórias da Cidade

Neste capítulo contam-se histórias do Rio de Janeiro. Histórias escritas por uma *Narrativa do Cassino da Urca* e por uma *Narrativa do Engenhão*, e histórias escritas por uma *Narrativa Metafórica do Cassino da Urca* e uma *Narrativa Metafórica do Engenhão*.

Narrativa do Cassino da Urca

Eu não lembro...meu pai comenta...tinha o Circo do Carequinha...isso foi em 61. Nós somos moradores daqui e não sabemos nada...isso tá desativado. Essa passagem é um problema, tem mendigo e cheiro de urina...um elefante branco só isso...disseram que ia ser um Centro Cultural...imagina 650 alunos: o que vai ser desse bairro? Um horror o que vão fazer com a gente... ah! Tinha o Flávio Cavalcanti, a Henriqueta Brieda, que morava aqui no bairro... tinha alguma coisa com a Emílio Santiago, mas isto eu vi na TV eu nem sabia. Teve curso de dublagem, eu ia fazer... uma oficina de mecânica, eu consertava meu carro lá,,, tinha Karatê. O que vai ser feito, vai arrebentar com a gente que mora no bairro, antes o prefeito disse que seria um museu. Podia ser um Carrefour, ao menos a gente comprava a vontade...ou um supermercado mais barato, o Mundial. Quando cheguei o prédio já tava abandonado. A cabine do salva mar ficava na ponta, as outras eu fui morar e tomava conta, centenas de vezes eu tirei a vagabundagem do prédio. Sempre que eu entrei já tava tudo deteriorado,,,nunca teve nada importante lá dentro. Os moradores falam que tinha o Flávio Cavalcanti,,, programas de auditório,,,ficava lotado,,,acabou o Cassino e fecharam os auditórios. Moro muito tempo na Urca, e muita coisa passou por aí, mas não lembro de nada,,, mas era muito bonito esse prédio,,, depois começou a degradação,,, deu até foco de dengue,,,o prédio era realmente muito bonito, faziam muita coisa aí,,, Era um Cassino...o Chacrinha fazia show aí...antigamente era a TV Tupi...na época que eu vim já não tinha nada. Um grupo de italianos vão fazer alguma coisa ali. Não sei nada...moro aqui há 20 anos e isso aí já tava abandonado. Não lembro de nada... sei que era um Cassino e a TV...acabou em 48 mas eu não me lembro. Falam muito que ta abandonado, mas do que foi não se fala, e eu nunca me interessei. Vão fazer um negócio ali mas não sei o que vai ser...parece que vai movimentar 1500 carros! Quando cheguei tava abandonado e um ano depois abriu a TV Tupi, fechou e ficou sucata de mendigos. Eu ia nos programas ao vivo do Chacrinha, do Flávio Cavalcanti, O Céu é o Limite, A Grande Chance. O prédio tá caindo. Naquele tempo tinha alegria na Urca, tinha comércio, tinha banda na rua. Agora a Urca é um descaso...tem esgoto a céu aberto, já fiz muita coisa mas ninguém vem aqui fazer uma reportagem ou arrumar o esgoto...se depender do meu voto que façam alguma nesse prédio...é uma firma estrangeira e assim pode ser que o Brasil acorde e faça alguma coisa...pro comércio vai ser bom. Eu sou compositor e já fiz muita música pra Urca. Cassino? Eu não vou a cassino moça. Desde a época da Tupi...é o prédio da Tupi...tinha o programa do Carequinha...eu levava meus

filhos...Adélia Fátima...João Silvestre...uma vez ganhei uma máquina de costura...era legal aquela época...foi roubo, é o que o povo conta. Ficou essa coisa horrorosa, cheia de mendigos. Dizem que vai ser um curso de Design, e que isso vai ser ruim pra Urca. O povo ta reclamando que vai ter muito carro. Nossas calçadas ta horrível, a poda das árvores eles vem e fazem de qualquer jeito...a nossa Urca ta se acabando. Tem o esgoto horroroso...tinha uma aula na praia junto do prédio, eles usavam as cabines mas agora mandaram dizer que eles não podem usar mais. O pessoal vem na Urca pra fazer baderna. A gente ta se opondo ao projeto, ele não foi feito de forma transparente, vai ser um impacto urbanístico muito grande. O lugar teve três fases: o Balneário da Urca que era uma espécie de hotel, por isto as cabines; O Cassino da Urca e a TV Tupi que não se sustentou por má gestão, deve fazer uns 40 anos...eu gosto desse bairro. Tem ainda, quem olha da praia, um conjunto de pedras que eram as pedras que formavam uma piscina...onde se colocavam as crianças. Quando vim pra cá já tava tudo fechado...as vezes que eu entrei eram festinhas que aconteciam lá...depois teve um antiquário...mas só de ouvir as pessoas falarem...vinham artistas nacionais e internacionais...mas não sei de nada...meu marido deve ter freqüentado...eu nunca entrei...e sei que ta caindo aos pedaços...a comunidade ta contra...o dono do Scala já quis comprar e a comunidade não deixou...não é só os carros, mas o esgoto tudo vai precisar. Com sinceridade não lembro de nada lá...a Urca mudou muito...era mais família...eu não freqüentava...eu lembro que todos os domingos tinha as vedetes...faziam domingueiras...as vezes eu ia espiar lá...tinha uma lancha que saía da praia e levava até o Cassino em Niterói...as pessoas iam acompanhando...chamava Cinéia...saía do ancoradouro da Urca...vim morar aqui em 33...tinha as filas de táxi enormes que ficavam esperando as pessoas...enchiam as ruas...os moradores reclamavam...festas de carnaval eu não ia...acabou o Cassino e não ficou nada. A Urca era mais cuidada...a Urca não é nem sombra do que era...estou nesse apartamento desde 1930...havia terrenos vazios...no tempo em que tinham os ônibus da Light, no tempo em que...antigamente havia botequim. Eu moro na Urca há 61 anos, minha idade...e não sei nada daquele lugar...sei que tinha jogo. Era muito jovem...morava bem longe do Cassino...lembro que tinha o cassino e que tinha os...não me lembro nem do nome daqueles artistas...lembro que tinha muitos shows...eu não sou do tempo que se ia a Cassino...nunca tomei parte ativa da Urca...passei a morar dentro da Urca...antes morava fora. A Urca era apagada...minha família é toda evangélica...não participava do Cassino...eu morava no começo da Urca, não ficava aqui dentro. No meu ponto de vista da religião...o programa bom era o Céu é o Limite...a gente ta mais por dentro dos problemas da violência e dos horrores da atualidade...tinha programas de auditório...tinha um cara muito grosseiro...do tempo dos jogos não tomava conhecimento...tinha dança e a família evangélica...Havia um mercado era todo de azulejo português (na Urca)...tinha um fluxo de água...não tinha banco naquela época...tinha no máximo 10 carros...era um bairro calmo...as pessoas saíam daqui de dentro pra trabalhar. Com esse problema do IED com 500 alunos...quando entra caminhão de lixo já fica cheio...essa coisa de doido. Eu peguei como TV Tupi...tinham programas...ficava lotado ali...uma vez o Flávio Cavalcanti trouxe um elefante e não passou na porta...ficou um tumulto...tentaram fazer um hotel...a Globo alugou pra fazer novela...eles restauraram o palco mas não conseguiram fazer girar porque tava muito enferrujado...era pra fazer a novela Dancing Day's...quando meus pais vieram pra cá essa casa já tinha sido construída por um general francês que trouxe tudo da Europa...nossa casa é tombada...isso que vai acontecer aí é um absurdo (IED) não tem estrutura...não apresentaram

nada...os esgotos na Urca...com o acúmulo de estudantes não vai dar vazão...só temos duas linhas de ônibus e que estão sempre lotados...tem que pedir licença pros meninos da escola porque enchem o ônibus...vai ser muita gente pra pouca linha...aqui é a escola Superior de Guerra...o comércio é muito pequeno... os alunos (do IED) não vão movimentar comércio...e a área de comércio é restrita, não pode expandir. Do lado par é onde havia shows e do lado ímpar era o jogo...mais ou menos 7 horas da tarde a gente passava e meus pais não gostavam...nós não íamos na praia...tinha a impressão que era suja...hoje eu sei que é suja...na parte do jogo eu nunca entrei...só com meu marido mas na parte dos shows...a nossa via de esgoto está velha...a gente fica preocupada (URCA)...quando terminou o Cassino por problema financeiro, não sei, veio a TV Tupi que não agüentou, ficou abandonada. O pessoal da Urca não gostava daquele lugar...a gente que morava se apegava ao lugar...tínhamos que mandar nossas crianças pra fora pra estudar...minha impressão é que todos dormimos sobre isto tudo: que tipo de pessoal que vem pra cá...que problemas até morais...era um bairro tranqüilo. Esse prédio aí eu nem sei...se é do governo ou não...moro há 10 anos na Urca e não tive curiosidade de perguntar nada sobre ele...não tive curiosidade...o dono é o governo? Não sei nada desse prédio...não quero confusão...foi tombado,destombado...foi Cassino...TV Tupi...agora tá tudo quebrado, despencando...era pra ser Museu da Marinha...não sei história nenhuma...há anos que tá assim...o teatro era muito lindo, um espetáculo...foi Chacrinha, Flávio Cavalcanti...uns queriam fazer hotel, depois cinema...e acabou virando asilo de mendigo...vim muitas vezes aqui...a discoteca do Chacrinha...difícil lembrar...isso tá fechado há anos. Não lembro do Cassino...a Urca não era um bairro muito interessante pras pessoas...todos preferiam Copacabana...era um bairro que não tinha nada...é um bairro que não comporta essa mudança (IED)...era um bairro tipo moradores do interior...um bairro muito retraído...mas histórias particulares do Cassino não conheço...era uma atividade restrita: sem muita publicidade, divulgação. Lembro dos meus pais nos trazerem...lembro das chacetes que andavam pelo bairro com aquelas roupas e os meninos ficavam de olho nelas...a gente era menina...mas a água (da praia) era transparente. Eu vim morar na Urca bebê e tudo estava em construção...meu avô era sócio e fizeram o aterro da Urca...quando vim morar aqui em 36 fomos pra São Sebastião, a casa parecia um monstro de grande, hoje ela parece tão pequena. Quando mudamos tinham muitos terrenos vazios...a gente brincava na rua...nas casinhas da praia moravam os artistas de Hollywood...tinha no Cassino uma grande festa de Carnaval regada a confetes de prata...eu ia na casas das artistas e ganhava lança-perfume e confetes prateados...no Cassino eu não podia entrar...as casas eram todas de muro baixo...a família que cresceu na Urca, essa velharia não sai daqui...tinha o lado de lá e o lado de cá do Cassino...lembro daqueles carros que parava, da Carmem Miranda que tinha uma vitrine na casa dela com os sapatos que ficavam na janela e a gente via da rua...Grande Otelo...eu vivia na porta do Cassino...do prédio eu lembro da fachada que era toda luminosa...mas o prédio nunca foi bonito na realidade...não lembro de achar bonito...como estrutura era sem graça...foi construído por uns portugueses...tinha casamentos, festas de carnaval...a Urca já foi muito animada...agora tem esse exército...Teve muito artista que morava aqui, o Zé do Bandolim...e teve muito militar barra pesada que morava aqui também...as casas da Urca eram translumbrantes...eram imensas...meu avô morava num castelo...meus pais não freqüentavam o Cassino...pros moradores era uma coisa proibida...era pra jogadores que podiam ser viciados...eu ficava só na entrada...de todos os meus amigos que eram artistas e músicos

nenhum tocava no Cassino...tinham os ricos da Urca e esses também não freqüentavam o Cassino. Eu não vou à Cassino... não sei onde é esse prédio! Já foi um grande Cassino... depois a Tupi...muito freqüentado. Pra mim não quer dizer nada isso aí...não me afeta em nada...trabalho no bairro há 18 anos e isso sempre foi largado...não ouvi nenhuma história sobre esse lugar. Esse dali? Venho pra cá há 2 anos...só sei que tem um morador lá...ele mora lá há 24 anos e disse que agora querem tirar ele de lá...qual é o fundamento desse prédio? Eu sou antiquíssima, vendo aqui há 20 anos...eu acho certo ser um escola...lembro que vinha Grande Otelo, Dalva de Oliveira...a gente tinha um quarto pra guardar as coisas...nas cabines, mas o Cassino tirou da gente. Cadê? Eu sei que...eu não sei nada sobre ele...era aquela rádio? Vendo cachorro-quente aqui há 20 anos. Eu sei que morava gente em cada cabine e depois foi proibido. Eu freqüentava o cassino...não era pra jogo não...o cassino mandava buscar os artistas estrangeiros, dos Estados Unidos... o Rolas que fundou o Cassino...trouxe Francisco Ortiz Tirado, do México, Sé Morrica...eles vinham cantar no Cassino...eu conhecia o secretário...eu lembro que o fundo do palco vinha da terra...ia subindo e aquela moça mexicana... como se chamava? O palco era todo de espelho, uma espécie de leque de espelhos...a gente passava horas maravilhosas... O Grande Otelo cantava...tinha uma música...Como se chamava? Pra falar a verdade não me lembro do prédio, ia sempre de noite, nunca fui de dia. O salão de jogo tinha o lado dos mais ricos e o lado dos mais pobres...Sé Morrica foi um cantor que cantava maravilhosamente bem...Grande Otelo sempre sem dinheiro...uma época de ouro no Rio de Janeiro...O cassino era uma riqueza, um luxo danado...a sala de jogo dos mais pobres que não tinham cacife chamava necrotério. Nada. Sei que aí funcionava a TV...é antigo, né?! Mas agora...nada...não sei absolutamente nada. Antigamente era a TV Tupi...incrível não tenho nenhuma lembrança nem história...a gente passa ali e tem mendigos...coisa horrível. Parece um castelo...tá abandonado...antigamente esse casarão era um negócio de rádio Tupi...ia ser legal se demolissem...bum! aí ia ter mais espaço pra fazer mais gols (goleiras). Esse prédio tá há anos arreventado...nesse lero-lero nunca arrumaram ele. Vai ser a Escola de Design...um prédio realmente glamoroso...foi um império da televisão...Mário Schemberg (físico) inventou as "super novas" jogando bilhar aí, jogando sinuca...chamou de Efeito Urca...meu avô vinha aqui...ele conhecia pessoas importantes e trazia elas aqui...um prédio tão grandioso...e tudo virou gelatinoso (onde tudo se desmancha). Qual prédio? Não sei nada desse prédio. É um prédio jogado fora...tá acabando com a paisagem...tinha que ter mais coisas bonitas na Urca...isso aí ta enfeitando o lugar...é uma praia sossegada. Bom era tirar esse prédio pra abrir mais a praia...ter mais boniteza...a gente chega aqui e...podia ser um estacionamento...tirar esse prédio fora...isso aqui é bom porque larga as crianças na praia...sem o prédio ia abrir mais a praia. Eu ia lá sempre pra levar turista...era igual ao Scala, melhor que o Scala...tinha vários artistas que se apresentavam de noite...Não freqüentava o teatro...tinha roda de samba...os turistas iam lá...já demoliram aquele prédio? Me lembro mais ou menos...sei que existe...era na avenida, né? Foi coisa que não me aprofundei em conhecer. Não sei nem onde fica...só sei que é na Urca. Não sei nada...eu entrei lá pra dançar...tinha dança, comida, nada mais...não recordo de nada...era só um salão imenso...eu comi uma churrascada lá. O que aconteceu com ele? Ta ainda lá? Fui lá uma vez...uma vez eu joguei...eu gostava muito do Cassino...sei que era muito bom...ganhei 30 reais no jogo. Cassino da Urca era uma noite muito divertida...mas muita gente saía de lá triste, perdia tudo...penhorava até seus imóveis...hoje todo mundo quer ganhar dinheiro sem trabalhar...a paisagem era bonita...era

deslumbrante...mas a verdade é que era muito triste: gente que perdeu tudo no Cassino da Urca...tragédias do jogo...a economia tem que se fazer com trabalho...o Rio hoje é muito maquiado. Nunca freqüentei...mas lembro que era o ponto principal do jogo...jogo não é comigo...mas eu sou a favor do jogo...é um divertimento...não lembro nada do prédio. Naquela época era encontro de cantores estrangeiros...conheci só de passagem...não frequentava...lá não aconteceu nada de importante...era o Cassino da Urca...tipo o Hotel Quitandinha. Eu ia lá mas não como Cassino, quando tinha festa, algum evento...o que me lembro é do Pão de Açúcar...a vista é bonita...eu achava muito bonita a paisagem...a única lembrança que eu tenho é que eu matava aula pra ir no Pão de Açúcar...não sei se existe mais o Cassino...na minha época não me levavam lá...Vão reabrir? Eu acharia bom, pra nós que estamos vivendo com tanta violência...o Cassino seria um lugar pra entrar, se distrair...pena que não conheci. Eu nunca fui lá...não sei dizer nada...nunca fui visitar...fui na Urca umas três vezes...moro há 50 anos no Rio. Quando demoliram? Das minhas amigas ninguém nunca falou nada de ter ido no Cassino ou alguma história de lá. Me lembro do cantor Pedro Vargas...eu gostava de ir lá me divertir...conheci a Madame Siabra...era uma praia...o prédio ficava dentro da areia...Não sei se ele ainda existe. Já calculou se eles revitalizassem aquilo lá?! Como ia ficar o bairro da Urca? Muito valorizado. É um braço de praia...aquilo fica um trambolho...mas fica enfeitando. Eu freqüentava o Cassino...havia o Cassino da Urca, o do Hotel Atlântico e o do Copacabana, mas o da Urca era o melhor, onde tinham os shows...era o grande luxo da classe média...a classe alta ia no Quitandinha...para quem gostava de jogo...uns jogavam e outros ficavam no salão...grandes artistas...o salão era muito bonito...muita iluminação...sempre cheio...minha irmã tinha um irmão que era viciado em jogo, então para resolver isto arrumaram um emprego pra ele: eram umas pessoas especializadas em conhecer as pessoas que tinham dinheiro... para saber quando elas perdiam no jogo se o Cassino podia emprestar dinheiro...através deles se sabia quem prestava na cidade...havia dois irmãos gordos que cantavam e falavam grosserias...tudo muito bem servido...nunca mais voltei lá desde os anos de 44 e 45...conheci o Quitandinha que era de alto padrão...o único que batia o Cassino da Urca em matéria de luxo...a classe rica ia no Quitandinha e a média na Urca, por causa do conforto das salas...Grande Otelo e Oscarito se exibiam por lá...nunca houve nenhum caso de suicídio por causa de dinheiro lá...tinha uma pista dançante em forma retangular...falam por aí que ele tá abandonado...mas pior foi o Quitandinha que têm pessoas pobres que moram lá. Não gosto de jogar...mas minha prima me convidou pra ir lá porque me viu sozinha, sem nada pra fazer e joguei 10 contos e com o dinheiro que ganhei comprei um colar de pérolas que tenho até hoje. Nunca acompanhei na época da TV Tupi...sei que tinha programas mas nunca voltei lá. Historicamente conheço...representava a vida fútil da cidade...jogo e exibicionismo...nunca tive vontade de ir lá...não é minha praia, como se diz. Arquitetura daquela época: nem boa nem ruim...restou o saudosismo da turma da boemia do Rio de Janeiro. Lembro de uma história ocorrida lá mas não quero contar por que é uma pessoa muito conhecida...abutres bonitos...gente ávida por aparecer...querer ser vista...festival de vulgaridade...ali era muito bom pra quem queria aparecer...um repórter ficou muito famoso lá entrevistando peruas...eu sou carioca mas tô muito triste com o que ta acontecendo: o urbanismo foi assassinado no RJ: as favelas são os cortiços que todos adoram na literatura brasileira...é só ler Machado de Assis... interesses escusos definindo o urbanismo. Eu sei onde é...mas não conheci... minha esposa que me fala... era jogo, mas ela nunca freqüentou...já passei por lá, mas sempre interessado em

outro destino, nem observei o prédio. Nunca freqüentei nem conheço ninguém...sei que o ônibus passa por baixo. Era um prédio imponente...me lembro das cores: amarelo claro, cor de areia...eu nunca freqüentei... mas era muito bem freqüentado...alta sociedade...eu passava lá pra ir na praia que era tranqüila...tudo que era show acontecia lá...depois passou a ser do Diários Associados...aí eu fui ver um show e o prédio continuava o mesmo...era um ponto chic e de gastar dinheiro...aí fecharam...eu sou de Minas e lá tinha muito Cassino e tudo ficou decadente...hoje tudo é clandestino...eu conheci o Dutra: um grande presidente. Moro há 53 anos no Rio de Janeiro...eu ouvi falar que vão revitalizar...mas nunca ouvi nenhuma história daquele lugar...não tive dinheiro nem pra ir visitar...só iam os que tinham dinheiro...vão reativar e isto é o que tem que ser feito. Lembro de muita coisa de Carmem Miranda...aquilo era uma beleza da minha época...deu muito emprego pra muita gente...muita alegria...eu ia na praia e via a entrada dos artistas, mas não podia freqüentar por causa do meu marido, mas eu queria. O prédio é o mesmo que era, não mudou nada...a mesma fachada...eu adorava...não mudou nada no prédio...tinha aquela parte que ligava os blocos lá em cima. A Urca quando tinha o Cassino tinha vida, agora não. Moro aqui desde 50...me lembro que foi um grande Cassino...era um canto da Urca, naquela praiazinha...passava por baixo...teve o almirante que não era músico mas freqüentava...era um prédio de 3 andares, ficava de costas pra praia...o prédio ainda existe, não tiraram nada. Não freqüentava, só olhava, mas não lembro de nada, nem do prédio. Não lembro nada...tinha a antiga TV...funcionou na época do Dutra que fechou...perdeu muito com a proibição...lembro dos shows da Carmem Miranda...na Urca o pessoal nasce e morre lá...quando estudei na Praia Vermelha já tava abandonado...eu sou favorável ao restabelecimento dos Cassinos, embora eu não jogue...a época gloriosa foi durante o jogo...eu lembro do Quitandinha que ficou decadente. Eu lembro que existia...era um passeio que a gente gostava de fazer...eu era menina...lembro do prédio que tinha um tunelzinho que os carros passavam por baixo...e naquela época garota era menina mesmo, infantil...a Urca era um lugar sossegado...mas dentro nunca entrei...era um prédio redondo...hoje é um negócio que fica ali apodrecendo. Eu lembro da TV Tupi...tinha o programa da Chacrinha...não é muita coisa que lembro...tinha as casinhas (cabines)...tem uma pessoa que mora ali...dizem que ele é P2, policial secreto...no tempo da TV o único tumulto que acontecia na Urca era ali...mas a TV foi ficando decadente...teve a proibição do jogo...teve um Cassino em Lambari que funcionou um dia...agora o lugar ta degradado...lembro das filas pros programas...as cabines na verdade eram invadidas por qualquer um...parece que o projeto que vai ser feito (IED) não é original.

Narrativa do Engenhão

Antigamente isso aqui era da rede férrea, passou a ser Super-via. Era uma oficina de reparos de trens da Central...eu vi fazerem isso aqui...eram galpões onde eram consertados trens...vagões abandonados porque a ferrovia não se interessou mais. Você sabe que o Maracanã era pra ser implodido e então iam levantar lá esse estádio. Eu gosto tanto desse lugar e me fugiu o nome....ah! João Havelange...esse lugar é um sistema pra eternizar ele. Eu trabalhei lá...nada acontecia...era uma oficina... Não adianta dar um prato de comida grande que você não consegue comer...então eles fizeram esse bicho.. como chama? Pegaram um pedaço do terreno...uma área enorme inaproveitável! O campo tem quatro entradas...só que no meu entender ficou um vazio muito grande e foram enchendo de ferragens...que utilidade tem isto? Só pra encher o espaço vazio. Se fizerem um levantamento tem gente que vai pegar 100 anos de prisão, de tanto que roubaram material: cimento, ferro...não é uma obra de primeira qualidade...aqui não tem jogos, se for jogo pequeno dá prejuízo, se for grande não comporta...só teve joguinho de brincadeira. Meu pai era comunista. Os prédios eram pros trabalhadores da Central e foram leiloados, foi um cambalacho: a Central fez um jogo que os prédios que foram construído em 1940 era vendido como se foi construído em 1960. Tinha uma oficina Trajano de Medeiros que era subsidiada da Central...tinha um time de futebol o Adélia e o Engenho de Dentro. Mas tudo era uma imundice. Este Estádio foi uma pilantragem. Eles diziam que iam derrubar as casas pra fazer uma avenida, mas eles não têm dinheiro nem pra papel higiênico. Deram pra Botafogo... constroem e dizem que é do Botafogo, mas o dinheiro foi de quem? Tem uma escola pública, botaram um muro no Engenhão e ela ficou lá. O Engenhão não é usado mesmo. Não existe evento nenhum. E depois da obra tem falta de água nos apartamentos. Tranquilo, sem grandes comércios...até hoje não vi novidades com esse museu (Engenhão)...é um elefante branco. Sempre foi tranquilo...tinha um campo de futebol...festas...carnaval...agora o Rio de Janeiro a gente não sabe quem é quem...era um bairro de ferroviários...era um cabide de emprego. Tinha uma rede ferroviária, um museu. Não sei nenhuma história...era negócio de trem. Tinha uma oficina de trens...não acontecia nada lá...vários trens parados com policiais que muitas vezes faziam olhos fechados pros roubos...tinha um campo de futebol mal utilizado...a comunidade não conseguia usar...com o Engenhão a gente acredita...o bairro melhorou, tem gente circulando...quem pintou os arcos (estrutura metálica do Engenhão) foram alpinistas!...os arcos mudam de lugar, acho que cedem com o calor, e os técnicos vem aqui arrumar. A infância que passei aqui. Eu era mecânico e trabalhei aqui quase 20 anos, de 4 de setembro de 1979 até 1998. Depois da privatização, o Fernando Henrique (presidente na época), tudo foi vendido e parei de trabalhar aqui. Era tudo muito bonito. As grandes máquinas, os grandes motores... faziam até os sinos dessas igrejas, de bronze, aqui. Sinto saudades daquela época. Se não tivessem construído o estádio, isso aqui já teria se transformado num favelão. Agora, quando não tem jogo aqui, fica tudo abandonado. Nem a polícia aparece. Acho que a área foi valorizada, mas a padaria ali na esquina faliu. Foi uma ilusão pensar que todo comércio iria se manter por causa do Engenhão. Tem um projeto aí de construção de um shopping de um grupo português. Isso sim iria melhorar a área de verdade. Horrível. Não tinha nada. Não era movimentado como é hoje. Melhorou bastante. Até agora mudou entre aspas. Eu achei que ia ter mais movimento, daqui a pouco vai ficar destruído porque não tem nada. Teve um desenvolvimento melhor, mas não tanto. Em volta não mudou muito. Acúmulo de

rato, bandidagem e o roubo com autorização dos funcionários. Hoje ta bom. Antes era horrível, abandonado. Não acontecia nada por aqui. Acho que daqui pra frente não vai melhorar muito não. Acho que piorou. Aumentaram os assaltos. Meu tio e avô trabalhavam lá...tinha futebol lá dentro. Tinha o grêmio recreativo, com salão de festas que alugavam, mas fecharam. Depois ficou tudo abandonado. O pessoal passou a pular o muro para jogar bola no campinho, soltar pipa em cima dos trens. Agora parece estádio fantasma. O que tinha ali era mato e casa velha. Tinha trem velho... uma garagem de sucata...e mato...e muitas casas antigas. Somos moradores daqui e temos curiosidade, se planejam fazer alguma coisa...se for de bom a gente fica alegre...nós não sabemos de nada. Era negócio de trem...era tipo museu...conserto de trem. Só que tem um porém: ta abandonado, vão transformar em shopping...tem muita sujeira que cai no Estádio porque tem muita árvore e ninguém pra limpar...e tem cachorro também. Uma rede ferroviária abandonada. Era um lugar abandonado...tinha um clube de idosos, um museu e muito trem velho. Era um terreno da rede ferroviária, um depósito de trem, um terreno grande cheio de trem...tinha um campo de futebol...uma vez ou outra. Era negócio da ferrovia, trens que tavam pra consertar....que não tavam funcionando. Ninguém invadiu nada, era um terreno vazio da ferrovia, não acontecia nada. Ah, quando penso nisso aqui, penso em prejuízo. Não tem vida comercial em torno do estádio, não. Quando não tem jogo, isso aqui fica morto. Quando tem jogo, eles só abrem as saídas onde não tem comércio. É uma brincadeira. As pessoas que moram aqui dizem que a área foi valorizada, mas eu não vi valorização nenhuma. Depois do Pan, esqueceram disso aqui. Prometeram muito e não cumpriram nada. Prometeram até um shopping com hotel e tudo aqui na frente. Prometeram um viaduto, alargamento das ruas e nada. O pessoal que trabalha aí até comentou que o estacionamento afundou. É um descaso só. Tudo feito pra inglês ver. Pelo menos, ficou mais bonito que antes. Antes, era só trem velho. Era um pouco deserto. Tinha muitas fábricas, casas. Não tava nada abandonado. O pessoal ainda trabalhava aqui na oficina dos trens. Pra mim, piorou. Eles não cumpriram nada do que disseram. Na prefeitura diz que eles compraram tudo, mas não é verdade. Minha casa é agarrada no Engenhão. Agora é que ta tudo abandonado... perdemos acesso de ônibus, agora só tem trem. A criminalidade piorou muito e só tem policiamento em dia de jogo, quando a rua fica animada. Pessoal vem de fora pra assaltar. Nego passa aqui e faz a limpa. O comércio só tem lucro em dia de jogo, fora isto fica mortinho. A segurança foi só pros estrangeiros do Pan. Tem seqüestro, arrastão...é brabo. Acho que isto só vai piorar. Se lá na Copa tiver jogo aqui aí vão voltar pra derrubar tudo e querer melhorar o estádio. Antes, acho que era melhor. As pessoas eram mais unidas, eu acho. Tinham residências aí, além dos ferroviários. Acabou tudo com a obra. Essas pessoas foram todas embora. Tinham eventos para o pessoal da ferrovia, do bairro. As crianças gostavam de brincar lá dentro. Acabou com o comércio, também. Ficou faltando emprego aqui. Agora, ta voltando, já. Mas, melhorou o ambiente, o visual, as calçadas. Segurança, só em dia de jogo mesmo. Em dia normal, os maconheiros vivem aqui. A expectativa pro futuro é grande, né? Mas, o pessoal não ta acreditando muito, não. Quando construíram tudo, não pensaram em ninguém daqui, só nos turistas. Antigamente, era muito pior. Era só rato, barata. A obra valorizou muito toda a região. Foi muito bom para comunidade. Eu nunca tinha visto isso aqui assim. Antes, a gente era o cu do Engenho de Dentro. Agora, a gente é o pescoço. Daqui a pouco, a gente vai ser o rostinho bonito. Pode apostar. A construção do Engenhão não melhorou nada, não. Isso aqui só é bom em dia de jogo. Tem muito assalto. A gente não se sente seguro. Acontece que antes não tinha

nada e agora, pelo menos, tem um estádio, né? Mas, falta segurança. Outro problema é que só fica fechado, a comunidade nunca usou as instalações pra nada. Espero que melhore no futuro, mas eu não acredito. Ta melhor por causa do estádio. Antes, só tinham as casas e a ferrovia. Era tudo abandonado, muito parado. A segurança não melhorou muito, a polícia só vem na hora dos jogos. Agora, tem mais movimento também. O pessoal da comunidade gostaria de usar o espaço do estádio, mas não usa. Ela não interage e ele fica fechado. O shopping tem que sair. Transformar esses galpões aí em espaço cultural, com teatro, cinema, restaurante. Para o comércio, a curto prazo, a construção não foi legal. Mas, o visual melhorou muito, o público aumentou, então deve ser bom a longo prazo, eu acho. Era de guardar ferros velhos de trem...galpão velho de trem...linha de trem parado...só vi pela televisão, não conhecia. Era um negócio de pintura de trem... que consertava trem...tinha um campo, os funcionários podiam jogar, tinha vestiário...depois acho que ficou desativado...a gente ficava brincando de polícia-ladrão nos trens. Tinha pé de melão, manga, bambu. Falaram que ia ser um shopping ou faculdade.No final de semana as pessoas vinham soltar pipa...tinha gente que ficava ensinando a dirigir carro...tem um trem que Getúlio Vargas viajou (no museu). Uma rede ferroviária...uma oficina que tava desativada...chegaram a trabalhar lá até 4000 pessoas, de dia e de noite. Aquelas palmeiras eram centenárias, ali não tinha prédio, pelo contrário, campo aberto. O Botafogo não deixa ninguém entrar. Os meninos ficam brincando na frente de skate, bicicleta. Ali era locomoção, oficina ferroviária, o pessoal fazia serviço...consertava trem. Meu pai foi funcionário dali...naquela época tinha um campo de futebol. Agora resolveram isso aí...nem sei o que é isso aí...acabou a rede ferroviária, agora não sei o que é. Era um terreno da linha de trens...terreno deles...era um terreno...eles usavam para fazer reparo. Era o depósito de trem...era tudo fechado...tinha uma parte murada e outra quebrada...umas casas...não tinha como usar o lugar, não servia para nada. Era uma grande oficina da Estrada de Ferro Central do Brasil, celeiro de operários, muita gente...11 horas saia todo mundo pra almoçar, a rua ficava cheia. Meu pai trabalhou ali, tinha uma escola de música pros funcionários que eu estudei. O Estádio é isso aí...esse gigante...só em dia de jogo. Durante a semana ta aí esse monstro parado aí...diziam que ia ter um shopping. Era negócio de trem...aquelas locomotivas antigas...nunca aconteceu nada lá...falavam que tinha uns favelados que iam ocupar depois que tiraram os trens. As vezes tem jogos aí. Oficina, sucata, lixo, entulho e vagabundo, bandido escondido dentro do vagão...abandonado total...agora: celebridades! Só que podia funcionar mais, funciona pouco. A oficina de trem já não existia mais quando eu vim trabalhar aqui. Só tinha o posto do DETRAN mesmo. Acho que a estrutura do bairro melhorou muito com a construção do estádio. O movimento de pessoas aumentou muito. Vem até turista aqui agora. A área ficou mais valorizada, com certeza. Chato é que segurança aqui não existe, só em dia de jogo. Em dia normal, fica tudo abandonado. Tem um carro de polícia aí na esquina hoje, só porque vocês vieram fazer entrevista. Os bares tavam todos fechados e abriu tudo de novo com as obras. Depois que o Pan acabou, faliu tudo de novo. Falta ter mais jogos, mais shows. Não acredito que eles vão levantar esse shopping aí, não. Mas, se vier, vai melhorar da água pro vinho. Acho que, mais cedo ou mais tarde, isso aí tudo ia virar uma favela. Melhor ter um estádio desses do que uma favela. Depois do Engenhão, melhorou porque tem mais gente. É mais bonito, mais seguro. Acho que valorizou tudo aqui. Agora, todo mundo lembra do Engenho de Dentro por causa do Engenhão. Antes, eu lembro só que era tudo abandonado. Tinha um posto do DETRAN e uns trens velhos aí. Era só um depósito de trem abandonado, antes. A

comunidade não utilizava nunca. No começo, a construção do Engenhão parecia uma boa. Mas, depois, acabou não valorizando a área nem trazendo grandes mudanças. Acho que era o museu...se não me engano era o museu...passava de trem por lá e olhava, dificilmente parava. O tempo que eu viajava de trem aqui tudo pertencia à Central do Brasil...as oficinas...anunciavam nos alto-falantes quando o trem estragava...era uma coisa muito boa...muito importante, embora criaram uma outra envergadura, pra diversão...aquilo tava obsoleto. Não sei de nada. Moro muito longe. Onde hoje é o Engenhão era antes a rede ferroviária federal, era um depósito da rede. Eu já entrei lá uma vez para pegar dormentes de estrada de ferro. Quem não entra só via um muro...havia uma parede e você passava pelo lado...só quem entrava é que via a linha de trem...como toda a linha de trem. Eu só passava por um lado da linha e não conhecia o outro...agora ainda tem linha...a estação de trem era na linha mais importante linha do rio, linha Central-Deodoro, as outras que vão para outros subúrbios como Leopoldina são consideradas linhas auxiliares, que vai para outros subúrbios. Na minha época a linha da Leopoldina iria para lugares menos chiques. Já a linha da central ia para lugares mais "chiques". Passei todo o meu científico indo de trem da minha casa para a escola técnica. Hoje está degradado. Era como o metrô. Tem a escola técnica por lá, na mesma linha...ficava no maracanã mas na mesma linha. Na minha vida de estudante eu ia do Riachuelo para a zona sul e para a tijuca nunca do Riachuelo para trás... só muito eventualmente quando eu ia visitar minha tia. Estação de trem no subúrbio é um marco fabuloso porque você não pode atravessar facilmente porque tem que ir lá longe onde tem túnel ou ponte para atravessar e devia saber exatamente onde havia túnel e ponte. Ir de um lado para outro às vezes era contramão e exigia um contorno. O Engenhão é legal, diferente. Bonito com aquelas tubulações. O jornal disse que é um dos estádios mais modernos do Brasil, mas não está claro pra mim o que é moderno. Eu gosto do maracanã, mas dizem que não é moderno... mas ninguém sabe explicar o que seria considerado ser moderno. O que é ser moderno? Deve ser ter cabine de televisão, acesso? Maracanã só tem dois acessos e lá tem mais. Esses são os quesitos de comparação. O Maracanã só tem duas rampas. Eu queria ir ver. Ontem teve jogo lá. Acho que o Botafogo quer comprar o Engenhão. Não sei de histórias sobre aquele lugar... engenho deve vir de açúcar, mas não sei o motivo de ser "de dentro"... tinha o engenho novo, perto de onde eu morava. Hoje não sobrou nada desse passado. O lugar? Tinha um museu ferroviário lá, foi demolido. Sei que hoje dá problemas de estacionamento em dia de jogo. É uma coisa burra colocar um estádio tão perto do Maracanã, já que o Engenhão nem suporta a torcida do flamengo toda. Só serve mesmo para o Botafogo jogar com um timezinho pequeno. O pessoal que foi lá gostou da arquitetura porque é do tipo La Bambonera, estádio do Boca Junior da Argentina, ou seja, dá até pra acertar garrafada no juiz se quiser. Eu desconheço história do bairro. Agora não sei não. Era um terreno baldio que tinha lá...a prefeitura comprou e fez o estádio. O estádio é muito bonito, uma cobertura de luxo...primeiro mundo...melhor que o Maracanã. Nem perto cheguei lá. Não conheço não. Onde fica mesmo? Bom Sucesso? Era oficina de trem. Por isso que tem uma rua lá do lado Rua das Oficinas. Lá só tinha isso...há muito tempo...desde que eu nasci...moro lá perto. Tô pretendendo ir lá no sábado: Flamengo vai jogar...quero ver se é bonito ou não. Onde teve as Olimpíadas? Onde teve aquelas obras? Para-Pan? Só conheci o Engenhão depois que fizeram o estádio...antigamente não. Já ouvi falar muito na televisão e no jornal...mas nem sei pra que lado fica. Já ouvi falar...mas nunca fui lá...é sede do Botafogo. É um estádio de futebol...agora é do Botafogo...antes tinha posto de vistoria

do Detran. Era da via férrea...manutenção dos trens...tinha um museu...um depósito...onde tudo era consertado...tinha uma linha férrea que entrava lá dentro. Da minha casa eu escuto os gols...tem a Rua das Oficinas...moro na Abolição. Ali era um depósito, um galpão da Central do Brasil...foi um empreendimento do governo federal que torrou pra Flumitrens e depois pra Super-Via...era uma oficina de trens...eles terceirizaram e não deu certo, aí o governo veio e "jantou"...fizeram um "engana bobo", um bocado de ferro...aquilo era pra ser hospital, que nem a Cidade da Música: dinheiro torrado...e aquela Estação Engenho de Dentro ficou esquisita, meio morta...matou o bairro. Na época do Pan a composição dos trens mudou toda pro pessoal que vem de fora...diziam que podia ter terrorista na linha! Com a obra do Engenhão ficou morto...nem carro passa lá...ficou uma área morta. Eu trabalhei ali perto...todas essas áreas que fizeram pro Pan ficaram mortas. A pior coisa que fizeram na história do Rio de Janeiro foi o Engenhão. Eu sei da estrutura que é muito boa...mas que o trânsito fica ruim e a galera não consegue ir...eu conheço o Maracanã...lá não. A única coisa que sei é que fica perto da casa do meu primo...mas eu nunca passei lá...fica perto do Méier. Eu via a obra sendo feita...passava por lá e via...já sabia que iam fazer um estádio...eu ia jogar bola ali perto. Muito pouco...tinha casas ali...do lado ali tinha um galpão da ferrovia...era uma parte que não despertava curiosidade apesar de eu morar ali perto...agora ficou mais iluminado pra transitar. Foi construído pro Pan...ouvi falar que a torcida do Flamengo ia depredar. Não sei o que é.

Momento 5) Narrativa Metafórica do Cassino da Urca

O Antigo Cassino da Urca era um lugar proibido para alguns, inatingível para outros. Um lugar do qual se *morava bem longe* dele, que não se tinha *dinheiro nem pra ir visitar*. É um lugar do qual *não se participava*, que *não se podia freqüentar*, *só se olhava*, embora se quisesse (*mas eu queria*) e *fosse bem freqüentado*. É um lugar dos/para outros: *artistas estrangeiros*, o *almirante*, a *alta sociedade*, *pessoas importantes*, *turistas*. Era um lugar em relação ao qual se está do “lado de lá”, afinal, era o lugar (proibido) do *jogo*, *ponto principal do jogo*, ele não era o destino das pessoas que iam à Urca: era um lugar *de passagem*. Ele sempre esteve *de costas pra praia*, *fechado pra Urca*. Mas também um lugar para quem era do “lado de lá”: um *ponto chic*, onde se *ia gastar dinheiro*; seu *prédio* foi *jogado fora* justamente porque foi um lugar (usado) por/de gente do “lado de lá”: *gente ávida por aparecer*, *abutres bonitos*, *jogadores viciados*, *pessoas que cantavam e falavam grosserias*; lugar ocupado por *interesses escusos*, lugar-vítima do *festival de vulgaridade* que lá se abrigava. Lugar da *vida fútil da cidade*, lugar de *jogo e exibicionismo*; lá onde *pros moradores era uma coisa proibida*; lugar do *tempo dos jogos*, e deste lugar *não se tomava conhecimento*. Lugar sem-dono (*nem sei se é do governo ou não é do governo?*), que era *invadido (as cabines) por qualquer um*, onde *queriam fazer hotel*, depois *cinema*, que foi *tombado*, *destombado*, que o dono do Scala já quis comprar. Lugar que representa o *descaso com a Urca por aqueles que dormem sobre isto tudo* (sobre o que lá acontecia ou acontece), por aqueles que (estandodo lado de lá da Urca) *não sei nada daquele lugar*. Ele é uma ameaça *àquela gente que se preocupa com a Urca* (que está do “lado de cá”), ameaça para uma Urca (*aqueles que moravam*) que *se apega ao bairro* e que se pergunta: *que tipo de pessoal (projetos arquitetônicos e urbanísticos para novas ocupações para o prédio) que vem pra cá? Que problemas até morais ou financeiros* (assim como os outros que já ocuparam o lugar) *poderão ter e trazer a esta comunidade que quer ficar longe de confusão*, que vê a si mesmo como um *bairro tipo moradores do interior*? Lugar *decadente*, que assim ficou devido ao seu caráter clandestino; sua ocupações sempre pouco *transparentes (atividades restritas, sem divulgação e publicidade que lá aconteciam, o roubo e a má gestão)* o faziam um lugar *maquiado*, onde mesmo depois de *fechado pela proibição do jogo*, mora ali (clandestinamente) *um P2, um policial secreto*. Lugar de “jogo”, de *pessoal que vem na Urca pra fazer baderna, da barra pesada da Urca, dos problemas da violência e dos horrores* que até hoje (*na atualidade*) *persistem neste bairro*. Deste lugar e de sua clandestinidade o *pessoal da Urca (a gente, aqueles que estavam do lado de cá da Urca e do lado de lá do jogo, para quem jogo não é comigo) não gostava* e, diferente do *saudosismo da turma da boemia*, teme que neste lugar venha se perpetuar, com as propostas de reformas do prédio, essa *coisa de doido* que acompanha a vida do lugar. Afinal, foi um lugar onde *muita gente saía de lá triste*, lugar-abrigo das *tragédias do jogo*, onde se *perdia tudo*, de *gente que perdeu tudo*; um lugar- *necrotério* da cidade. Ele foi o

lugar que não conheci, o lugar que minhas amigas, que minha esposa, que a gente não freqüentava, que a gente nunca se interessou, nunca teve vontade de ir, e neste distanciamento ele foi ficando abandonado (ou parecendo abandonado como todo Castelo). Lugar estranho; como um castelo, era uma fortaleza: ficava lá, no alto, distante, do lado de lá, e desta distância, para quem estava do “lado de cá” ele parecia um Grande Cassino, um império da TV, o melhor, de alto padrão – inatingível, distante. Lugar misterioso, sua estrutura cria um dentro, que eu nunca entrei. Ele era um lugar dividido: a parte que ligava os blocos lá em cima, era um prédio de três andares, tinha o salão do jogo e a parte dos shows; e ele dividia: o lado dos mais ricos e o lado dos mais pobres, o lado de lá e o lado de cá, os que freqüentavam e os que não freqüentavam, os que tinham dinheiro e os que não tinham dinheiro, classe média e classe alta. Como num castelo, os mundos distanciados, mas interdependentes do príncipe e do plebeu estavam ali “especializados”. Ele também dividia a temporalidade do bairro: a noite era a sua hora, quando o bairro dormia, ele aparecia; lugar no qual os artistas se apresentam de noite, a noite lá era muito divertida. Nesta hora, a magia do lugar aparecia: não uma magia do encantamento, mas a magia do desconhecido, do Efeito Urca e a força (misteriosa, estranha, mágica) das bolas de bilhar. Seu prédio era imponente: seus salões enormes, muito bonitos e muita iluminação, seu teatro que era um espetáculo e sua pista dançante em forma retangular, tudo nele fazia lembrar o show que era a Urca: a grande festa de carnaval ou a casa que parecia um monstro de grande, as edificações no bairro translumbrantes e enormes, o mercado todo de azulejo português, a casa construída por um general francês que trouxe tudo da Europa; ele era um casarão da época de ouro, da época gloriosa, de luxo e de riqueza. Era o lugar no qual o fundo do palco vinha da terra – novamente, magia e show. Lá aconteciam as atividades mais triviais como cursos, oficina mecânica, antiquário; um lugar que gerava emprego, um lugar em que se ia, em que se faziam e consertavam coisas, um lugar onde se foi morar, onde se colocavam as crianças, onde se levava os filhos, se ganhava (máquina de costura, dinheiro, colar de pérola) e se guardava coisas; era um lugar que se usava (as cabines). Ele estava do “lado de cá” do bairro e da vida das pessoas, integrado ao seu entorno e à rotina cotidiana que ali se dava: um lugar que foi fundado e que funcionava. Ele “pertenceu” ao bairro e à vida das pessoas enquanto Balneário (quando havia a piscina onde se colocavam as crianças), enquanto Cassino (que gerava emprego, onde se ganhava dinheiro) e enquanto TV (onde se levava os filhos e se ia nos programas de auditório). Mas também pertencia ao bairro e à vida das pessoas acima de tudo enquanto lugar-abrigo para apropriações no bairro: suas cabines eram usadas para guardar coisas dos vendedores ambulantes, nos seus espaços internos aconteciam cursos e outras atividades comerciais provavelmente desenvolvidas pela comunidade local; as cabines que outrora foram usadas pelo salva-mar do Balneário viraram moradia daquele que se apropriou do lugar uma vez que tomava conta e tirava a vagabundagem de lá. Na sua condição de abandonado, o lugar ficava do “lado de cá”. Mesmo que os artistas fossem estrangeiros, de Hollywood, dos Estados Unidos, do México, é das pessoas, de seus nomes e de suas músicas que ele faz

lembrar: Chacrinha, da Carmem Miranda, do Flávio Cavalcanti, do Zé do Bandolim, do Zé Morrica, da Henriqueta Brieda, Dalva de Oliveira, Francisco Ortiz Tirado, Adélia Fátima, João Silvestre, Madame Siabra. Ou esquecer: do nome da moça mexicana ou da música que Grande Otelo cantava (como se chamava?). Lugar de show, nele aconteciam os programas ao vivo. Ele estava do “lado cá”, junto à vida e à realidade. As cabines eram um quarto pra guardar as coisas, tinha aula na praia junto ao prédio, as chacetes andavam pelo bairro, os sapatos de Carmem Miranda ficavam na janela da casa dela e a gente via da rua. Ele era uma continuidade do espaço doméstico e do espaço público do bairro; afinal de contas, ela era um braço da praia e ficava dentro da areia. Ele era uma construção duradoura no bairro, tanto que quem olha pra ele ainda pode ver o conjunto de pedras que formavam a piscina, mas era também uma paisagem neste bairro, ele era amarelo como a areia e redondo; seus contornos e sua nitidez eram definidos por esta imagem paisagística do seu entorno; ele compunha a vida e a paisagem da Urca: junto dele estavam a praia, o Pão de Açúcar, a areia, as ruas, as casas (as casinhas da praia onde moravam os artistas, aquelas outras de muro baixo). Ele estava, antes de tudo, na Urca, nesse bairro calmo, tranqüilo, sossegado, retraído e que não tinha nada, nesse bairro sem importância. Naquela Urca família, apagada, cuidada, onde a água da praia era transparente e onde a gente brincava na rua. Mas também na Urca animada, divertida, das festas e da alegria. E por continuidade, ele era um pouco isto tudo: ele fazia parte da vida da Urca, tanto naquilo em que a vida tem de simplicidade (dança, comida e nada mais, só um salão imenso) quanto naquilo que ela tem de en(canto)da Urca: é o lugar em que se cantava maravilhosamente a vida da Urca. Lugar das melodias (o Canto) da Urca (já fiz muita música pra Urca). Ele era uma vista muito bonita, indistintamente Urca, paisagem, praia, prédio. Lugar do show (do bairro, da vida). Lugar do en(canto) da inocência atrevida da infância, onde não podia entrar, que não me levavam mas que eu vivia na porta espiando, quando se ganhava confetes de prata e lança perfume das artistas de Hollywood, quando os meninos ficavam de olho nas chacetes, quando se matava aula; o lugar do tempo em que a gente era menina, do antigamente, na minha época, naquele tempo em que se brincava na rua, em que as casas eram de muro baixo, em que havia botequins, banda na rua, comércio e terrenos vazios. Lugar-cenário da fantasia, onde o palco era todo de espelho e vinha do fundo da terra, onde o elefante não passou na porta e havia um tunelzinho em que os carros passavam por baixo, onde se fazia novela e O Céu é o Limite, lugar da Grande Chance. Lugar do lúdico, do passeio que a gente gostava de fazer, onde se ia pra dançar, jogar, onde aconteciam as festinhas e os casamentos. Havia um en(canta)mento com/neste lugar legal, beleza da minha época, que se gostava muito. Pena que não conheci! Mas era também um lugar pesado: era forte (grandioso), mas lento (nunca mudou). Há uma durabilidade marcada naquele lugar, ele está lá apesar das muitas coisas que aconteceram e passaram por lá, ele nunca mudou, ele é imponente em sua permanência, ele é forte em sua resistência. Mas é com esta mesma força que ele é arrebatador, ele arrebenta com o bairro, ele acaba com a paisagem; ele é a figura do excesso: ele movimenta

(excessivamente) carros e pessoas, ele está *lotado*, ele tumultua. Mas ele é também frágil, ele *não tem estrutura*, ele está *despencando e apodrecendo*. E juntos, força e fragilidade trazem a sua vulnerabilidade: ele não se sustenta e *não vai dar vazão*. Assim, o lugar, ora forte (o algoz), ora frágil (a vítima) é um enigma. E esse enigma, sempre desconhecido (e temido) em parte, é como um elefante branco que fica na estante da sala, *abandonado*, que *nunca arrumaram ele*, mas que deve ficar lá (em sua imobilidade), mesmo *quebrado* ou infectado (com *foco de dengue* ou *cheiro de urina*), ainda que sem função (*ele não afeta em nada*). Afinal, o elefante branco é místico, ele é a boa sorte (duvidosa) da casa/Urca. Enquanto lugar excedente, ele traz *impacto* (urbanístico). Como lugar enigmático, ele traz a incerteza (*o projeto não é original*). Enquanto ao lugar contraditório, é lugar de lá e lugar de cá, é lugar de jogo e lugar de show; é a contradição daquilo que é um trambolho que *enfei(t)a* o bairro.

Narrativa Metafórica do Engenhão

Antes do Engenhão havia um lugar abandonado pelo/através do descaso, da imundice, da pilantragem, do cambalacho, da bandidagem, da mentira (na prefeitura diz que eles compraram tudo, mas não é verdade), do roubo e do engano (eles não cumpriram nada do que disseram); era um abandono que destruía, que para(do)lisava e que marcava o lugar com a iminência desta destruição. Com a obra tudo acabou: o comércio, a água nos apartamentos, o emprego, o grêmio recreativo; foi a “morte” do lugar. Por causa deste abandono o lugar era horrível, lá não acontecia nada, era só rato e barata. Era lugar da sucata, do lixo, do entulho. Neste processo de abandono, tudo foi vendido e as pessoas todas foram embora e deixaram seus trabalhos. A comunidade se afastou do lugar, não se sentia segura. Há uma iminência (monstruosa) de abandono que marca o lugar: mais cedo ou mais tarde isso aqui tudo ia virar uma favela ... se não tivessem construído o estádio isso aqui já tinha se transformado num favelão...daqui a pouco vai ficar destruído porque não tem nada...falavam que tinha uns favelados que iam ocupar depois que tiraram os trens... a construção do Engenhão não melhorou nada... era pior, mas agora é que tá tudo abandonado ... só vai piorar. Os vestígios do abandono e da destruição assombam as significações e expulsam a vida do lugar. Uma voracidade devastadora fez a “monstruosidade” do lugar: ele é brabo, com ele a criminalidade piorou, tem assalto, seqüestro, arrastão. Ele é um lugar pesado, afunda, e “mata” (o bairro, a cidade): bares abrem e fecham e abrem novamente, faliu tudo ...vão derrubar tudo. Ele tem a desproporcionalidade de um “monstro”: um prato cheio de comida que não dá para comer ... um vazio muito grande que foram enchendo de ferragens ... uma área inaproveitável se fizessem um levantamento tem gente que ia pegar 100 anos de prisão de tanto que roubaram material ... Eles diziam que iam derrubar as casas pra fazer uma avenida quando não havia dinheiro nem para o papel higiênico... se for jogo pequeno dá prejuízo, se for grande não comporta. Ele é desproporcional, seus movimentos abruptos e (quase) involuntários dotam o lugar de uma espécie de vida própria, autônoma, que deixa os agentes da cidade (moradores, andarilhos, usuários) como em permanente compasso de espera passiva. Seus arcos mudam de lugar, sua estrutura é mutante, ele movimenta-se silenciosamente (é um “monstro parado”). Frente a esta ação silenciosa, ele fica abandonado, as pessoas dele se afastam... elas não sabem de nada... “nem sei o que é isto”, “agora não sei o que é”, “como chama? Ele é estranho, um bicho afinal, e gigante. É um lugar abandonado também pelo/através do desinteresse (vagões abandonados porque a ferrovia não se interessou mais) ou de interesses “outros” (Deram pro Botafogo... e ele não deixa ninguém entrar...os prédios eram pros trabalhadores mas foram leiloados...a segurança foi só pros estrangeiros do Pan... quando construíram tudo, não pensaram em ninguém daqui, só nos turistas), do equívoco (você sabe que o Maracanã era pra ser implodido e então iam levantar lá esse estádio), da insignificância (eu gosto tanto desse lugar e me fugiu o nome ... eu trabalhei lá...nada acontecia...era uma oficina), do esquecimento (depois do Pan, esqueceram disso aqui), da não/má utilização (um campo de futebol mal utilizado). O abandono foi, acima de tudo, o de sua disfuncionalidade, afinal ele era o lugar (dos trens) que não tavam funcionando, ele é um sistema para eternizar uma pessoa, só que podia funcionar mais! Ele funciona pouco...não é usado mesmo... não existe evento nenhum ...a comunidade não conseguia usar... não tinha como usar o lugar, não servia para nada...uma oficina

desativada.... quando tem jogo, eles só abrem as saídas onde não tem comércio. Ele é disfuncional: o campo tem quatro entradas, mas ficou um vazio muito grande...que utilidade tem este lugar (elefante branco)? Ele era uma área enorme, mas inaproveitável! Uma oficina com vários trens, mas parados. Sua existência sempre foi pesada: ele foi um terreno cheio de trem... ele é isso aí, esse gigante... só que tem um porém (é bom, tem segurança, movimento e lucro, a rua fica animada)...só em dia de jogo, teve um desenvolvimento, mas não tanto...até agora mudou entre aspas. Seu abandono decepciona: a área foi valorizada, mas a padaria ali da esquina faliu... no começo, a construção do Engenhão parecia uma boa, mas depois acabou não valorizando a área nem trazendo grandes mudanças...eu achei que ia ter mais movimento... prometeram um viaduto, alargamento das ruas e nada. Mas as decepções que ele provoca acabam impulsionando as apostas: pode apostar!...com o Engenhão a gente acredita, o bairro melhorou, tem gente circulando, é mais bonito, valorizou tudo aqui. Longe de ser a “solução” é a “boa sorte” da cidade: Se não tivessem construído o estádio, isso aqui já teria se transformado num favelão... melhor ter um estádio desses do que uma favela. Como um ornamento (um elefante branco na estante) meio “fora de moda” na cidade, não é uma obra de primeira qualidade, ele é pra inglês ver...pelo menos ficou mais bonito que antes...agora:celebridades! Mas ele trouxe vida ao bairro, é por sua causa que todo mundo lembra do Engenho de Dentro. Ele melhorou o visual, o ambiente, as calçadas, é um bicho impressionante, e vem até turista agora aqui. Ele é uma ilusão. Entre esperança e descrença (a expectativa pro futuro é grande, mas o pessoal não ta acreditando muito...espero que melhore no futuro, mas eu não acredito) este “elefante branco” se mantém presente no cenário urbano, inofensivo, ele parece acomodar-se à cidade: tranqüilo, sem grandes comércios ...tem uma escola pública, botaram um muro no Engenhão e ela ficou lá.... minha casa é agarrada no Engenhão... tem muita sujeira que cai no Estádio porque tem muita árvore e ninguém pra limpar e tem cachorro também. Nesta sua condição de vida “meio morta, lá só teve joguinho de brincadeira! Ele é um lugar do jogo enquanto brincadeira: sua envergadura é a da diversão, do lúdico. Mas é na sua desativação (que ficou desativado), na sua condição (talvez impreterível) do que não se cumpre totalmente, do que decepciona, em seu abandono – e possivelmente por causa disto tudo – é que o jogo e a vida nele acontecem: depois ficou tudo abandonado e o pessoal passou a pular o muro para jogar bola no campinho, a soltar pipa em cima dos trens....a gente ficava brincando de polícia-ladrão...no final de semana as pessoas vinham soltar pipa...e tinha gente que ficava ensinando a dirigir carro... as crianças gostavam de brincar lá dentro. Em seu deserto, tinha pé de melão, manga, bambu. No terreno vazio que não acontecia nada, lá foi o lugar da infância que passei aqui, onde o pai, o tio e o avô trabalhavam. É na disfuncionalidade que ele vive no bairro: quando tem jogo (oficial), eles só abrem as saídas onde não tem comércio, é só prejuízo. Ninguém invadiu nada, ele foi e continua sendo ocupado (pelos desocupados?): clube de idosos, festas...carnaval...meninos que brincam de skate, de bicicleta. Ele é um lugar tipo museu, que não mostra nada de novidade (até hoje não vi novidades com esse museu), pelo contrário, era um depósito de trem, de saudades (sinto saudades daquela época), de fracassos e de expectativas; um campão sem prédios, aberto, parado, cujo destino parece ser o de deixar mesmo um espaço muito grande na cidade, o de circunscrever (enchendo com ferragens, por exemplo) um lugar vazio onde seja possível um a longo prazo (um futuro) na cidade. Espaço (o vazio) condição de possibilidade (lugar da vida). Vão transformar em shopping (outro elefante branco!)...isso sim iria melhorar a área de verdade. A

arquitetura tipo La Bombonera é a da proximidade; arquitetura que aproxima, que insere, que situa o lugar na vida do seu entorno: fica perto do Méier, perto da casa do meu primo; é o lugar onde moro lá perto, e que da minha casa escuto os gols, eu ia jogar bola ali perto. Ele é melhor do que o Maracanã, onde teve as Olimpíadas, onde teve aquelas obras? Para-Pan? Através da mais importante linha do Rio, linha linha Central-Deodoro ele é um lugar de conexão com a cidade, ele localiza, situa: tem a escola técnica por lá, na mesma linha...ficava no Maracanã mas na mesma linha...já a linha da Central ia pra lugares mais chiques...as outras vão para outros subúrbios como Leopoldina...Na minha vida de estudante eu ia do Riachuelo para a Zona Sul e para a Tijuca. Ele nomeia: era oficina de trem, por isto que tem uma rua lá do lado, Rua das Oficinas. Ele faz lembrar outros lugares na cidade; ele está na cidade, entre outros lugares...o jornal disse que é um dos estádios mais modernos do Brasil...eu gosto do Maracanã mas dizem que ele não é moderno. O lugar está próximo daqueles que dele falam: somos moradores daqui e temos curiosidade. Lugar que implica (e mais uma vez, que aproxima), que convoca ao jogo/vida no bairro: tô pretendendo ir lá no sábado, o Flamengo vai jogar...quero ver se é bonito ou não, eu queria ir ver...o pessoal que foi lá gostou da arquitetura. Ele foi um terreno baldio e a prefeitura comprou e fez o estádio: Nele algo aconteceu, se realizou, se concretizou na vida do bairro e das pessoas: onde meu tio e avô trabalhavam, onde tinha um campo de futebol, grêmio recreativo, salão de festas, carnaval. Lugar que realizava eventos para o pessoal da ferrovia, eventos para o bairro...e ontem mesmo teve jogo lá. É o lugar que engendra possibilidades, reais e sonhadas, pois afinal ali não tinha prédio, pelo contrário, era um campo aberto que possibilitou que criassem uma outra envergadura, um lugar diferente, legal, bonito com aquelas tubulações. Como campo aberto, ele transforma-se no espaço da possibilidade, do shopping que tem que sair e se transformar em espaço cultural, com teatro, cinema, restaurante...isso sim iria melhorar a área de verdade, se vier vai melhorar da água pro vinho, tem um projeto aí de construção...planejam fazer alguma coisa, se for de bom a gente fica alegre. Neste campo aberto de possibilidades (de vida), ele é o espaço pra diversão, cuja estrutura, que é muito boa, dá até pra jogar garrafada no juiz se quiser; espaço ocupado pela força desregrada e rebelde da brincadeira e do desejo: onde o pessoal passou a pular o muro para jogar bola no campinho, soltar pipa em cima dos trens, onde as crianças gostavam de brincar lá dentro e os funcionários podiam jogar, onde a gente ficava brincando de polícia-ladrão nos trens...tinha pé de melão, manga, bambu. É um lugar que conserta, movimenta, anima e ilumina, onde tudo era consertado... lugar de muita gente...11 horas saía todo mundo pra almoçar, e a rua ficava cheia; com ele agora ficou mais iluminado pra transitar, a estrutura do bairro melhorou muito com a construção do estádio, o movimento das pessoas aumentou muito... em dia de jogo a rua fica animada...tem gente circulando. Há uma vitalidade no/do lugar: onde era tudo muito bonito, com as grandes máquinas, os grandes motores, as palmeiras centenárias, as 4000 mil pessoas que chegaram a trabalhar lá de dia e de noite. Afinal, ele era uma grande oficina da Estrada de Ferro Central do Brasil e agora é um estádio muito bonito, uma cobertura de luxo... primeiro mundo...melhor que o Maracanã. Sua vitalidade é a do jogo: é um estádio de futebol, que eu gosto tanto, e que faz sentir saudades daquela época. Sua vitalidade também é a da transformação, daquilo que passa, que muda, da morte inerente à vida: tudo foi vendido e parei de trabalhar aqui.. era tudo muito bonito... as grandes máquinas, os grandes motores... faziam até os sinos dessas igrejas, de bronze aqui.... meu tio e avô trabalhavam lá. Passagem esta que transformou o que

tinha vida naquilo (o estádio) que é isso aí, que resolveram isso aí, mas que nem sei o que é isso, está morto, mortinho, existe, está lá, mas não tem vida, que em dia normal fica tudo abandonado. Lugar de jogo, de vida, de morte e de abandono, onde tinha futebol lá dentro e eventos para o pessoal da ferrovia, do bairro, onde chegaram a trabalhar lá até 4000 pessoas, de dia e de noite, e agora tem ferragens para preencher um vazio, um estádio (fantasma) que eterniza (João Havelange) sim, mas não dá vida ao que este sistema constrói, aqui não tem jogos! O Engenhão não é usado mesmo...não existe evento nenhum...fica tudo abandonado... só fica fechado, a comunidade nunca usou as instalações pra nada. Lugar sem nome (me fugiu o nome...como chama?), “território de ninguém”, em que as pessoas foram todas embora... onde nego passa aqui e faz a limpa. Sua natureza (fantasmagórica) é menos uma ilusão, é quase um ilusionismo (seus arcos foram pintados por alpinistas e mudam de lugar!). Ora cheio de trem e de trabalhadores (mais de 4000 trabalhadores de dia e de noite), ora terreno vazio. Jô, vida, morte e abandono num mesmo lugar.

...E o Elefante Branco se Inscreveu na Cidade

O Arquivo Mnemônico do Lugar é uma abordagem para (re)invenção de histórias na/da cidade e não para interpretações dessas histórias ou mesmo da própria cidade.

O Antigo Cassino da Urca e o Engenhão permitiram que histórias na/da cidade fossem inventadas. Lugares em suspensão na cidade provocam acontecimentos que fizeram girar a *ampulheta* da vida dos bairros.

Lugares de Memória? Sim, se com este termo estivermos dotando-os da capacidade, não de refletir algum alívio identitário na cidade, mas, pelo contrário, de provocar rupturas na cidade, e com elas a urgência de memória nessa cidade. *Lugares de Memória* não por conterem (no sentido de conteúdo e de contenção) histórias da cidade, nem por serem muito lembrados, ou por serem marcos urbanos, mas por provocarem *narrativas do lugar*, evocações na/da cidade.

O Cassino da Urca e o Engenhão são *arquivos* do Rio de Janeiro?

Eles não *cristalizam* nem são *refúgios* para uma memória que se esvai – características dos Lugares de Memória para NORA (1997). Não há resíduo de memória neles, mas *intensidades traumáticas* (DELEUZE, 2006).

Brasil-Ruína (ROCHA; ECKERT, 2005), talvez seus lugares de memória não sejam *símbolos brilhantes* de um grupo (NORA, 1997), mas forças sempre a provocar diferença e não identidade, conhecimento e não reconhecimento; forças a instaurar na cidade o *instante do ver* (LACAN, 1945).

Cassino da Urca e Engenhão, “traumas” na *narrativa da cidade* (PEIXOTO, 2002), pedaços de um mundo que nem sempre se compreende e, que por isto, pelo vazio de sua incompreensão, não necessariamente empurram o sujeito à *angústia existencial*, mas o forcem ao encontro com o *petit a* (LACAN, 1988), com o objeto-causa do

desejo, exigindo, assim, o trabalho da memória e a escrita de histórias. Afinal, estes lugares, o Cassino da Urca e o Engenhão – ainda que sem intenção - não acabaram sendo escolhidos para a abordagem justamente por serem “polêmicos”, ou seja, por estarem de alguma maneira mobilizando histórias na cidade?

Qualquer outro espaço na cidade teria provocado *narrativas do lugar*? Talvez sim. Mas o inegável é a riqueza metafórica das narrativas tanto do Cassino da Urca quanto do Engenhão; o “desassossego” e a “ânsia” por se inscrever nos arquivo da cidade parecem, assim, inegáveis a estes lugares.

O Arquivo Mnemônico do Lugar não trouxe nenhuma nitidez da cidade, nem tão pouco uma imagem mais *simples* e *legível* dela. Ele não é uma abordagem de deciframento da cidade, mas de escrituras de memória na/da cidade; não visou mapear nem descortinar o “...*comportamento aparentemente misterioso e indomável das cidades* (JACOBS, 2007), mas escrever histórias de um cidade misteriosa e indomável.

Mas, afinal, para quê escrever histórias da cidade?

Para que (outros) arquivos sejam acionados e outras histórias sejam escritas nesta cidade – da mesma forma como o Arquivo Mnemônico do Lugar foi a “matéria-prima” para Um (outro) Arquivo Mnemônico do Lugar. E quem sabe assim, com muitas histórias, se rompam não só os *silêncios na cidade* (DUARTE; UGLIONE, 2005), mas quaisquer que sejam as demais formas de *analfabetismo* (KOOLHAAS, 2007) da/na cidade.

Escrever histórias não para se redimir do passado ou com o passado, e menos ainda para prever ou se precaver de algum futuro, mas para aguardar (corajosa e esperançosamente) o futuro (irremediavelmente) desconhecido e imprevisível (BENJAMIN, 1996).

Contudo, O Elefante Branco como metáfora que repete (na Narrativa do Cassino da Urca e na Narrativa do Engenhão), que insiste no trabalho de se inscrever nos Arquivos Mnemônicos do Lugar, provoca a pergunta: o que é o Elefante Branco?

Que traço(s) ele simboliza nas Narrativas do Lugar? O que insiste em se inscrever nas Histórias da Cidade, como a lembrar daquilo que talvez se quisesse (para sabe-se lá que bem comum) deixar apagado na memória da cidade?

Elefante Branco, um traço-tipo talvez, *quicá banal* (ROWE; KOETTER, 1975), simples e convencional, através do qual os arquivos da cidade se reconstroem; uma *permanência do glossário dessa cidade* (VENTURI et alli, 2003); ele não é uma materialidade na cidade, mas uma invenção (metafórica) da memória da cidade. Ele é um traço que se inscreveu (bravamente) no arquivo mnemônico da cidade para contar histórias sobre/nesta cidade. Um arquétipo, talvez, ...” *cujo apelo emocional comum desvenda preocupações eternas*” (ROSSI, 2006:381).

Pode ser que ele seja um *modesto vestígio*, um *humilde testemunho*, através dos quais (de traços modestos e humildes) a memória – e não uma *prótese* de memória, como sugere NORA (1997) – é feita; traço *mesquinho* (FOUCAULT, 2005) da memória da cidade.

O Elefante Branco não é uma *moldura* para a memória (HALBWACHS, 1997), ele, enquanto traço inscrito nos Arquivos Mnemônicos dos Lugares, dá contorno, molda realidades na cidade. Ele não pretende definir o que é comum a um grupo e o que diferencia esse grupo dos outros – CHAUI (2007) já mostrou o quanto devemos desconfiar dos anseios por uma *identidade cultural*, na medida em que podem encobrir vontades de separação e de dominação numa sociedade - mas ele une todos ao fazer lembrar a condição de cada um frente ao intocável do real e ao inapreensível do Real (da morte e da impossibilidade de sua representação). O Elefante Branco enquanto metáfora que insiste em se inscrever nos arquivos da cidade, nos lembra que frente a tudo isto somos todos iguais: condenados à memória e às tentativas, através de

repetições diferenciais, de simbolizar o que resiste à representação. Um *totem*, talvez, “colado” nos arquivos da cidade a lembrar a convocação ao trabalho de memória que toda cidade faz a seus acolhidos.

Elefante Branco, “restos” do mundo, estampado/inscrito no arquivo da cidade a descentrar o sujeito, a confrontá-lo com o *estranho* habitar-o-mundo cultural – território dos humanos, nem feito de *coisas concretas*, como supunha NORBERG-SHULTZ (1983), mas tão pouco de *abstrações da ciência*, como ele receava. *Colagem* (ROWE & KOETTER, 1975) “mal feita” (porque metafórica, porque duplo, porque simulacro) na paisagem urbana a desfocar o olho perceptivo e suas funções adaptadoras sempre em busca da estabilidade, e a convocar a vertigem (própria) de todo (des)encontro com o objeto enquanto *Cóisa* (LACAN, 1966). Colagem que dá às vistas o “despedaçamento” da modernidade, não para que com isto o cenário fragmentado desta cidade, o Rio de Janeiro, seja contemplado com encantamento, mas tão pouco para que seja visto nele a prova de um mundo destinado à angústia, à destruição e ao abandono. Elefante Branco e sua *estética negativa* a confundir na percepção na/da cidade “...as fronteiras do feio e do bonito, do horror e do sublime” (SOUZA, 2001:128).

Se o Elefante Branco insiste em se inscrever nos arquivos dos lugares é talvez para que possamos enxergar as formas “desajeitadas” através das quais percebemos a cidade e que, por isto, somos impelidos ao trabalho de memória. Talvez seja por que ainda depositamos alguma esperança nas lisuras da cidade, que o Elefante Branco retornou, e retornou e retornou: para nos fazer (intérpretes e historiadores desta cidade) ver de frente que da lisura – e das promessas de progresso próprias do espírito moderno em seu grande projeto de construção do futuro - só podemos esperar que a vida, junto com a memória, *resvale* (WENDERS, 1994).

Não foi pela sua alta *imagibilidade* – como sugere LYNCH (2007) que o Elefante Branco se inscreveu na memória dos lugares – sim, pois quem negaria que ela (a sua

forma) é bem estruturada, de fácil identificação e compreensão? – mas como metáfora do excesso, do quebrado, do desarrumado, do insignificante (traços que se inscreveram nos Arquivos Metafóricos do Cassino da Urca e do Engenhão e que contam as suas Histórias Metafóricas). Não foi pela sua *boa forma* que ele se inscreveu na cidade, mas pela sua “boa sorte” (outro traços). Não foi a força de sua imagem que o “colou” na memória dos lugares, mas o seu peso e a sua fragilidade que colados nos arquivos, escreveram sobre o abandono, o descaso, a saudade e o fracasso destes/nestes lugares e desta/nesta cidade.

Talvez ele tenha insistido em se inscrever na cidade para nos “curar” da teimosa vontade de verdade (enquanto visibilidade) da cidade.

O Elefante Branco talvez seja uma imagem infantil que se inscreveu no arquivo mnemônico para nos lembrar o quanto existe, como acredita BACHELARD (1974), de sonho e de imaginação na relação que estabelecemos com a cidade. Ou, talvez, seja um detalhe da arquitetura da cidade “mascarado” (metaforizado) por um traço-onírico de Elefante Branco.

Os traços ligados ao Elefante Branco escreveram sobre a decepção na/da cidade: ele parece ser a metáfora do que desilude na cidade para que ela (a *cidade*) *sempre outra de si mesma* (SCHULTZ, 2008) possa continuar a se impor. O Elefante Branco decepciona, mas traz esperança, está escrito nas Histórias do Cassino da Urca e do Engenhão. “*Quando despertamos pela manhã como sabemos que o sonho parou?*” – pergunta MELMAN (2007: 28) – “*sem dúvida é porque tomamos contato com uma forma de decepção que organiza nossa realidade*” – responde ele.

Não parece que, nosso mamute sem cor, tenha se inscrito na memória dos lugares e da cidade para favorecer formas de vida sem “rupturas brutais”, como entende JODELET (2002) a cerca dos efeitos de memória na cidade. Ele é um “trauma” na cidade.

Por fim, o Elefante Branco é um disfarce (DELEUZE, 2006), e, por isto, ele é um pouco (e por definição) incognoscível. Ele é mais do que quer que possa simbolizar, ele é um símbolo do que não pode ser (totalmente) conhecido da /na cidade, nem pela percepção e nem pela memória.

Ele se inscreveu nos Arquivos Mnemônicos do Lugar para nos fazer lembrar de que muitos traços (e quantos!) não estão escritos (em nenhuma) História da Cidade, o que faz com tenhamos a vontade e a coragem de continuar escrevendo (novas)histórias, tanto do Cassino da Urca, quanto do Engenhão e do Rio de Janeiro.

Elefante Branco, *ponto de partida* para perguntas na cidade (MANGUEL, 2003: 276); *distúrbio* da memória (FREUD, 1936) a convocar o sujeito se reencontrar com seus fantasmas, e a se situar na sua própria história.

NORA (1997) atribui à vontade de arquivo uma intenção (culpabilizada) de dar provas a algum tribunal da história. Teria o Arquivo Mnemônico do Lugar trazido ou intencionado trazer alguma prova? Para qual espécie de tribunal estariam sendo dadas ou intencionadas a serem dadas tais provas?

A vontade (ou a dívida?) de escrever uma (pequena) história do Rio de Janeiro. Esta foi a intenção do Arquivo Mnemônico do Lugar: uma maneira (ou uma abordagem) de escrever histórias da/sobre a cidade, de forma a reconhecer o caráter de escritura da memória.

A principal prova que ele intencionou trazer é a de que um arquivo mnemônico não traz provas de nada, embora seja ele um testemunho de que sem dívida (não à história, mas à existência) não há humanidade que se sustente, no sentido daquilo que há de humano em cada um de nós e no sentido daquilo que há de cultura em toda história. Por que seria desmerecedor assumir nossa dívida – e portanto nossa culpa – com o mundo que nos cerca? Nosso compromisso de transmissão, afinal, não vem da nossa dívida com nossas heranças? Por que haveríamos de querer o direito à memória sem o dever de escrever a história? Este não tem sido o drama, o mal-estar do sujeito “*sem gravidade*”, sujeito que vê enormemente simplificada a preocupação de tomar lugar no campo dos deveres, incluídos os deveres de memória (MELMAN, 2008)?

Memória “...*é uma corrente de pensamento contínuo que nada tem de artificial* (NORA, 1997: 84). A memória é lúdica sim, mas não é uma distração da alma. Ela não é um passeio livre por um paraíso ingênuo e intocável pela realidade. Se há uma diferença entre memória e história não parece ser a de uma contraposição entre algo

espontâneo, vivo e algo artificial, *memória-prótese* (estamos voltando à dicotomia verdadeiro/falso, natural/artificial platônica?); entre uma *história-memória* e uma *história-crítica* (NORA, 1997) ou entre uma memória fenomênica e história (HALBWACHS, 1952).

“A história presente obstrui o puro aproveitamento de seu valor teórico como ausência” (KOOLHAAS, 2007:56).

Se há diferenças entre memória e história, uma delas está nas marcas que o desejo e a fantasia deixam no arquivo mnemônico, marcas, estas, impensáveis numa história enquanto reconstituição do passado como ele aconteceu. Se a história é uma *prótese*, como lamenta NORA (1997) é justamente porque, acima de tudo, a memória é invenção – e quanto a isto não parece que haja o que lamentar.

Os animais têm sistemas orgânicos receptores dos estímulos do meio e mecanismos de armazenagem destes estímulos, podendo-se tranquilamente admitir que eles (os animais) possuem, por isto, memória – e os comportamentalistas já demonstraram com muita propriedade as semelhanças, com relação a estas habilidades, entre seres humanos e outros animais. Mas o arquivo humano é desejante. Esta é a diferença; é um arquivo *esburacado* (DERRIDA, 2005), é um arquivo “montado” pelo desejo, pela fantasia. E desejo não é instinto (FREUD, 1920) e, portanto, memória não é guardiã e guia de *necessidades práticas da vida* – e aqui se afastam radicalmente as concepções freudianas e bergsonianas de memória. Não há intenção significadora das coisas do mundo (MERLEAU-PONTY, 2006), mas força desejante nas intenções humanas de significação das coisas do mundo.

Afinal é porque a percepção e a memória são atravessadas pelo desejo que as histórias (humanas) são errantes, e inclusive levam a caminhos “errados”, o que não acontece com os animais que, guiados por uma memória instintiva, trilham seus caminhos em linha certa. Histórias errantes que levam a ver no passado o que não

aconteceu, por exemplo, ou deixar de ver o que aconteceu (FREUD, 1896). Assim são as histórias humanas. Assim são as *narrativas do lugar*, e assim são as *narrativas metafóricas do lugar*.

Se há uma irracionalidade poética na organização da cidade, como sugere BACHELARD (1990), é porque seus arquivos são jogos de linguagem a arrumarem esta cidade não pela informalidade e pela não-funcionalidade – como pensa o autor – mas pelo trabalhoso (e metafórico) ofício da invenção.

“Eu prefiro, de longe, a expressão trabalho de memória a dever de memória, pois não vejo por que a memória seria um dever, enquanto que o trabalho de memória é uma exigência da vida” (RICOEUR, 1998: 9).

Que seja trabalho e não dever de memória, se com isto o autor esteja salientando que não há por que tomar como fardo o que é a condição (exigência) mesma da vida: escrever histórias – o que não deixa de ser construir um presente e um futuro. Se “...o *dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo*” (NORA, 1997: 32) não é porque a memória deixou de ser natural e agora, sob o crivo crítico do historiador, virou (mera) história. É porque ser historiador - ou *intérprete* de arquivos (DERRIDA, 2005) - é o trabalho do (ser humano) vivente. Escrever histórias é compromisso da vida. E compromisso com a vida.

O “arquivamento” (ou a construção de arquivos mnemônicos) não é uma solução para a vontade de não lembrar que estaria presente na sociedade, mas uma possibilidade (talvez a única) de escrever histórias que respeitem a vontade (inevitável e necessária) de esquecer, dessa sociedade. Vontade, esta, inerente ao humano e não exclusividade – deixemos de ser narcisistas! – da época atual.

“Não existe fixidez e imutabilidade no campo do arquivo, que tem que ser remanejado e reconstituído pelos imperativos do sujeito e do

poder...que tem que ser permanentemente apagado para que possa ser renovado” (BIRMAN, 2006: 12).

Como este imperativo de esquecer se havia antes da escrita, certamente é uma questão intrigante, mas o mais importante parece reconhecer que a escrita não foi o declínio da memória, mas uma tecnologia desenvolvida pela humanidade para fazer o seu “trabalho” de memória.

Se há um declínio da (vontade de) memória vinculada às novas tecnologias de informação na sociedade contemporânea, é na medida em que esta máquina de escritura (a informatização) possa ter sido criada na expectativa não de armazenar o que tememos esquecer – como acreditam HUYSSSEN (2005) e NORA (1997) - mas, pelo contrário, de apagar o que tememos esquecer. Uma máquina que, ao leve toque de uma tecla, apagando todos os registros, escreveria (e escreve) histórias sem que os vestígios dos traços apagados permaneçam como marcas no arquivo. Uma máquina diferente (superior!?) do psiquismo que, por sua vez é aquela escritura na qual, como num bloco mágico (FREUD, 1925), os traços, mesmo que imperceptíveis, permanecem como marcas no arquivo.

No (outro) Arquivo Mnemônico do Lugar – que foi um arquivo construído no computador – os traços apagados não estão visíveis no material impresso, mas foram apagados de tal forma que no arquivo gravado (na memória do arquivo) eles estão lá, apenas foram encobertos pelos recursos de escrita (no caso, deixando a cor da fonte na mesma cor do material no qual ela seria impressa). Se ela, esta máquina de escritura que é o computador, pode escrever histórias sem vestígios dos apagamentos, isto sempre será uma escolha de seus usuários/historiadores.

Se esta máquina é vista como superior por esta possibilidade de escrever histórias sem vestígios, então, de fato, pode-se atribuir, à cultura que o concebeu, uma vontade de fazer história sem o dever/trabalho de memória. Vontade de histórias sem erros.

Vontade que condena toda “falha” de memória ao estatuto de doença. E o Mal de Alzheimer talvez seja apenas um arquivo esburacado que não encontra inscrição numa cultura sem peso gravitacional, numa cultura que exclui os tropeços e enganos de sua história e com isto almeja escrever suas histórias sem memória.

Mesmo que o toque seja leve, neste arquivo (informatizado) alguém precisa acionar a tecla “delete” – e este alguém é o historiador, o *intérprete*, novamente ele escrevendo histórias ao apagar traços mnemônicos. Se a cultura faz dele, o historiador de si, um vilão (um *historiador-crítico*) ou um doente, é porque ela (finge) desconhecer o imperativo de seleção de todo arquivo, ela se nega a reconhecer que suas máquinas (por mais precisas e capazes de armazenarem informações) não prescindem do imperativo desejante de todo arquivo humano. Cultura que desconsidera que o destino de todo arquivo é o desaparecimento – assim é com os livros frente à degradação que o tempo faz em seus registros (ou frente ao fogo que pode queimá-los, por exemplo), assim é com o computador ao ser formatado, assim é com o sujeito com sua morte. Pois o arquivo não perpetua vidas, mas inventa possibilidades de existência.

Se alguns historiadores ou intérpretes (arquitetos, planejadores, administradores) dos arquivos da cidade têm representado interesses econômicos e políticos específicos que não estão atrelados aos interesses dos moradores dos bairros – o que aliás está contado nas Histórias da Cidade – isto não significa que história é falsidade, mas significa, mais uma vez lembrando DERRIDA (2005), que arquivo é dispositivo de poder.

ROSSI (2006) não deixa de sugerir este papel de intérprete de arquivos de todo arquiteto, uma vez que, para ele, todo ato de conceber e projetar em arquitetura nasce de um olhar investigativo (do arquiteto) que procura por *objetos que são algo entre inventário e memória* (p. 381).

O Arquivo Mnemônico do Lugar foi uma tentativa de simular – sabendo-se do caráter de duplo, de outro, de toda simulação – o psiquismo em sua tarefa de inscrever traços

e de escrever histórias; tentativa de percorrer passo-a-passo, a memória de um intérprete em sua tarefa subjetiva de construir um (outro) Arquivo Mnemônico do Lugar.

O intérprete de um Arquivo Mnemônico do Lugar é sempre um pouco como “Épido” e sua tragédia: sujeito sabedor da cegueira de sua racionalidade e crédulo nos recomeços que a todo instante assolam sua cidade-morada. Édipo e seu destino de reconstruir, de remanejar a cada instante – com suas histórias da cidade - os pedaços do que, a cada acontecimento, se (des)faz.

Mas ele, este intérprete, também é como Zaratrusta que, em sua subjetividade meditativa, desprende-se do peso de carregar - afinal ele é um sujeito contemporâneo, e por isto moderno em seu *desenraizamento* e em sua *desterritorialização* - um passado pesado demais (enquanto maciço, intacto) na sua memória da cidade. Ele deixa-se levar pelas *forças dionísicas* das metáforas para (re)escrever histórias desta cidade com a qual sua vida parece intimamente ligada, embora com ela (a cidade) consiga manter um sereno distanciamento: não busca através de suas histórias nenhum sinal de monumentalidade desta cidade, nem qualquer referência identitária; escreve histórias despretensiosas, apenas (pequenas) histórias de um historiador *demasiadamente humano*, histórias de um *super-homem* com seus esquecimentos e suas falsificações. Escreve Um (outro) Arquivo Mnemônico do Lugar *esburacado*: as metáforas com as quais representa os traços inscritos em seu arquivo nada mais são do que novos traços a serem (re)inscritos por outros intérpretes.

O anonimato, em princípio, favorece o intérprete do Arquivo Mnemônico do Lugar que, por sua vez, é também um *nômade* que, com seu arquivo, suas narrativas e suas histórias, *estria* (DELEUZE; GUATARRI, 1997) a cidade, obrigando-a a ser, ela e suas *pedras*, um arquivo mnemônico a inscrever e a apagar traços na sua memória. A cidade é um arquivo. A arquitetura é um arquivo.

Há muito a arquitetura abandonou a mimese da realidade (MONTANER, 1997) - isto é parte significativa das rupturas que ela, e não somente ela, mas a arte em geral fez em seu advento como moderna. A apreensão da realidade já não será ofício da 'boa arquitetura' que deixa de perseguir a representação do mundo físico, geográfico ou humano para criar um mundo a existir no (e somente lá) solo das sensibilidades perceptivas. E deixa de fazer porque no fundo o que ocorre é uma libertação que a arte e a arquitetura obtêm do fantasma (platônico) da falsificação.

No que tange às rupturas que a historiografia contemporânea faz com as críticas ao falso – muito presentes na mentalidade historiográfica medieval, LE GOFF (1982) é enfático:

“O documento é inócuo. Antes de mais é o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, também pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura e o testemunho que traz deve ser em primeiro lugar analisados desmistificando o seu significado aparente. O documento é monumento. É o resultado do esforço realizado pelas sociedades históricas para impor ao futuro determinada imagem de si mesmas. No limite, não existe documento-verdade. Todo documento é mentira” (p.114).

Com a reprodução técnica da obra de arte que se dará com o surgimento da fotografia o que ficará explicitamente evidenciado é que a 'autenticidade' de todo objeto da criação artística, de todo espaço projetado é sua condição de 'sombra' (BENJAMIM, 1996), de invenção. *“...O artista moderno rebela-se contra a tirânica subordinação à mimese e contra o princípio da representação”* (MONTANER, 1997: 9). Se o objeto em sua realidade concreta não existe para a realidade humana, a arquitetura aceitará isto em sua marcha revolucionária em direção à construção (teórica e material) do *lugar* e do *ambiente*.

O espaço concreto “perde-se para sempre” momentaneamente ao primeiro toque que o traço arquitetônico faz no ato do projetar e do edificar – esta é a nova verdade

para/da arquitetura. Não há mais espaço (concreto, real, físico) a partir desse momento, sempre inventivo, de criação arquitetônica, mas sim lugares e ambientes: realidades (impreterivelmente) imaginadas, percebidas e desejadas, indistintamente, pelo seu criador e pelo seu receptor.

É consenso na crítica da arte que a tela “As Meninas” de Diego Vélazques, pintada em 1656 anunciou a arte moderna. Nesta obra, lá, nas imagens produzidas pela pintura, onde o observador buscaria o conforto de um sentido o que ele acaba encontrando é o fundo (vazio) do olho (da menina de vestido) que interroga: o que sabes disto? O olhar do observador, do espectador, do usuário que busca o objeto, ou a *Coisa (Das Ding)* para (LACAN, 1966, 1988) encontra o seu vazio, o ‘objeto a’ (*le petit a*), que em seu esvaziamento põe o desejo deste que está de fora da tela, a funcionar.

O *objeto a* está presente em todas as formas de representação, de linguagem, e ele é sempre essa outra coisa que se apresenta ao sujeito como ausência da Coisa; ele representa o inatingível da experiência humana com o real. É ele que se apresenta ao *parlêtre* (ser falante), a este *infeliz sujeito humano* que precisa encontrar uma dose de decepção a cada manhã para que seu desejo possa se articular e faça com que este sujeito, enfim, acorde e viva; esta “(...) *necessidade de decepção sempre indispensável para dar um assento ao sentimento de realidade*” (LEBRUN apud MELMAN, 2003: 37).

Este objeto real ‘perdido para sempre’ já na vida do ‘pequeno infante’ que se inicia na linguagem é o *objeto-causa do desejo* (LACAN, 1966). A linguagem, então, ao mesmo tempo em que afasta o sujeito do real, introduz na sua relação com o mundo o desejo; a linguagem em sua operação de representação do mundo interpõe o desejo na relação do sujeito com os objetos. É no encontro com o *petit a* (encontro com o ausente, com aquele que está perdido para sempre) que os objetos (um, dois, três... n) podem emergir: sempre objetos inventados, ou construídos pelo desejo.

“(...)a descoberta de Freud, se há uma, é nos ter permitido verificar que a relação do sujeito com o mundo, como também com ele mesmo, não é organizado pelo que seria uma ligação direta e simples com um objeto...nossa relação com o mundo e com nós mesmos não é instalada por um objeto, mas pela falta de um objeto...este é o objeto a, objeto causa do desejo para Lacan” (MELMAN, 2003: 21).

(...) ”O objeto é o real ou não? Aquilo que se achou real será o objeto? – pergunta LACAN (1995) e com isso define o status relativo do real, dada a impossibilidade do encontro do sujeito com o objeto. O real é impossível para o sujeito da linguagem, e o real que se apresenta a esse sujeito como realidade está no domínio do imaginário, campo do engano, do ilusório, da alienação.

Quando LACAN (1988) sugere a possibilidade de estatutos diferentes para a arte ele reconhece que algumas obras estariam a serviço do Bem, ou seja, têm a função justamente de ‘foracluir’ o vazio do objeto: obras feitas para o consumo enquanto alternativa social de ‘tapar’ o buraco do vazio. Do ponto de vista da arquitetura pode-se pensar na tendência contemporânea de construir e consumir obras (edifícios ou cidades) como símbolo de poder, de pertencimento, de riqueza, de status. É a cidade-fashion, o edifício-objeto. Essa é a arquitetura que satura, que coloca no lugar do *petit* a uma imagem, um símbolo, um ícone.

A arquitetura, como a arte de modo geral é justamente esta possibilidade da linguagem de ‘contornar o vazio’, como um vaso, diz ainda LACAN (1988) sua materialidade se dá como contorno de um vazio, que é impossível de ser representado: ou seja, ele guarda a presença do ausente. O que encontramos nela não é a Coisa, mas a sua ausência, e o vazio desta ausência é que impulsiona aquele que olha, que usa um espaço a ver, sentir sempre outra(s) coisas(s). Esta é a força simbólica do espaço arquitetônico, ou seja, o deslizamento que ela (pode) produzir.

“Toda cidade viva tem como missão servir de ponte entre o passado e o futuro, já que não pode existir futuro sem memória do passado. Aqui radicam os valores simbólicos dos elementos da cidade, já que simbolizar significa a representação de uma ausência, a expressão de uma memória” (MONTANER, 1997: 163).

Através do imaginário, de suas formas, de sua textura, de suas cores é que a obra se expõe à leitura. Contudo esta dimensão imaginária deve se deixar aberta aos serviços do simbólico, aos efeitos de deslizamento das significações; caso contrário estará a serviço do ilusório.

Esta dimensão ilusória do imaginário é um ponto crucial na teorização psicanalítica, mas que ainda tem pouca repercussão – diferentemente de outras teorias filosóficas e psicológicas contemporâneas que têm rebatimentos muito significativos - nas reflexões da arquitetura acerca da subjetividade e das maneiras como as pessoas habitam e significam espaços de vida.

O Arquivo Mnemônico do Lugar é um elogio à memória como arquivo, e isto está distante de qualquer *atitude conservatória* na cidade (CHOAY, 2007), distante de qualquer perspectiva de etiquetar, de guardar e de expor histórias dela. Longe de qualquer convite a uma *frenética atividade arquivista*, o elogio ao arquivo aqui feito compartilha, antes de tudo, com a impressão de que se “...o excesso está no fundamento do mal-estar contemporâneo (BIRMAN, 2006: 183), não será pela via do acúmulo que se foge do risco de ficar paralisado pela angústia.

Tão pouco é um convite às técnicas de esquecimento do Sr. S: escrever para esquecer.

Se há uma “cura” que venha da memória – esta é a lição que podemos tomar das idéias freudianas - não esta ela do lado de nenhuma *mágica rememorativa* (FREUD, 1914), mas num *ardiloso* BENJAMIN (1995), trabalho de escritura simbólica.

O Arquivo Mnemônico do Lugar é um elogio às invenções de histórias nesta/desta cidade – e isto está longe de um convite a que nos lancemos aos *extremos da ficção* (ATTALI, 2001) no sentido de reduzir toda escritura na/da cidade à escrita de histórias da cidade; elogios a cidades que permitam, pelos seus fragmentos, pelas suas reentrâncias (quem sabe pecando um pouco pela falta de beleza e pela

despreocupação com as regras ordinárias do gosto, da função, da economia imobiliária), *traumas*, rupturas, *acontecimentos* que convoquem a memória, que acionem esta máquina de criar significações - através de metáforas - para a vida. Cidades cujas superfícies *quebradas*, ...”*permitam às pessoas aperceberem-se das marcas do tempo*”. (WENDERS, 1994: 89). Cidades-arquivo a inventarem histórias e a permitirem que histórias sobre elas sejam inventadas.

Cidades que, por sua *natureza embriagadora* (LEACH, 2001), nelas não se “...*registra uma estrita conjunção entre a morfologia espacial e a estruturação das funções sociais, associadas a formas de vida baseadas em obrigações rotineiras, em uma distribuição clara dos papéis e em acontecimentos previsíveis*” (DELGADO, 1999: 7).

Recomeçando Arquivos

Um arquivo não se fecha; ele recomeça a todo instante com as novas inscrições e apagamentos que vão nele acontecendo.

Uma tese não se conclui: recomeça em todo olhar que (re)inscreve e apaga os traços que ela deixou na sua narrativa.

Esta tese é uma (pequena) história de (incontáveis!) acontecimentos que foram mudando a mim e a ela; traumas que fizeram com que, muitas vezes, tudo recomeçasse e recomeçasse mais uma vez. E agora, no momento de colocar o ponto final na sua narrativa e na sua história, sinto que, a qualquer instante, (deveria) recomeçar tudo e fazer uma (outra) tese.

Por isto, na iminência desta vontade de recomeço, entrego-a para vocês, estimados intérpretes.

ÁBALOS, Inãki. **A boa-vida**: visita guiada às casas da modernidade. Barcelona: GG, 2003.

ADJMI, Morris; BERTOLOTTI, Giovanni. **Aldo Rossi**: Drawings and paintings. New York: Princeton Architectural Press, 1993.

AIZEN, Mário. **Urca**: construção e permanência de um bairro. Rio de Janeiro, Coleções Bairros Cariocas, V. 1, Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 1988.

ALTHUSSER, Louis. Um processo sem sujeito e sem fim. In: **Posições** – 1. Rio de Janeiro, Graal, 1978.

ARANTES, Otília. **Urbanismo em fim de linha**. São Paulo: Edusp, 2001.

_____. Arquitetura simulada. In: Novaes, Adauto. **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARGAN, Giulio C. **Arte moderna**. São Paulo : Companhia das Letras, 2004.

ATTALI, Jean. La mutación como superación. In : KOOLHAAAS, Rem et alli. **Mutaciones**. Barcelona, ACTAR, 2001.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares** : introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas : Papyrus, 1994.

AUGRÁS, Monique. **Mil janelas** : teóricos do imaginário. Revista Psicologia Clínica, vol. 12, 1, Rio de Janeiro, 2001.

BACHELARD, Gaston. **La psychanalyse du feu**. Paris : Galimard, 1949.

_____. **La poétique de l'espace**. Paris : PUF, 1974.

_____. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo : Martins Fontes, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAVCAR, Evgen. **Memória do Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica (1936). In : **Obras escolhidas I**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1996.

_____. **Obras escolhidas II**: rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. **Obras escolhidas III**: Charles Baudelaire - um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BILLIG, M; CHURCHMAN, A. Building walls of brick and breaching walls of separation. **Environment and Behavior**, vol. 35, 2, março 2003, 227.

BIRMAN, Joel. **Memória, arquivo e inconsciente**: da história à genealogia. Curso Livre ministrado no Polo de Pensamento Contemporâneo, Rio de Janeiro, julho 2008.

_____. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Un art moyen: essai sur les usages sociaux de la photographie**. Paris: Minuit, 1965.

BORGES, Jorge Luis. O Livro de areia (1975). In: **Obras Completas III**. São Paulo: Editora Globo, 1998.

BOYER, Christine. **The city collective memory**: its historical imagery and architectural entertainment. Cambridge: MIT Press, 1996.

CALLIGARIS, Contardo. A psicanálise e o sujeito colonial. In: SOUZA, Edson Luiz André. **Psicanálise e colonização**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

CHAMIE, Mario. **Horizonte de esgrimas**. Ribeirão Preto: Funped, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2007.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

CONTE, Júlio. O silêncio dos espaços infinitos. In: SOUZA, E.; TESSLER, E.; SLAVUTZKY, A. **A invenção da vida: arte e psicanálise**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

COSTA LIMA, Luiz. **Mimesis e modernidade** : formas das sombras. São Paulo : Paz e Terra, 2003.

D'ALÉSSIO, Márcia. **Memória** : Leituras de M. Halbwachs e P. Nora. In : Revista Brasileira de História. São Paulo : Marco Zero/ANPUH, vol. 13 n. 25/26, pp.97-103, 1993.

DELEUZE, Gilles. **Le Bergsonisme**. Paris : PUF, 1989.

_____. **Diferença e repetição**. São Paulo: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles ; GUATARRI, Felix. **O Anti-édipo** : capitalismo e esquizofrenia, v. 1. Lisboa : Assirio & Alvim, 1996.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, v. 5. São Paulo: 34, 1997.

DELGADO, Manuel. **El animal publico**. Barcelona: Anagrama, 1999.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2005a.

_____. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2005b.

_____. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DUARTE, Cristiane Rose; BRASILEIRO, Alice; SANTANA, Ethel Pinheiro; PAULA, Katia Cristina Lopes de ; VIEIRA, Mariana Dias ; UGLIONE, Paula . O Projeto como Metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. In: Duarte, C.R.; Rheingantz, P.A.; Bronstein, L.; Azevedo, G.A.. (Org.). **O LUGAR DO PROJETO no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.

DUARTE, Cristiane R.; UGLIONE, Paula **A memória coletiva e as transformações do espaço urbano nas cidades latinoamericanas**. In: Anais do XI Seminário de Arquitectura latinoamericana, Cidade do México, 2005.

_____. **A memória dos lugares no espaço urbano**: um estudo na cidade do Rio de Janeiro. In: Anais do II Congresso Internacional de Integração e desenvolvimento Sócio-Cultural, Lisboa, 2004.

EISENMAN, Peter. **Las casas de la memoria**: los textos analógicos. In: FERLENGA, Alberto (org.). Aldo Rossi. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1992.

JAPIASSU, Hilton ; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro : Zahar, 1990.

ELLIN, Nan. At home everywhere and nowhere: making place in the global village. In: MIRA, G. Ricardo; CAMESELLE, S. José; MARTÍNEZ, R. José. **Culture, Environmental action and sustainability**. Cambridge: Hogrefe & HUBER, 2003.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social**. Lisboa: Editorial Teorema, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996a.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. 3 ad. Rio de Janeiro: NAU, 2005.

_____. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1996b.

FRAMPTON, Kenneth. Uma leitura de Heidegger (1974). In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura** : antologia teórica 1965-1995. São Paulo : Cosacnaify, 2006.

FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1893) Estudos sobre a histeria.

_____. (1895) Projeto de uma psicologia.

_____. (1896) A etiologia das neuroses.

_____. (1900) A interpretação dos sonhos.

_____. (1901) Psicopatologia da vida cotidiana.

_____. (1912) Uma nota sobre o inconsciente em psicanálise.

_____. (1913) Totem e tabu.

- _____. (1914) Recordar, repetir e elaborar.
- _____. (1915) Sobre o inconsciente.
- _____. (1917) Luto e melancolia.
- _____. (1919a) O estranho.
- _____. (1919b) Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo das origens das perversões sexuais.
- _____. (1920) Além do princípio do prazer.
- _____. (1923) O ego e o id.
- _____. (1925) Notas sobre o Bloco Mágico.
- _____. (1930) O mal-estar na civilização.
- _____. (1940) Esboço de Psicanálise.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para o seu tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIEDION, Siegfried. **Arquitetura e comunidade**. Lisboa: LBL, 1955.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma**. São Paulo: Escrituras, 2003.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e memória. In: NOVAES, Aduato (org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GUATARRI, Felix. GUATARRI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica : cartografias do desejo**. Petrópolis : Vozes, 1986.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Paris: Albin Michel, 1997.

_____. **Lês cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Universitaires de France, 1952.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

HOLDERLIN, F; DASTUR, F. **Reflexões**: tragédia e modernidade. Rio de Janeiro: Relume, 1994.

HUYSEN, Andreas. **Twilight memories**: marking time in a culture of amnésia. Routledge: London, 1994.

_____. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumento, mídia. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2004.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do social**. Rio de Janeiro, Forense, 1990.

_____. **Espelho das Cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

JODELET, Denise. A cidade e a memória. In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Crisitiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso, **Projeto do Lugar**: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2002.

KOLLHOFF, Hans. Seção Livre: Entrevista de Win Wenders a Hans Kollhoff. In: **Espaços e Debates**, São Paulo, n. 38, pp.83-91, 1994.

KOOLHAAS, Rem. **La ciudad genérica**. 4 ed. Barcelona: GG, 2007.

LACAN, Jacques. **O Seminário: Livro 2** – O eu na teoria e na técnica da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

_____. **O Seminário: Livro 4** – A relação de objeto. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. **O Seminário: Livro 7** – A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. (1945). O tempo lógico e a noção de certeza antecipada. In: **Écrits I**. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

LEACH, Neil. **La an-estética de la arquitectura**. Barcelona: GG, 2001.

LE CORBUSIER. **Urbanismo**. São Paulo : Martins Fontes, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória** : II capítulo - memória . Lisboa, Edições 70, 1982.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo : Companhia das Letras, 2004.

LOBATO, Monteiro. **Cidades mortas**. São Paulo: Globo, 2007.

LURIA, Aleksander R. **A mente e a memória**: um pequeno livro sobre uma vasta memória. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

_____. **A boa forma da cidade**. São Paulo : edições 70, 2007.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Lisboa: Gradiva, 1989.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MANZO, Lynne. Beyond house and haven: toward a revisioning of emotional relationships with places. **Journal of Environmental Psychology**, 23, 2003, 47.

MARRE, Jacques Leon. **História de vida e método biográfico**. Cadernos de Sociologia. Porto Alegre, 17, 1991, 31.

MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade**: gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MONTANER, Josep Maria. **A modernidade superada** : arquitetura, arte e pensamento do século XX. Barcelono : GG, 1997.

MORAES, Eliane R. **O corpo impossível**. São Paulo : Iluminuras, 2002.

MOSAR, Gabriel. **Les stress urbains**. Paris: Armando Colin, 1992.

NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica 1965-1995. São Paulo : Cosacnaify, 2006.

NORA, Pierre. **Entre mémoire et histoire** : la problématique des lieux. In : *Lês Lieux de Mémoires*. Gallimard, Paris, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo : Companhia das Letras, 2007a.

_____. **Segunda consideração intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: 2003.

_____. **Assim falou Zaratustra**. Centauro: Rio de Janeiro, 2007b.

NORBERG-SHULTZ, Christian. O pensamento de heidegger sobre arquitetura (1983). In : NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura** : antologia teórica 1965-1995. São Paulo : Cosacnaify, 2006.

_____. O fenômeno do lugar. (1976). In : NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura** : antologia teórica 1965-1995. São Paulo : Cosacnaify, 2006.

OLIEVENSTEIN, Claude. **Les non-dit de l'émotion**. Paris : Odile Jacob, 1988.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Intervenções urbanas** : Arte/Cidade. São Paulo : SENAC, 2002.

_____. **Paisagens urbanas**. São Paulo: SENAC, 2004.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PERRONE-MOISES, Leyla. **Do Positivismo à Desconstrução**. São Paulo: EDUSP, 2004.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, 3, 1989/1.

PORTELLI, Alessandro. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. 1, 1996, 59

RICOEUR, Paul. Arquitetura e narratividade. In: **Urbanisme**, 303, nov./dez 1998, 44-51.

_____. **Questions de méthode**. Paris: Gallimard, 1960.

RILKE, Rainer Maria (1929). **Cartas a um jovem poeta**. São Paulo: L&PM Pocket, 2006.

ROCHA, Ana Luiza C; ECKERT, Cornélia. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

ROWE, Colin; KOETTER, Fred. Cidade-colagem (1975). In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura** : antologia teórica 1965-1995. São Paulo : Cosacnaify, 2006.

ROSSI, Aldo. Introducción a Boullée. In: BOULLÉE, Étienne-Louis. **Architettura**: saggio sull'arte. Pádua: Marsilio Editori, 1967.

_____. **Autobiografia científica**. Barcelona: GG, 1981.

_____. Uma arquitetura analógica. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica 1965-1995. São Paulo : Cosacnaify, 2006.

SARTRE, Jean Paul. **L'imaginaire** : psychologie phénoménologique de l'imagination. Paris : Galimard, 1986.

SASSEM, SASKIA. Prólogo. In: MORALES-SOLÁ, Ignasi. **Territórios**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. São Paulo: Record, 2003.

SERRES, Michel. **Júlio Verne**: a ciência e o homem contemporâneo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano**. Ed. Guanabara, 1987.

SOLÁ-MORALES, Ignasi. **Diferencias**: topografia de la arquitectura contemporânea. Barcelona: GG, 2003.

SOMMER Bárbara; SOMMER, Robert. **Tools and techniques**. New York: Oxford University Press, 1997.

SOUZA, Edson L. A. Uma estética negativa em Freud. In : SOUZA, E.; TESSLER, E.; SLAVUTZKY, A. **A invenção da vida**: arte e psicanálise. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

THIBAUD, Jean-Paul. Les Cadres sensibles de l'espace souterrain. In: **Actes du Colloque Villes Intérieures de Demain**, Montreal, 1997.

_____. La compréhension de l'expérience sensibles. In: **L'Habilitation à Diriger les Recherches**, 2003, p. 71-86.

SCHULZ, Sonia Hilf. **Estéticas urbanas**: da pólis grega á metrópole contemporânea. Rio de Janeiro : LTC, 2008.

VENTURI, Robert ; SCOTT, B. Denise ; IZENOUR, Steven. **Aprendendo com Las Vegas**: o simbolismo (esquecido) da forma arquitetônica. São Paulo :CasacNaify, 2003.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**: estudos de psicologia histórica. São Paulo: Difel, 1973.

VIDLER, Anthony. Uma teoria sobre o estranhamento familiar (1990). In : NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica 1965-1995. São Paulo : CosacNaify, 2006.

WALTER, Eugene V. **Placeways**: a theory of the human environment. Carolina do Norte: The University of North Carolina Press, 1988.

WARK, Mckenzie. Telegrama desde ninguna parte. In: KOOLHAAS, Rem et alli. **Mutaciones**. Barcelona: ACTAR, 2001.

WENDERS, WIM. Seção Livre: Entrevista de Win Wenders a Hans Kollhoff. In: **Espaços e Debates**, São Paulo, n. 38, pp.83-91, 1994.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.